

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE

MESTRADO

*Pesquisa e Clínica em Psicanálise*

*ANGÉLICA CANTARELLA TIRONI*

SOBRE AS RESSONÂNCIAS DO AMOR NA  
CLÍNICA PSICANALÍTICA

*Dissertação de Mestrado*

RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SOBRE AS RESSONÂNCIAS DO AMOR NA  
CLÍNICA PSICANALÍTICA

*ANGÉLICA CANTARELLA TIRONI*

“Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em  
Psicanálise”

“Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> MARCIA MELLO DE LIMA”

RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 2006

**Para os meus amores**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço,

A Marcia Mello de Lima, pela oportunidade de descobrir a minha escrita através da parceria de trabalho oferecida por sua orientação durante todo este percurso.

A Ana Maria Medeiros da Costa e a Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro por aceitarem o convite para comporem a banca e pelos comentários instigantes que me fizeram avançar desde a qualificação.

A José Luis Leal de Oliveira pelo carinho e paciência que me impulsionaram, sempre alimentada por seu amor.

Aos meus familiares que apostaram comigo na construção deste trabalho e me ensinaram, desde o início, a falar de amor.

Aos meus amigos, pelas palavras de incentivo e pela leitura cuidadosa destes textos.

Aos meus analisandos, por tudo que me ensinaram.

Ao samba, pelo ritmo.

## RESUMO

Esta dissertação investiga as ressonâncias do amor na clínica psicanalítica. Inicialmente abordamos o amor de transferência com base nos textos de Freud e Lacan. Seleccionamos a seguir três figuras do discurso amoroso a partir de balizas lacanianas – o amor platônico, o cortês e o arrebatado. Para abordar cada uma delas, buscamos entrelaçar a literatura e o saber psicanalítico, aproveitando a riqueza que nos oferece a articulação entre psicanálise e arte. A clínica foi apresentada pela leitura psicanalítica de *O Banquete* de Platão, o caso do *Homem dos Ratos* de Freud e pelo comentário lacaniano de *O Deslumbramento*, livro de Marguerite Duras. Finalmente, destacamos alguns pontos comuns aos três amores, pois acreditamos que cada um deles, com características particulares, estruturalmente descreve questões relevantes para o entendimento do amor de uma forma mais ampla.

Palavras-chave: transferência, amor-platônico, amor-cortês, arrebatamento, psicanálise, arte.

## Résumée

Ce travail mène une investigation sur les resonances de l'amour dans la clinique psychanalytique. Nous avons d'abord approché l'amour de transfert a partir des textes de Freud et Lacan. Trois figures du discours amoureux ont été sélectionnées sur des bases lacaniennes – le platonique, le courtois et le ravissement. Pour chacune de ces figures, nous avons voulu tisser un rapport entre littérature et savoir psychanalytique, étant donné la richesse de l'articulation entre la psychanalyse et l'art. La clinique a été présente sous la forme de la lecture psychanalytique du *Banquet* de Platon, du cas de l'*Homme aux rats*, de Freud, et du commentaire lacanien du *Ravissement de Lol V. Stein*, de Duras. Finalement, nous avons souligné quelques point communs de ces trois amours, car il nous semble que chacun vise des questions précises qui cependant contribuent à une approche de l'amour sous un angle plus général.

**Mots-clés** : Transfert, amour platonique, amour courtois, ravissement, psychanalyse, art.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | 01 |
| <b>CAPÍTULO I - PROBLEMATIZANDO O AMOR: DA COMÉDIA DA COMPLETUDE À SOLIDARIEDADE COM A FALTA</b> | 11 |
| 1.1. Uma leitura orientada de <i>O Banquete</i>  | 11 |
| 1.2. A comédia de um saber que se estrutura como não-todo  | 20 |
| 1.3. O amor como um dos pontos de basta  | 23 |
| 1.4. A significação do amor: uma metáfora topológica   | 28 |
| 1.5. O amor é um signo que vetoriza o sujeito  | 31 |
| 1.6. O amor é uma suplência  | 35 |
| <b>CAPÍTULO II - O AMOR CORTÊS É UM SEMBLANTE QUE VELA A INEXISTÊNCIA DA RELAÇÃO SEXUAL</b>      | 43 |
| 2.1. As ressonâncias do amor cortês na vida amorosa atual  | 43 |
| 2.2. Uma modificação na estrutura de Eros  | 53 |
| 2.3. Da sublimação à idealização   | 59 |
| 2.4. Um exemplo clínico do amor cortês   | 68 |
| <b>CAPÍTULO III: A MULHER ARREBATADA E SEU GOZO</b>  | 76 |
| 3.1. A Lol literária na escrita de Marguerite Duras  | 76 |

|   |     |
|---|-----|
| 3.2. A psicose de Lol V. Stein                                  | 81  |
| 3.3. O arrebatamento de uma mulher                              | 88  |
| 3.4. O olhar e a mancha   | 95  |
| 3.5. O ser-a-três e o sofisma dos três prisioneiros             | 99  |
| 3.6. Os impasses na subjetivação e o desencadeamento da loucura | 101 |
| 3.7. Uma possibilidade de fazer existir <i>A Mulher</i>         | 107 |
| <b>CONCLUSÃO</b>  | 114 |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b>   | 120 |

## INTRODUÇÃO

*Conhecemos muito pouco a natureza do amor para sermos capazes de chegar, aqui, a alguma conclusão definitiva (...) <sup>1</sup>.*

Com a pluralidade de materiais existentes, o desafio inicial desta dissertação foi nos concentrarmos em um recorte que pudesse dar sustentabilidade à proposta de trabalho definida como uma investigação “Sobre as ressonâncias do amor na clínica psicanalítica”.

A clínica esteve presente todo o tempo em que o edifício teórico estava sendo erguido, pois o enlaçamento entre ambos é uma das características essenciais da psicanálise. O primeiro passo foi abordar o amor de transferência, afinal, o amor interessa à psicanálise na medida em que foi colocado como peça fundamental para se pensar a transferência. A definimos em Freud e em Lacan, tomando como eixo a articulação entre a posição do analista e a questão do amor.

No primeiro capítulo, trabalhamos a partir do seminário em que Lacan comentou *O Banquete* <sup>2</sup> de Platão. A importância de elaborar uma dissertação incluindo esta literatura é enfatizada pela afirmação de que *O Banquete* é uma mostra do amor em nossa era cultural <sup>3</sup>. Apresentamos uma descrição da cerimônia realizada em comemoração à vitória de Agatão no concurso de

---

<sup>1</sup> FREUD, S. - *Notas Sobre Um Caso de Neurose Obsessiva* [1909], in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, vol. X, 1996, p. 207.

<sup>2</sup> PLATÃO - *O Banquete*. Belém, EDUFPA, 2001.

<sup>3</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 8: a transferência* (1960-1961) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p. 169.

tragédias, optando por descrever ao leitor, inicialmente, o cenário e os personagens platônicos. Os sete discursos que compõem *O Banquete* foram comentados. Analisamos cada um deles individualmente, mas também em série, o que nos permitiu situar o momento de virada discursiva que fornece novo sentido a tudo que havia sido dito sobre o amor, antes da aparição de Alcibiades.

Neste capítulo, foram destacadas quatro vias de discussão selecionadas da leitura de Lacan e exemplificadas pelo texto de Platão: *o amor é um sentimento cômico*<sup>4</sup>, *o amor é dar o que não se tem*<sup>5</sup>, *o amor é uma metáfora*<sup>6</sup> e *o amor certamente faz signo*<sup>7</sup>.

O poeta grego Aristófanes é a referência de estudos quando se trata da Comédia Antiga por reunir em sua obra “*a criação poética da escrita, com a arte da encenação*”<sup>8</sup>. Freud foi o primeiro a citar Aristófanes, utilizando o mito da derrisão da esfera para falar sobre a origem da sexualidade e do amor. Lacan utilizou algumas peças desta obra para elaborações psicanalíticas, o que nos indica uma articulação fecunda entre a literatura e a psicanálise. Um exemplo disto é a definição lacaniana do poeta como um *bufão*, que, através da completude apresentada neste mito, inscreve um caráter derrisório ao discurso sobre o amor.

Na segunda via de discussão, apresentamos a relação do sujeito desejanste com um objeto precioso expressa por Lacan na articulação lógica de um par formado pelo amante, *érastès*, e pelo amado, *érôménos*. Elegendo a cena do encontro de Sócrates e Alcibiades, ele procurou enfatizar que a relação entre o amante e o amado é, essencialmente, uma relação marcada por uma disparidade de lugares.

O amante é o sujeito do desejo, deseja aquele que supõe possuir o objeto precioso capaz de velar imaginariamente sua

---

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 41.

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p. 41.

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 47.

<sup>7</sup> Idem - *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 12.

<sup>8</sup> CALDAS, H. – *Aristófanes: o saber e a comédia*, in *O desejo é o diabo*, Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1999, p. 113.

falta constitutiva. Aquilo que estruturalmente lhe falta, acredita que vai encontrar no outro através do amor, ignorando o fato que todo sujeito possui uma falta no lugar do objeto de seu desejo. O amado é o objeto amoroso desejado, aquele que supostamente tem em posse alguma coisa oculta que atrai a atenção para si. O que fornece ao amado um brilho diferente que o destaca dos demais foi expresso por Lacan pelo *agalma*, definido como diferentes tipos de objetos que possuem a característica de serem preciosos a ponto de mobilizar um sujeito em sua falta, causando-o ao lugar do desejo. Sócrates recusou fornecer a Alcibiades os signos do desejo, por saber que no lugar em que havia a suposição do *agalma*, existia apenas um oco: a sabedoria que faltava a Alcibiades não era o que Sócrates tinha para dar.

O amor é uma metáfora realizada no momento em que érastès - érôménos basculam em seus lugares: nesta substituição lógica, o amante deverá ocupar a função do objeto de amor enquanto o amado se tornará o sujeito da falta (assim, do desejo). A metáfora gera a significação do amor que fornece, por um momento fugaz, a ilusão de uma reciprocidade amorosa que vela de forma imaginária a disparidade característica do par amoroso.

Através de Lacan abordamos o amor não apenas como metáfora, mas também como signo. As relações amorosas efetuam-se com base em signos - moedas de desejo do Outro - e inscrevem o amor na ordem da demanda, a mercê de todos os seus efeitos. Os signos de amor não se bastam na articulação simbólica, exigindo que o sujeito lhes forneça um sentido legível. Marcados pela insatisfação, eles demandam sempre outros signos na tentativa de obter uma solução significativa plena que ofereceria a possibilidade de unidade com o semelhante, aproximando ao máximo demanda e satisfação. A diferença entre o que se alcança e o que resta para obter a plena satisfação é o que mantém vivo o desejo e inscreve a relação completa e satisfatória proposta pelo amor na ordem da derrisão.

O segundo capítulo da dissertação apresenta o amor cortês a partir da história do universo trovadoresco, movimento literário iniciado na Alemanha em torno do século XII que atingiu vários países, dentre os quais a França, a Inglaterra e a Espanha. Foi um ideal que deu origem à estrutura de uma moral e balizou uma série de comportamentos. Era uma organização extremamente refinada e complexa, cujas normas regulavam as trocas entre parceiros. O trovador dirigia seu amor à Dama através de poesias cantadas, estruturadas por um sistema fixo códigos nomeado de leis do amor. Naquela época, o trovador estava destinado a ser o servo de uma mulher situada como um objeto elevado a um ideal. Ele dirigia seu lamento àquela que lhe propunha o ritual de vassalagem amorosa, uma maneira de retenção e de suspensão da ordem sexual.

A maneira idealizada que os poetas cantavam a Dama não correspondia em nada à realidade social do feudalismo. Mas, em consonância com a cultura da época, a mulher era esvaziada de toda substância real, apresentada com caracteres despersonalizados e situada no centro vazio denominado de *das Ding*, se tornando, imaginariamente, seu representante.

Para Lacan o amor cortês é a invenção de um laço para-além da erótica, na medida em que encena o impossível da relação sexual <sup>9</sup>. Na tentativa de velar esta impossibilidade, as poesias são semblantes que fazem existir algo no lugar em que não existe possibilidade de encontro no nível simbólico.

Os semblantes nos fizeram abrir um parêntese para localizarmos o primeiro e o segundo ensino de Lacan a partir da divisão didática de Jacques Alain Miller <sup>10</sup>. Concluimos dizendo que Lacan inscreveu um fracasso universal no campo da sexualidade humana, uma falha de saber que impede a elaboração de um programa que permita o acesso do sujeito ao Outro sexo. A inexistência da relação

---

<sup>9</sup> STEVENS, A. – *Amor e Nome-do-Pai* (2006) in *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* - nº. 56, Minas Gerais, Agosto 2006, p. 21.

<sup>10</sup> MILLER, J.-A. - *Percurso de Lacan: uma introdução* (1984) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, p. 15.

sexual aponta para algo do real que escapa à significação e que determina o que dali pode ser inscrito como semblante.

Lacan ressaltou, através da referência aos textos freudianos, uma modificação histórica na estrutura de Eros. O objeto se deslocou do lugar de causa - da função de vazio que mantém o desejo - para um lugar em que está suposto como completude significante. A valorização do objeto na vida amorosa atual anuncia a promessa de felicidade pela via do amor <sup>11</sup>. O amante projeta no objeto amoroso a ilusão de que pode receber aquilo que lhe falta, ofertando em troca a desejada completude imaginária prometida na paixão. Como este encontro é marcado por uma impossibilidade, os objetos, por mais diversos, são descartados assim que se tornam inadequados à satisfação de um circuito que é instituído estruturalmente para manter-se sempre em movimento.

Para uma investigação mais precisa sobre a relação do sujeito com o objeto amoroso, demos relevância à inscrição de termos freudianos como *narcisismo*, *identificação*, *idealização* e *ambivalência*, que articulados, deram um novo contorno ao entendimento do amor. Observando a vida erótica, Freud estabeleceu diferenciações em relação às escolhas de objeto no homem e na mulher. Os tipos de ligação anaclítico e narcísico foram definidos, o que nos possibilitou a conclusão de que o amor é sempre narcísico, pois mesmo que passe por um objeto é em relação ao retorno do investimento que o sujeito se lança.

No nível da pulsão, a inexistência de um objeto que encerre a retomada do circuito e a existência de um resto da operação de inscrição pulsional coloca o sujeito diante de impasses que serão abordados a partir dos destinos e das vicissitudes pulsionais teorizados por Freud.

A pulsão foi descrita com quatro características fundamentais: a origem (*Quelle*), a pressão (*Drang*), o objeto (*Objekt*) e

---

<sup>11</sup> FERREIRA, N. P. - *Paixão e Revolução* (1997) Rio de Janeiro, EdUERJ, 1997.

a finalidade (*Ziel*). Ela é a representação psíquica de um processo somático que acontece no interior dos órgãos de um corpo, em zonas erógenas particularmente acentuadas. Da fonte pulsional emana uma pressão que é a força motora que impulsiona a pulsão em direção a sua finalidade, descarregar um *quantum* de excitação ou reduzi-lo ao nível mais baixo possível. A pulsão é fundamentalmente uma reivindicação permanente de satisfação, uma exigência constante de caráter imperativo. O objeto que utilizará para atingir esta finalidade é o que há de mais diverso e menos estreitamente ligado à pulsão, para surpresa de Freud.

Em 1915 Freud escreveu sobre quatro destinos pulsionais: a transformação no seu contrário, o retorno sobre a própria pessoa, o recalque e a sublimação. Os destinos pulsionais foram abordados, pois Lacan se referiu às poesias trovadorescas como um exemplo de sublimação que situa o objeto feminino no lugar de *das Ding*. Ao mesmo tempo em que é articulada a uma cadeia tornando-se acessível ao simbólico, a Dama é mantida como um objeto sem representação significativa, exigindo que o trovador tentasse acessar a parte que não era passível de inscrição em versos de amor.

Sentimos as ressonâncias do amor cortês na vida amorosa atual, pois este deixou suas marcas na erótica ocidental e nas fantasias de cada sujeito. Extraímos do caso freudiano do Homem dos Ratos alguns fragmentos que nos tornou possível apresentar clinicamente esta afirmação lacaniana.

No amor do Homem dos Ratos, o desejo sexual estava velado por idéias obsessivas que se apresentavam inicialmente como pequenas ordens sem sentido: sentia impulsos vingativos em relação à dama, ao mesmo tempo em que formulava uma obsessão de protegê-la para evitar o sentimento de culpa se algo a acontecesse.

Ao ser colocada como a Dama do amor cortês - caracterizada pela inacessibilidade e idealização - ela herdava a interdição que pesava sobre a figura da mãe, a quem o Homem dos Ratos desejava de uma forma sublimada em seu amor puro de toda sensualidade. Tal como os poetas trovadores que usavam pseudônimos para ocultar o nome da Dama, o Homem dos Ratos, através de sua fórmula defensiva - *Gleijsamen* - ocultava o nome de Gisela.

Ele colocava a dama venerada em um lugar inacessível, alienando-se de seu desejo em suas idéias obsessivas. Colocava *sêmen* - enquanto significante - em contato com a mulher amada através de sua fórmula defensiva, unindo-se sexualmente a ela de uma maneira sublimada. Podemos concluir assim que o amor cortês do Homem dos Ratos é uma tentativa de velar, através da sublimação, o que existe de impossível em uma relação amorosa.

O terceiro capítulo da dissertação foi escrito a partir de uma leitura de *O Deslumbramento*, de Marguerite Duras. Após um breve relato do livro com o intuito de situarmos o leitor, nos concentramos em eleger alguns recortes para continuarmos avançando na discussão sobre ressonâncias do amor na clínica psicanalítica.

Construir o caso Lol a partir do livro foi uma das especificidades do trabalho, pois a personagem principal sobre a qual se concentra a maior parte deste capítulo é uma ficção. Trabalhar sobre uma figura literária é estar imerso nas palavras do autor, no caso de *O Deslumbramento* o campo se torna ainda mais limitado, pois Duras responsabilizou Jacques Hold - um dos personagens da história - por dar consciência de ser a Lol.

Marguerite Duras reservou o desencadeamento do delírio de Lol para o final do romance, mas desde o início deixava pistas desta psicose. Para o avanço da dissertação foi preciso diagnosticar Lol através das estruturas clínicas freudianas. A teoria freudiana afirma que, na psicose, a libido investida nos objetos externos se volta para o

eu causando manifestações positivas como fenômenos elementares, distúrbios de linguagem e delírios que, segundo o autor, é uma nova realidade construída na tentativa de reparar um distúrbio entre o ego e a realidade <sup>12</sup>. Preocupado com uma delimitação clínica, Freud esteve em busca de um mecanismo psíquico para a psicose que equivalesse ao recalçamento neurótico. A psicose foi dividida em dois tipos clínicos independentes, a esquizofrenia e a paranóia, definidas em suas distinções estruturais, nos permitiu localizar, com mais precisão, uma suposição diagnóstica para Lol.

Na década de 50 Lacan retomou, desde Freud, a psicose em oposição à neurose, centrando suas formulações em torno da forclusão do Nome-do-Pai e permitindo um avanço em relação ao mecanismo próprio da psicose. Na década de 60, este significativo operatório se tornou um dentre muitos e a psicose foi generalizada, cabendo a cada estrutura uma modalidade distinta de suplência à inconsistência do Outro. A clínica da psicose se tornou um paradigma da experiência analítica e foi o vetor de nosso trabalho neste presente capítulo.

A partir da leitura do livro de Duras, Lacan explorou o significativo arrebatamento <sup>13</sup>, fazendo dele uma operação lógica que permitiu localizarmos o gozo de Lol na cena em que é olhada enquanto assiste a tudo expulsa de seu corpo, sem poder simbolizar o acontecido. O fim do arrebatamento causou em Lol uma experiência de despersonalização, pois as imagens que a recobriam lhe foram retiradas com a saída do casal, no fim do baile. A falta de um suporte significativo para dar conta do acontecido foi velada por uma fantasia que tinha a função de vestir uma falta mais radical experimentada por Lol; foi uma invenção que lhe permitiu permanecer ligada a si mesma. Após o baile, o noivo teria despido o vestido daquela que bastou entrar para

---

<sup>12</sup> FREUD, S. - *Neurose e psicose* (1924[1923]), in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., p. 206.

<sup>13</sup> LACAN, J. - *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein* (1965) in Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

conquistá-lo. Apartada desta cena, ficou em contato com um vazio que a impeliu a buscar um corpo capaz de velar seu falta-a-ser.

Lacan marcou no livro de Duras a existência de dois ternários, estruturas fundamentais que permitiam Lol fazer suplência ao corpo que lhe faltava desde a infância. O primeiro foi composto pelo arrebatamento de dois unidos numa dança sob o olhar fixo de Lol. O segundo foi formado quando ela começou o trabalho de construção da fantasia do vestido, retomando seu lugar de gozo na relação entre a amiga do colégio e o amante. Capturada pelo objeto *a* situado sob o vestido, a nudez de Anne-Marie e posteriormente a de Tatiana, atraíram o olhar de Lol encantando-a.

O ser-a-três, criação lacaniana para falar destes ternários, funcionava como uma metáfora delirante protegendo Lol com semblantes que mantinham sua psicose fora do desencadeamento. O olhar que lhe restituía um lugar de gozo revelava a presença do objeto *a* enquanto dejetivo, inundando a cena com o gozo escópico. Sem a imagem do corpo de uma mulher para velar o real de seu gozo Lol se tornou puro olhar.

O *Deslumbramento* trouxe, desde o início, o olhar como uma baliza capaz de situar de forma distinta cada um dos personagens de Duras. Retomamos os tempos da pulsão escópica instituídos por Freud para afirmar que Lol não é voyeur, mas, situada enquanto olhar, se realiza fixada em seu gozo. Utilizamos o sofisma lacaniano dos três prisioneiros para situarmos os personagens nos três *momentos de evidência* - o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir - esclarecendo o desencadeamento da psicose de Lol através destes momentos lógicos.

O desencadeamento aconteceu quando foi oferecida a oportunidade de Lol vivenciar o gozo da mulher a partir de seu próprio corpo. A impossibilidade de sustentar um corpo de mulher a levou a um impasse subjetivo: era-lhe inviável subjetivar este gozo, deslocado no ser-a-três para um outro corpo. No momento em que esta estrutura deixou de funcionar a crise se abriu.

O ser-a-três foi a maneira psicótica que Lol encontrou para fazer existir A Mulher <sup>14</sup>. Para emprendermos uma leitura desta questão, optamos pelo uso das fórmulas de sexuação. Segundo Lacan, com a forclusão do significante Nome-do-Pai, apenas os quantificadores que negam a função fálica podem estar presentes, impelindo o psicótico a se posicionar enquanto exceção. Do lado homem ou mulher das fórmulas que negam a função fálica, o psicótico está sempre no lugar daquilo que falta ao Outro, tentando fazer existir a relação sexual e A Mulher.

Se o amor é uma suplência à inexistência da relação sexual e o psicótico faz consistir esta relação, qual seria a função do amor nesta estrutura? O amor de Lol se configura na invenção do ser-a-três que lhe permitiu realizar uma metáfora de corpo. Ao efetuar a conjunção imagem-objeto, permaneceu aí ligada por um laço imaginariamente indissolúvel. Além do caráter desencadeante, o amor pode ser uma possibilidade de nomeação capaz de fazer barreira ao gozo do Outro e inscrever uma distância mínima entre o sujeito e o objeto *a* que o psicótico carrega consigo.

---

<sup>14</sup> MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso* (1999-2000) Buenos Aires, Paidós, 2004, p. 493.

## CAPÍTULO I

### PROBLEMATIZANDO O AMOR: DA COMÉDIA DA COMPLETUDE À SOLIDARIEDADE COM A FALTA

*(...) o que eu digo do amor é certamente que não se pode falar dele* <sup>15</sup>.

#### 1.1. Uma leitura orientada de *O Banquete*

O início da experiência analítica foi marcado pelo amor. O amor presente na história da psicanálise, personificado pelo encontro do doutor Joseph Breuer com Anna O., levou o médico a deixar o tratamento de sua paciente afetada por uma gravidez psicológica, questionando se ele teria sido vitimado por uma contratransferência. O tratamento de Anna O. ocorreu entre os anos de 1880 e 1882. Breuer naquela época era um médico de reputação clínica em Viena; amigo de Freud há vários anos, contou-lhe sobre este tratamento, o que causou muito interesse naquele que acabara de se formar em medicina e estava envolto em pesquisas sobre o sistema nervoso.

Em 1886, de volta a Viena dos anos de trabalho em Paris com Charcot, Freud prescrevia os métodos terapêuticos tradicionalmente recomendados: hidroterapia, eletroterapia, massagens e repouso. Insatisfeito com os resultados, experimentou a hipnose com a qual começou colher avanços mais animadores para sua clínica

---

<sup>15</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 21.

predominantemente voltada para o tratamento das histéricas. A hipnose era um instrumento com o qual Freud pretendia precipitar, em seus pacientes, a produção de materiais provenientes do inconsciente, avançando para além das investigações de processos conscientes. Naquele momento, retomou as anotações feitas anos antes por Breuer, material fundamental para a formação da psicanálise.

É possível afirmar que os *Estudos sobre a histeria*<sup>16</sup> pode ser considerado o início da formação do método clínico psicanalítico. Por mais que Freud já houvesse percebido a transferência, ela não estava bem delimitada enquanto conceito. Foi a “Idade de Ouro” da psicanálise<sup>17</sup>, momento em que a interpretação era o instrumento de intervenção no inconsciente e os sintomas se desfaziam pela decifração. Em pouco tempo de trabalho aconteceu um fechamento do inconsciente e Freud começou a analisar as resistências. A partir daí, a transferência foi nomeada e definida tanto no seu lado de instrumento da técnica analítica quanto em seu lado de obstáculo à cura do paciente.

Segundo Jacques-Alain Miller, Freud diferenciou três formas de transferência durante sua obra<sup>18</sup>. A primeira delas estava relacionada à repetição onde a atualização de reações infantis se apresenta inadequada à situação atual. A outra forma de transferência estava identificada à resistência, uma força muito poderosa que impede o tratamento. A terceira é a sugestão que, num primeiro momento, influenciou os resultados da psicanálise.

Para Freud, a transferência é um fenômeno causado durante o tratamento analítico, efeito de uma fala endereçada ao médico eleito para ser investido de catexias libidinais decorrentes de impulsos retirados de clichês estereotípicos que constituem a vida erótica do paciente. Freud recomendou os médicos recusarem qualquer forma de retribuição de sentimentos suscitados, pois, satisfazê-los seria simplesmente um apaziguamento momentâneo, nunca se alcançando a

---

<sup>16</sup> FREUD, S. – *Estudos sobre a histeria* [1893-1895] in *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. II, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

<sup>17</sup> MILLER, J.-A. – *A transferência de Freud a Lacan* (1979) in *Percurso de Lacan: uma introdução*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, p. 57.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p. 58.

satisfação real. Deveriam estar advertidos de que o amor do paciente foi induzido pela situação analítica e não pelos atributos do analista e fazer uso dele apenas como ferramenta para o avanço do tratamento. Apesar disso, o autor definiu a transferência como um verdadeiro relacionamento amoroso com tempo indeterminado, mesmo que não devesse durar para sempre. É o que destaca Lacan:

*Nas observações sobre o amor de transferência, Freud não hesita em chamar a transferência pelo nome de amor. Freud elude tão pouco o fenômeno amoroso, passional, no seu sentido mais concreto, que chega a dizer que não há, entre a transferência e o que chamamos na vida o amor, nenhuma distinção verdadeiramente essencial. A estrutura desse fenômeno artificial que é a transferência e a do fenômeno espontâneo que chamamos amor, e muito precisamente o amor-paixão, são, no plano psíquico, equivalentes*<sup>19</sup>.

O amor interessa à psicanálise na medida em que foi colocado como peça fundamental para se pensar a transferência. Lacan avançou em relação a Freud inscrevendo a transferência como um amor vetorizado para a busca de uma verdade sobre aquilo que faz o sujeito sofrer. Para que possa haver a construção de um saber sobre o que faz enigma, é imprescindível uma dessimetria entre sujeito e analista. De outro modo, o sintoma é uma crença em relação a algo desconhecido ao sujeito, mas que o determina. Através da transferência, o analista deve colocar o sujeito no jogo de articulação significante em busca de uma resposta ao vazio de significado que o sujeito insiste em significar.

A conceitualização lacaniana da transferência inseriu elementos inéditos como o Sujeito suposto Saber e o Outro. O primeiro foi introduzido em 1961, definindo o posicionamento do analista em um semblante capaz de inscrever um não-sentido na construção imaginária de sentido que leve o sujeito a transferir saber ao campo do Outro.

*Para o significante da demanda tornar-se significante da transferência é necessário haver um significado específico (s, sob a barra). No sujeito afetado por um sintoma, esse significado é*

---

<sup>19</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 108.

*uma incógnita, ele não sabe o que quer dizer, porém tem certeza que significa alguma coisa (...) Quando na cadeia de significação, na qual se busca e se representa, o sujeito encontra um vazio de significado e tem certeza que significa algo a ele relacionado, mesmo que não saiba o quê, encontramos-nos na condição de estabelecimento do sujeito suposto saber*<sup>20</sup>.

Lacan ilustrou a maneira como o analista deve dar testemunho de que sabe algo sobre o amor com algumas passagens selecionadas de *O Banquete*.

*(...) esse diálogo de Platão se situa, historicamente, na origem, não somente do que se pode chamar de uma explicação do amor em nossa era cultural, mas de um desenvolvimento dessa função, que é, em suma, a mais profunda, a mais radical, a mais misteriosa das relações entre os sujeitos*<sup>21</sup>.

*O Banquete* foi uma cerimônia realizada durante um jantar na casa de Agatão em comemoração à sua vitória no concurso de tragédias. Os convidados instituíram um outro concurso durante a reunião: propuseram prestar, através de um discurso, um elogio ao Amor. Os sete discursos que constituem *O Banquete* foram narrados por Apolodoro a Glauco – e a um companheiro –, que há tempos lhe procurava em busca de informações a respeito do que havia acontecido entre os convivas reunidos naquela noite. Apolodoro ainda era criança quando a cerimônia foi realizada, narrando a eles o que havia escutado de Aristodemo, um dos participantes daquele simpósio.

A literatura indica uma construção secular e extensa de saber sobre o amor. Jacques Lacan reservou os anos de 1960 e 1961 para trabalhar a questão da transferência e decidiu fazer um comentário detalhado sobre *O Banquete* de Platão, exemplificando suas afirmações sobre o amor com recortes deste texto poético. Definiu a estrutura do *Banquete* da seguinte forma:

---

<sup>20</sup> MANZETTI, R. E. – *Transferência 2, in Scilicet dos Nomes do Pai*. AMP, Textos preparatórios para o Congresso de Roma de julho de 2006, p. 177.

<sup>21</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 8: a transferência (1960-1961)* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p. 169.

*É uma cerimônia com regras, uma espécie de rito, de concurso íntimo entre pessoas da elite, de jogo de sociedade. A realização de um tal simpósio não é, portanto, um simples pretexto para o diálogo de Platão, mas refere-se a hábitos, costumes reais diversamente praticados conforme as localidades da Grécia e, digamos, o nível cultural. O regulamento que ali se impõe nada tem de excepcional – que cada um dê sua quota, sob forma de uma pequena contribuição, que consiste num discurso pautado sobre um tema* <sup>22</sup>.

De acordo com Erixímaco, toda vez que Fedro lhe encontrava dizia que os poetas compunham hinos a todos os grandes deuses, com exceção de Eros que ainda não havia sido homenageado. Como Fedro havia proposto o tema, foi o primeiro conviva a discursar. Utilizando os versos de Hesíodo, descreveu Eros como o mais antigo dos deuses, nascido logo após o caos, prescindido de pai e mãe. Segundo Lacan, Fedro apresentou o amor por uma via teológica, “(...) o amor como princípio do sacrifício último” <sup>23</sup>, ilustrando-o através do exército tebano, uma legião invencível pela autoridade moral que os enamorados exerciam entre si. O amante e o amado juntos venceriam o mundo inteiro e só eles seriam capazes de morrer pelo outro.

*Eros é o mais antigo e o mais respeitável dos deuses, como também o mais autorizado para levar os homens à posse da virtude e da felicidade, tanto nesta vida como depois da morte* <sup>24</sup>.

Fedro, através de Aquiles e Pátroclo, deu exemplos mitológicos deste amor divino. Como relata a *Iliada*, Aquiles foi enviado pelos deuses para a ilha dos Bem-aventurados, por ter saído em defesa de seu amigo Pátroclo, vingado sua morte e se sacrificado em seguida. Aquiles era o amado e, pelo ato de aceitar seu destino, fez da morte de Pátroclo uma dívida a qual teria que responder.

Alceste foi uma personagem da mitologia que deu provas de seu amor ao se prontificar a morrer no lugar do marido Admeto, para que ele escapasse da morte. Pela admiração dos deuses pelo seu ato, permitiram que sua alma retornasse do Hades. Tanto

---

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, p. 29.

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*, p. 52.

<sup>24</sup> PLATÃO - *O Banquete*. Belém, EDUFPA, 2001, p. 34.

Alceste quanto Aquiles foram homenageados pelos deuses pelo sacrifício da própria vida em nome de um outro a quem amavam.

Pausânias disse haver duas ordens de amor – Afrodite urânia ou Afrodite pandêmia - e que a primeira questão que se colocava em seu discurso era saber qual delas elogiar. A Afrodite pandêmia era vulgar, pois os rapazes tomados por esta deusa “*revelam mais amor ao corpo do que à alma*”<sup>25</sup>. Por esta predileção, eram inconstantes, ameaçando abandonar o amado quando o corpo perdesse o viço.

A Afrodite urânia era a fusão dos dois princípios: o amor aos jovens e a prática da Filosofia. O amor dito superior girava em torno da aquisição e da posse de bens que podiam ser virtudes, educação, ciência, mérito ou bens eternos, em outras palavras, o Bem proposto pela moral e pela religião grega. Desta forma, o amor era constituído por uma estrutura de troca: quando Afrodite urânia participava de uma união, de comum acordo, o amante se propunha a servir ao amado em tudo o que lhe fosse possível e o outro, por sua vez, estava encarregado a conceder sabedoria, aprimorando a educação e apresentando-lhe os diferentes ramos do saber.

Lacan marcou que, para Platão, o discurso de Pausânias foi algo derrisório, pois se Aristófanes – que pelo lugar que se situava no *Banquete* era quem deveria falar em seguida - estava com soluços, foi por ter passado todo o tempo rindo do que estava sendo dito<sup>26</sup>. O tratamento derrisório dado a este discurso assenta-se sobre a valorização da virtude dado às diferentes formas de relação amorosa.

No discurso de Erixímaco, a influência de Eros não era sentida apenas na relação entre os homens, mas também na “*ordem das coisas divinas*”<sup>27</sup>, como por exemplo, nos animais, na terra e na natureza. A Medicina, a Música e a Astronomia eram marcadas por Eros Urânia e Pandêmia, causando tanto a harmonia quanto a discordância, tanto o estado de saúde quanto o de doença. Os sinais do

---

<sup>25</sup> Idem, *ibidem*, p. 35.

<sup>26</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 8: a transferência*, op. cit., p. 68.

<sup>27</sup> PLATÃO – *O Banquete*, op. cit., p. 41.

amor a ser cultivado, se encontram nas composições harmônicas, na concordância entre elementos hostis, na medida comum de termos discordantes. Pela influência destas deusas o amor deveria ser exercido com moderação e a colheita do prazer mantida sob vigilância severa <sup>28</sup>.

Ao falar sobre o amor, Aristófanes relatou um tempo de suposta completude dos homens, um momento em que a falta não existia e que cada corpo estava unido com seu par. Neste mito, todos os homens eram redondos, “*com o dorso e os flancos como uma bola*” <sup>29</sup>. Eram de força e vigor extraordinários, e por serem dotados de coragem sem par, atacaram os próprios deuses. Diante disto, Zeus se reuniu com as demais divindades para decidirem o que fazer com a indisciplina dos humanos, resolvendo enfraquecê-los, dividi-los ao meio. O efeito deste corte foi que:

*Cada um de nós, por conseguinte, só é homem pela metade (...). De um passaram a ser dois, do que resulta viverem todos a procurar sua metade complementar. Desde então é inato nos homens o amor de uns para os outros, o amor que restabelece nossa primitiva natureza e que, no empenho de formar de dois seres um único, sana a natureza humana* <sup>30</sup>.

Com a separação, cada parte iniciou a busca por sua outra metade, e, quando estas se encontravam, abraçava-se numa tentativa de se fundirem novamente num só corpo, o que lhes acarretava a morte por fome ou inanição, visto não quererem fazer nada separados:

*(...) unir-se ao objeto amado e com ele fundir-se, para formarem um único ser, em vez de dois. E a razão disso é que primitivamente era assim nossa natureza, e nós formávamos um todo homogêneo. A saudade desse todo e o empenho de restabelecê-lo é o que denominamos amor* <sup>31</sup>.

Lacan considera Aristófanes o grande cômico da cerimônia, um *bufão* <sup>32</sup>. Após o soluço encerrado pelo tratamento do

---

<sup>28</sup> Idem, ibidem, p. 43.

<sup>29</sup> Idem, ibidem, p. 46.

<sup>30</sup> Idem, ibidem, p. 48.

<sup>31</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 8: a transferência*, op. cit., p. 92.

<sup>32</sup> Idem, ibidem, p. 91.

espirro, disse que Eros era o deus mais amigo dos homens, por esta razão seria preciso venerá-lo, construir templos e realizar sacrifícios em sua homenagem. “*Aristófanes é o primeiro que fala do amor, meu Deus, como nós falamos dele, e diz coisas que causam impressão violenta*”<sup>33</sup>.

Agatão iniciou seu discurso revelando o que era o Amor, para depois listar os benefícios e as dádivas concedidas por este Deus, aos homens. Para ele, o Amor se revelava temperante na questão dos prazeres e dos apetites e por isso estava no princípio das leis da cidade. No elogio, Agatão descreveu o Amor como belo, jovem, delicado, brando, justo, corajoso e sábio, e recebeu aplausos estrondosos pela maneira como se expressou. O caráter derrisório é efeito da marca do exagero presente em todo momento deste discurso.

Sócrates iniciou seu elogio com a seguinte questão: “*Faz parte da natureza do Amor, ser amor de alguma coisa, ou de nada?*”<sup>34</sup>. E avançou com uma nova pergunta a Agatão: “*(...) o Amor deseja ou não deseja aquilo que ele ama?*”<sup>35</sup>. A articulação dos termos amor e desejo coloca em discussão a função da falta, vazio sempre velado pela concepção de plenitude e satisfação embutidas no amor. Sócrates, em diálogo com Agatão, orientou o início de seu elogio afirmando que o Amor deseja aquilo que ama exatamente porque não o possui. Neste ponto, vale relembrar o aforismo lacaniano de que *amar é dar o que não se tem*.

*(...) todos os que têm desejos, só almeja aquilo de que não dispõe nem possui num dado momento; o que não se tem, o que ainda não existe e o de que se carece: eis, precisamente, o objeto do desejo e do amor*<sup>36</sup>.

Sócrates falou de Eros através das palavras que escutou de Diotima, mulher de Mantinéia que o ensinou sobre as questões do amor. Ela lhe disse que se o amor deseja aquilo do que carece é por ser despossuído do que é bom e belo e, portanto, não

---

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>34</sup> PLATÃO – *O Banquete*, op. cit., p. 59.

<sup>35</sup> Idem, *ibidem*, p. 60.

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*, p. 61.

deveria ser considerado um deus, como Sócrates vinha supondo. Ele descreveu Eros a partir do mito do nascimento do Amor, que lhe foi contado por Diotima. Lacan marcou a existência de inúmeros mitos sobre o nascimento do amor na literatura antiga, mas afirma nunca ter encontrado nada parecido ao mito enunciado por Sócrates no *Banquete*.

*Quando se chega, e em muitos outros campos além daquele do amor, a um certo termo que não pode ser obtido no plano da épistèmè, do saber, para ir mais além, é necessário o mito*<sup>37</sup>.

No mito, Eros é filho de Poros e Penia, do Expediente e da Pobreza. Durante o banquete em comemoração ao nascimento de Afrodite, a Pobreza que havia ido à cerimônia mendigar, encontrou Expediente embriagado, adormecido no jardim. Aproveitou a oportunidade para ter um filho com ele, concebendo Eros. Pela influência das características de seus pais, Eros nasceu com certos predicados: ao mesmo tempo em que era pobre e companheiro constante da indigência pelo lado materno, vivia imaginando artimanhas para capturar tudo o que era bom e belo.

Diotima disse a Sócrates que, por haver acreditado que Eros fosse constituído por este par de significantes, ele supunha o Amor apenas no indivíduo amado, esquecendo-se da carência que situa o amante na relação. Seguindo este raciocínio, ela lhe falou sobre uma teoria que definia o amar pela busca de uma outra metade de si mesmo – teoria tão clara no discurso sobre a derrisão da esfera de Aristófanes. Já que o desejo é justificado pela transformação de Um em dois seres, a castração inscreve a falta que movimenta a busca de um sujeito por aquilo que não tem.

## **1.2. A comédia de um saber que se estrutura como não-todo**

*O amor sexual é indubitavelmente uma das principais coisas da vida, e a união da*

---

<sup>37</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 8: a transferência*, op. cit., p. 123.

*satisfação mental e física no gozo do amor constitui um de seus pontos culminantes* <sup>38</sup>.

Segundo Lacan, o poeta grego Aristófanes é a referência de estudos quando se trata da Comédia Antiga por reunir em sua obra “*a criação poética da escrita, com a arte da encenação*” <sup>39</sup>, levando-a, através do teatro, a um grande número de pessoas. Lacan utilizou algumas destas obras, especialmente em 1957-1958 <sup>40</sup>, ao falar sobre as formações do inconsciente. Isto indica uma articulação possível entre a psicanálise e a literatura que, apesar de lidar com a questão do saber e da verdade de forma distinta, pode acrescentar muito na teoria psicanalítica.

Freud foi o primeiro a citar Aristófanes, utilizando o mito da derrisão da esfera para falar sobre a origem da sexualidade e do amor <sup>41</sup>. De acordo com o mito, a operação de separação do Um instituiu a necessidade de reunião que restauraria o estado anterior das coisas, onde plenitude e perfeição significantizavam e davam a imagem àqueles seres duplos. Como foi dito anteriormente, Lacan definiu o poeta como um *bufão*, pois a idéia da completude trazida por Aristófanes inscreve um caráter derrisório ao discurso sobre o amor.

*A comédia assume, colhe, desfruta da relação com um efeito que está fundamentalmente relacionado com a ordem significante, qual seja, o aparecimento do significado chamado falo* <sup>42</sup>.

Lacan afirmou que o amor é cômico <sup>43</sup>. A comicidade se estabelece no eixo imaginário a-a', quando o sujeito identifica o outro ao falo e, por esta razão, o faz amado. O efeito desta operação é a

---

<sup>38</sup> FREUD, S. – *Observações sobre o amor transferencial (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise)* [1915[1914]] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XII, op. cit., p. 187.

<sup>39</sup> CALDAS, H. – *Aristófanes: o saber e a comédia*, in O desejo é o diabo, Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1999, p. 113.

<sup>40</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957 – 1958)* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999

<sup>41</sup> FREUD, S. – *Além do princípio de prazer (1920)* in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII, op. cit., p. 68.

<sup>42</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, op. cit., p. 273.

<sup>43</sup> Idem, *ibidem*, p. 144.

tentativa de transformar dois em Um, fazendo do *éromènos* objeto privilegiado para velar a falta inscrita pela ordem significante. No amor, tenta-se estabelecer um significado fixo ao falo, negando o movimento metonímico da cadeia na ordem do desejo.

Lacan distinguiu o cômico da comédia <sup>44</sup>. O primeiro tem uma relação estreita com Outro, onde “*todo significante de investidura fálica é avalizado*” <sup>45</sup>. No amor, o sujeito legitima o objeto à dignidade de Outro supondo em sua fala o estatuto de verdade. Na comédia, o espectador é o lugar privilegiado que não pode ser dispensado, pois, para que ela aconteça, é necessário que o público possa dividir socialmente o prazer libertador que ela causa.

Lacan inseriu o cômico e a comédia na categoria do risível, ou seja, daquilo que provoca o riso. “*O riso, com efeito, toca em tudo o que é imitação, dublê, máscara, e, se olharmos mais de perto, veremos que não se trata apenas da máscara, mas do desmascaramento (...)*” <sup>46</sup>. O que o provoca é um modo de relação do sujeito com o fracasso em realizar plenamente o desejo - encenado como aquilo que escapa e tropeça – causado pela estrutura que o coloca sobredeterminado aos efeitos significantes.

“*A comédia antiga nasce do culto ao falo*” <sup>47</sup>. O significante falo tem uma posição subjetiva privilegiada na economia psíquica, e seu papel é fazer com que o sujeito se inscreva e permaneça apenas à ordem significante. Por permitir a inscrição da significação sexual, a incidência do significante falo funda a estrutura constitutiva do desejo e faz deste um desejo significado a partir de um ato de significação.

*De certo modo, esse é um significante-encruzilhada. Para ele converge, mais ou menos, o que aconteceu durante a captação do sujeito humano no sistema significante, visto que é preciso*

---

<sup>44</sup> Idem, *ibidem*, p. 272.

<sup>45</sup> CALDAS, H. – *Aristófanes: o saber e a comédia*, op. cit., p. 118.

<sup>46</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, op. cit., p. 136.

<sup>47</sup> CALDAS, H. – *Aristófanes: o saber e a comédia*, op. cit., p. 116.

*que seu desejo passe por este sistema para se fazer reconhecer, e que é profundamente modificado por ele* <sup>48</sup>.

Segundo Lacan, a dimensão cômica na Comédia Antiga é criada pela exposição de forma caricaturada deste significante que o sujeito tenta, a todo custo, manter escondido. O aparecimento do falo, mesmo que seja para ser escondido depois, causa o riso e fornece o acesso àquilo que escapa à barreira instituída pelo campo simbólico. O falo é o significante desta escapada <sup>49</sup> com o qual a comédia falseia a sobredeterminação significante como se fosse possível estabelecer uma relação distinta com o campo do Outro. Neste jogo de des-velamento, a comédia atribui ao falo um gozo possível de ser desfrutado.

*A comédia, ao apresentar o falo de forma falsa e caricata, evidencia sua verdadeira função: o falo serve para gozar. O falo é o significante que investe algo de valor – valor de gozo* <sup>50</sup>.

As comédias eram um instrumento de denuncia e crítica à política, aos ideais e às instituições, apresentando o falo imaginário no lugar em que valores simbólicos estavam instituídos. As peças, na Grécia Antiga, eram criadas e representadas por homens travestidos e mascarados, sem a menor possibilidade de participação das mulheres. Apresentar a regra universal da castração de forma exagerada era velar a condição humana sempre imersa em questões que tocam a falta e o desejo.

Anos mais tarde, Lacan acrescentou que o falo “*é um cômico como todos os cômicos, é um cômico triste*” <sup>51</sup>. O cômico está sempre ligado à tragédia e não se pode considerá-lo independente, pois o sujeito sempre fracassa na tentativa de suspender o trágico da vida humana que se anuncia na submissão à ordem significante.

---

<sup>48</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, op. cit., p. 299.

<sup>49</sup> Idem – *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor 1997, p. 376.

<sup>50</sup> CALDAS, H. – *Aristófanes: o saber e a comédia*, in *O desejo é o diabo*, op. cit., p. 116.

<sup>51</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 22: R.S.I. (1974 – 1975)* Inédito, aula de 11 de março de 1975.

*Se as tragédias aniquilavam o sujeito diante da força de seu destino, trabalhando desta maneira com a vertente mortífera do efeito significante, as comédias, por outro lado, mais prosaicas, imputavam ao falo um gozo possível e vivificante, pois dele extraíam o valor absoluto e ilimitado* <sup>52</sup>.

A verdade visa o real e se revela como um ideal do qual a palavra se torna o suporte. Pelo fato de ser não-toda inscrita, de só poder ser semi-dita, a verdade se articula ao saber de forma limitada: é possível constituir algo de um saber sobre a verdade, e é exatamente este fato que produz, no sujeito, o efeito cômico.

### **1.3. O amor como um dos pontos de basta**

*(...) somente os que seguem uma forma particular de amor e a ela se dedicam é que recebem o nome de todo o gênero: amor, amar, amante* <sup>53</sup>.

Após discursarem sobre o amor fazendo elogio de Eros, Alcibiades chegou bêbado pedindo permissão para entrar na cerimônia. Ao lhe concederem, foi auxiliado por seus companheiros a se reclinar ao lado de Agatão, coroando-o com fitas pela vitória do concurso de tragédias ocorrido na noite anterior. Alcibiades deitou-se entre Agatão e Sócrates, que havia se afastado para abrir lugar ao recém-chegado. Diante do fato, Sócrates disse: “*Agatão, (...), vê se te é possível proteger-me; o amor deste mancebo me causa sérios incômodos*” <sup>54</sup>. Alcibiades se elegeu presidente da cerimônia e mudou o acordo que regulava as regras dos discursos: a partir daquele momento cada um falaria sobre amor a seu vizinho da direita, regados pelo máximo que pudessem beber. Desde aí, não foi mais a Eros que endereçaram os elogios, e sim a um outro designado pela ordem que ocupavam nos leitos.

A entrada de Alcibiades correspondeu à subversão de todas as regras. O que aconteceu entre ele e Sócrates estava para além

---

<sup>52</sup> CALDAS, H. – *Aristófanes: o saber e a comédia*, in *O desejo é o diabo*, op. cit., p. 117.

<sup>53</sup> PLATÃO – *O Banquete*, op. cit., p. 68.

<sup>54</sup> Idem, *ibidem*, p. 79.

da estrutura determinada inicialmente para os discursos do banquete: “(...) é precisamente neste ponto, quanto ao diálogo, que reside a passagem da metáfora. O elogio do outro não substitui o elogio do amor, mas o próprio amor, e isso desde logo”<sup>55</sup>.

Ao elogiar Sócrates, Alcibiades recorreu à imagem dos silenos – *imagem rude e derrisória* - que guardavam em seu bojo estátuas dos deuses, a maravilha da virtude divina. Destacou a semelhança de Sócrates com os sátiros - em especial Mársias, um exímio flautista que enfeitiçava quem o escutasse tocar seu instrumento. Sócrates provocava no homem que o escutava, apenas com palavras, o mesmo encantamento que o músico e sua flauta. Alcibiades considerava Sócrates possuidor de uma imensa sabedoria sobre aquilo que um homem precisa para se tornar bom e nobre. Seus discursos tinham o poder de comover por serem divinos, causando arrebatamento naqueles que lhe escutavam.

*Passa a vida a brincar com os homens, fingindo-se ignorante; mas, quando fica sério e se deixa abrir, não sei de alguém que já houvesse percebido as belas imagens contidas no seu bojo (...) E como imaginava que ele tinha em grande conta minha beleza, fiquei certo de que se tratava de um achado de rara felicidade: estava em minhas mãos entregar-me a Sócrates e aprender tudo o que ele sabia, pois eu confiava enormemente nos meus atrativos pessoais*<sup>56</sup>.

A etimologia da palavra *agalma* é ambígua, pois, segundo Lacan, o radical *agamai* significa admiração, inveja, ciúmes e uma idéia de brilho<sup>57</sup>. *Agalma* se refere a diferentes tipos de objetos que possuem a característica de serem preciosos, expressando com frequência uma noção de riqueza. O sujeito se torna desejante diante do *agalma* que tem o poder de mobilizá-lo em sua falta, causando-o enquanto sujeito desejante.

---

<sup>55</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 8: a transferência*, op. cit., p. 153.

<sup>56</sup> PLATÃO – *O Banquete*, op. cit., p. 84.

<sup>57</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 8: a transferência*, op. cit., p. 145.

Conforme já mencionado na introdução desta dissertação a relação do sujeito desejante com um objeto precioso será expressa por Lacan na articulação lógica de um par formado pelo amante, *érastès*, e pelo amado, *érôménos*. Elegendo a cena do encontro de Sócrates e Alcibiades, ele procura enfatizar que a relação entre o amante e o amado é, essencialmente, uma relação marcada por uma disparidade de lugares. O amante é o sujeito do desejo, deseja aquele que supõe possuir o objeto precioso capaz de velar imaginariamente sua falta constitutiva. Aquilo que estruturalmente lhe falta, acredita que vai encontrar no outro através do amor, ignorando o fato que todo sujeito possui uma falta no lugar do objeto de seu desejo. O amado é o objeto amoroso desejado, aquele que supostamente tem em posse alguma coisa oculta que atrai a atenção para si.

É a partir da relação dispar estabelecida no par amoroso, que Lacan afirma não haver sintonia no amor: o que falta a um não é o que o outro tem para dar. A comédia do amor está no momento em que o sujeito do desejo percebe que aquilo que o objeto amoroso supostamente possui, não tem relação com aquilo lhe falta.

*Entre esses dois termos que constituem, em sua essência, o amante e o amado, observem que não há nenhuma coincidência. O que falta a um não é o que existe, escondido no outro. Aí está todo o problema do amor*<sup>58</sup>.

Alcibiades acreditava que uma declaração amorosa de Sócrates seria capaz de lhe dar todo o saber acumulado pelo amado. A história ressalta que Sócrates foi o primeiro homem a amá-lo e, desde que se enamorou dele, Alcibiades se entregou a incríveis excessos por ciúmes ou inveja. Sócrates que se situava inicialmente como um amante desejante por Alcibiades, se tornou um objeto de amor desde o elogio do suposto amado. Alcibiades, após a metáfora que o fez substituir Sócrates no lugar de desejante, sofreu todas as

---

<sup>58</sup> Idem, *ibidem*, p. 46.

conseqüências do arrebatamento característico deste lugar em que a falta está mobilizada.

*Compreendemos então, a natureza dessa resposta falsa ou enganosa que é a transformação do amado em amante: acometido pelo desejo do amante, o amado não dá a este último o “objeto” desconhecido que buscava no amado, não lhe mostra mais do que uma troca de posição, um nada que deixa totalmente sem interesse o movimento de “resposta” e que não satisfaz o amante, senão subtraindo-lhe o objeto fascinante, que por sua vez se converte de amado em amante* <sup>59</sup>.

A estrutura que permite a metáfora do amor se realiza quando algo colocado pelo sujeito no lugar de seu objeto o faz esquecer a falta. Mas isso só é possível porque a falta, que já está nomeada, coloca o sujeito como desejante no discurso do amor. O encontro entre Alcibiades e Sócrates ilustra a tentativa do primeiro em colocar o segundo na conversão amorosa, transformando-se em amado e o capturando da cadeia metonímica do desejo.

A problemática do desejo tem relação próxima com a satisfação e, pelo movimento metonímico, apresenta sua excentricidade. O desejo não está vinculado diretamente ao objeto que o satisfaz, pois ele não se esgota simplesmente nesta relação. Para além disso, Lacan formalizou a dependência ao desejo do Outro que, ao mesmo tempo em que vetoriza o sujeito em direção ao próprio desejo o desorganiza, pois o significado do desejo do Outro é uma incógnita para o sujeito.

Alcibiades acreditava na existência do objeto do desejo e o supunha em Sócrates. O jovem supunha que Sócrates possuía aquilo que o tornaria um homem melhor, porque via nele uma beleza de outra qualidade, um brilho que diferia dos demais. Alcibiades lhe propôs uma troca entre o viço de sua jovialidade e o

---

<sup>59</sup> LE BRUN, J. – *El amor puro, de Platón a Lacan* (2002) Buenos Aires, Literales Ediciones, 2004, p. 35. No original: “Compreendemos entonces la naturaleza de esa respuesta falsa o engañosa que es la transformación del amado en amante: acometido por el deseo del amante, el amado no le da a este último el “objeto” desconocido que buscaba en el amado, no le muestra más que un cambio de posición, una nada que deja totalmente sin interés al movimiento de “respuesta” y que no satisface al amante sino sustrayéndole el objeto fascinante, que a su vez se convierte de amado en amante”.

poder agalmático do saber de Sócrates. Nas palavras de Lacan, o “logro da beleza pela verdade, (...) isso nada mais significa que trocar cobre por ouro”<sup>60</sup>.

Por compreender o que está em jogo na questão do amor, Sócrates recusou a posição de *érômenos*, pois sabia que o verdadeiro interesse de Alcibiades era por sua sabedoria. Retirou-se do lugar de *érômenos* e apontou Agatão como objeto de discurso de Alcibiades, por saber que em relação ao objeto de que se trata não se tem nada além do que sua significação. O efeito final é que Sócrates passou de amado a amante, mas fora do círculo do amor que faria a inversão continuar entre os dois protagonistas pela eternidade.

Avançando com a questão da metáfora, pode-se situar Sócrates na posição de um analista que recusa fornecer a Alcibiades os signos do desejo, por saber que no lugar em que havia a suposição do agalma, existe apenas um oco, um “(...) *não-saber constituído como tal, como vazio, como apelo do vazio no centro do saber*”<sup>61</sup>. Ainda em relação a esta passagem do texto platônico, pode-se dizer que a interpretação de Sócrates ao discurso de Alcibiades é da ordem do engano. Uma interpretação orientada colocaria Alcibiades diante do fato de que não só Sócrates, mas também Agatão não é o objeto, pois o objeto é um *nada*, um *a*, puro resto.

O término do discurso de Alcibiades foi acompanhado de um acesso de risos. Todos gargalharam de sua franqueza ao deixar clara sua paixão por Sócrates. Para além de um elogio à pessoa de Sócrates, o principal objetivo do discurso de Alcibiades era afastá-lo de Agatão. Com uma interpretação, Sócrates desvelou a verdade escondida com tanta habilidade naquele discurso:

---

<sup>60</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 8: a transferência*, op. cit., p. 157.

<sup>61</sup> Idem, *ibidem*, p. 158.

*Dás-me a impressão de não teres bebido, Alcibiades, lhe disse; de outra forma não terias conseguido ocultar tão habilmente nesses circunlóquios o objetivo principal do teu discurso, para revelá-lo somente no fim, como se se tratasse de matéria secundária, e não houvesse dito tudo aquilo com o propósito de malquistar-me com Agatão, por estares convencido de que só eu é que devo amar-te, mais ninguém, e que Agatão, por sua vez, só pode ser amado por ti* <sup>62</sup>.

Os elogios foram finalizados naquele instante, pois a cerimônia foi invadida por uma turma de bêbados que, ao passar pelo local, encontraram a porta aberta. Entrando e acomodando-se nos leitos, a desordem tomou a cena e todos se viram obrigados a beber. Os motivos desta suspensão do banquete de Platão poderá ser explicada pelo que se segue abaixo.

#### **1.4. A significação do amor: uma metáfora topológica**

*É isso o amor. É seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu realizado ao nível imaginário* <sup>63</sup>.

Fedro falou do amor pela via religiosa e etnográfica. Para introduzir o elogio do amor descreveu Eros como o mais antigo deus, embasando-se nos versos de Hesíodo e Parmênides - poetas que escreveram sobre a teogonia dos deuses. A partir da afirmação mítica de que Eros foi o primeiro deus a nascer, Lacan apontou *das Ding* para explicar a inexistência de uma genealogia do amor. Segundo ele, *das Ding* é o ponto inicial da organização da realidade psíquica, que instaura uma gravitação em torno do qual giram as representações. Situando-se sempre à parte das inscrições simbólicas, precisam da função significante dos mitos para enunciar o impossível, as criações *ex-nihilo*, *a partir do nada*, histórias que possam dar conta daquilo que não poderia ser expresso.

---

<sup>62</sup> PLATÃO – *O Banquete*, op. cit., p. 91.

<sup>63</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro I: os escritos técnicos de Freud*, op. cit., p. 167.

Lacan destacou a importância que os deuses ganharam neste diálogo e os comentou a partir da articulação com os registros do Simbólico, do Imaginário e do Real. A pergunta introduzida por Fedro - sobre o amor ser ou não um deus - se sustentou durante todo o texto e caiu ao final dos discursos com uma negação trazida por Sócrates através de Diotima. Para Lacan, os deuses eram um modo de apresentação do real apenso à categoria do simbólico em sua articulação significativa. Ao colocar em Hesíodo uma origem distinta da dos versos de Parmênides, Fedro forneceu ao seu elogio um toque essencialmente teológico, trazendo a baila o amor divino da tradição cristã. Sobre esta teogonia só é possível falar através dos mitos que permitem uma inscrição significativa daquilo que se articula ao inexplicável do real.

*O deus cristão, que é este meio-caminho de que lhes falei entre teogonia e ateísmo do ponto de vista de sua organização interna, esse deus trino, um em três, o que é ele? – senão a articulação radical do parentesco como tal, no que este tem de mais irredutivelmente, misteriosamente simbólico. A relação mais oculta, e, como diz Freud, menos natural, a mais puramente simbólica, é a relação do pai com o filho. E o terceiro termo permanece ali presente sob o nome de amor<sup>64</sup>.*

A tradição cristã acabou com o registro dos deuses, oferecendo em troca o amor trino que estabelece uma relação distinta do sujeito com seu próprio desejo e com toda a significação do amor. Os dogmas cristãos foram destinados a evitar toda a errância no sexo e no amor. Através da culpa, a Igreja constituiu uma teologia moralizada que instituiu uma relação com o Outro, enlaçada ao sacrifício como forma de redenção. O cristianismo inscreveu o amor a Deus como uma função simbólica e o ofereceu aos fiéis como redenção e mandamento. Este amor foi interposto entre o corpo do sujeito e o do seu semelhante, vis-à-vis à imagem de perfeição e esvaziamento sexual emanadas por Ele.

---

<sup>64</sup> Idem - *O Seminário, livro 8: a transferência*, op. cit., p. 58-59.

O cristianismo inscreveu a questão do desejo de forma problemática. O lugar do Outro Deus na tradição católica toma a forma do Um que existe. Com este estatuto de verdade, a Igreja tentou fazer de Deus um ser único e universal, fonte de um poder exercido pelos mandamentos morais escatológicos, transmitidos aos fiéis. “*A singularidade da causa do desejo de cada um é assim sacrificada em função de uma verdade para todos*”<sup>65</sup>. A religião denega aquilo que existe de mais fundamental no sujeito, que é a singularidade da verdade como causa. O fiel entrega a Deus a responsabilidade de ser causa de seu desejo, e submete sua demanda e esta incumbência. A partir daí se estabelece o jogo do amor.

Fedro ilustrou a força do amor cristão com o exército tebano. Um exército de amantes e de amados seria invencível, pois, a honra e a autoridade moral deveriam ser representadas para o parceiro até o sacrifício último do esforço humano. O amor era um laço contra o qual nenhuma força humana poderia vencer. Fedro relatou três histórias de amor - a Alceste e a de Admeto, a de Orfeu e Eurídice e a de Aquiles e Pátroclo - e as fez competir na procura de uma definição que expressasse o que seria um mérito mais elevado aos olhos dos deuses, quando se trata das manifestações do amor.

Alceste se colocou no lugar do marido Admeto e o substituiu - ser por ser - na morte, realizando a metáfora do amor de forma literal. No amor, é em relação ao ser do outro que o sujeito se dirige, em busca daquilo que lhe é suscetível de provocar o desejo. O ser do outro no desejo não é nunca um sujeito, mas sim um outro visado enquanto um objeto que seja capaz de lhe fazer amante na mola do amor. Foi em busca da metáfora que Alceste respondeu à demanda da morte no lugar do marido.

Orfeu desceu aos infernos em busca da mulher morta e, por uma pressa em voltar, falhou em trazê-la consigo. Em busca do objeto de seu amor, Orfeu não conseguiu alcançar o ser de Eurídice, vendo no inferno o fantasma de uma mulher. Aquiles, por sua vez,

---

<sup>65</sup> ZENONI, A. – *Igreja in Scilicet dos Nomes do Pai*, op. cit., p. 80.

escolheu seguir Pátroclo na morte, mesmo tendo a escolha por um destino diferente. Porém, para os deuses, a substituição de Alceste teve o mesmo valor que a escolha de Aquiles pela vingança de Pátroclo. No entanto, na premiação pelas manifestações mais sublimes do amor humano, Aquiles recebeu os méritos dos deuses por acharem que o mais radical do amor aconteceu quando houve uma mudança de papéis e o amado se comportou como amante, movimentando as engrenagens da metáfora do amor.

Quando a metáfora se realiza, por um momento fugaz, a reciprocidade amorosa acontece e, como efeito, vela de forma imaginária a disparidade característica da diferença dos lugares ocupados pelo sujeito e pelo objeto. O amor é a crença de que o objeto agalmático suposto no amado seja capaz de velar de forma imaginária, a falta constitutiva do amante. Mas a disparidade insiste, afinal, o objeto não sabe sobre aquilo que possui e muito menos sobre aquilo que completaria o outro. “Sabemos por experiência que toda a ética do amor (...) participa sempre em si de algum logro, e é esse logro que se mostra no final”<sup>66</sup>.

No discurso teológico de Fedro, as parcerias amorosas revelaram um herói trágico às voltas com a questão do *entre-duas-mortes*, elemento fundamental das tragédias. De acordo Lacan, o herói trágico está entre a ameaça constante de sua vida e a própria inscrição na posteridade, “personagens situados de saída numa zona limite entre a vida e a morte”<sup>67</sup>, sempre numa relação de ultrapassamento dos limites da *Até*<sup>68</sup>. O *entre-duas-mortes* marca duas fronteiras com as quais o sujeito se constitui: a primeira é definida pelo tempo, prazo fundamental para que a vida acabe. A segunda está relacionada ao desejo do sujeito aniquilar-se para se inscrever nos termos do ser, na medida em que assim se eterniza. A tragédia enlaça o *entre-duas-mortes* ao amor que leva o herói ao sacrifício extremo em

---

<sup>66</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 8: a transferência*, op. cit., p. 65.

<sup>67</sup> Idem - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, op. cit., p. 330.

<sup>68</sup> Idem, ibidem, p. 335. *Até* expressa nas tragédias um ultrapassamento dos limites humanos, um para além onde o desejo destes personagens se vetoriza. Um limite no qual não se poderia ficar além de um curto tempo e, por amor, foi transposto pelos heróis.

busca do ser do outro que o inscreveria na metáfora pela via da beleza do eterno.

### **1.5. O amor é um signo que vetoriza o sujeito**

Pausânias apresentou o amor cindido entre duas Afrodites: a Afrodite Urânia e a Afrodite Pandêmia. Esta divisão pode ser trabalhada como uma apresentação mítica da distinção freudiana entre as correntes afetiva e sensual. De acordo com o poeta, o amor da primeira é considerado um amor superior, e a Afrodite Pandêmia traz a referência do sexual com caráter vulgar. O amor seria a união dos dois princípios, e deveria resultar numa relação estável e duradoura entre os parceiros.

Em 1912 Freud distinguiu a corrente afetiva e a corrente sensual <sup>69</sup>. A corrente afetiva é a mais antiga no sujeito, constitui-se nos primeiros anos de vida e se origina da necessidade de satisfação das pulsões de auto-preservação do eu. Desde o início, apresenta componentes de interesse erótico e corresponde à escolha primária de objeto da criança. A corrente afetiva se dirige aos familiares e protetores da criança no momento em que as pulsões sexuais, até então investidas totalmente no eu da criança, se dirigem a seus cuidadores.

As pulsões sexuais encontram seu primeiro objeto ao se apegarem aos adultos que garantem a sobrevivência do eu. Estes fazem com que satisfações de necessidade sejam sexualizadas e carregadas de desejo. As manifestações de ternura mantêm traços sexuais que despertam na criança a pulsão que marcará as fases do desenvolvimento libidinal e exercerá efeitos posteriormente na sexualidade. Esta ternura também orientará, na maturidade, a escolha do objeto amoroso.

---

<sup>69</sup> FREUD, S. - *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* [1912], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XI, op. cit., p. 186.

Com a puberdade, a corrente sensual formada a partir das fixações infantis entra em funcionamento. Agora as pulsões se direcionam para a realização de desejos e obtenção de satisfação sexual. O caminho anteriormente usado para satisfação pulsional encontra-se obstruído, bloqueado pelas resistências que as ameaças de castração sofridas durante a infância inscreveram; as pulsões terão que encontrar novos caminhos para realizarem seus objetivos. Nota-se nestes novos caminhos muito dos protótipos de escolhas infantis. O caminho mais fácil e que causa menor tensão na puberdade seria escolher os pais como objeto amoroso, figuras de amor libidinalmente investidas desde a infância.

A castração impede que o ato se concretize na realidade, mas não impede que marque a fantasia com representações não destinadas a concretizar-se. Assim, de acordo com Freud, leva-se para as relações amorosas as primeiras lições de amor, os desejos inconscientes e os sentimentos mal resolvidos da infância. Procura-se recuperar os amores dos primeiros desejos, encontrar as figuras amadas do passado que permitam reviver a suposta experiência de prazer e de satisfação infantil.

Freud, em 1921, retomou a pluralidade de relações emocionais agrupadas sob o significante amor, a partir da distinção entre o amor sensual comum e o amor afetivo <sup>70</sup>, questão que já havia sido marcada em sua obra em 1912. O amor, segundo ele é a síntese entre o amor afetivo inibido em seus objetivos sexuais e o amor com objetivos diretamente sexuais, que unidos, prezam pela catexia permanente em um objeto sexual, mesmo em momentos em que as pulsões sexuais não estejam demandando satisfação. O amor é um laço que mantém o sujeito vinculado a seu objeto entre um ato sexual e o seguinte.

Lacan aborda o amor não apenas como metáfora, mas também como signo. Ele estabeleceu a distinção entre o signo e o

---

<sup>70</sup> Idem - *Psicologia de grupo e a análise do ego* [1921], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII, op. cit., p. 121.

significante. O primeiro é desarticulado da cadeia significante, exigindo a interpretação de um sujeito ali suposto para a produção de um significado. Lacan define o signo como aquilo que representa algo a alguém, enquanto o significante é definido como o que representa um sujeito para um outro significante. Por isso, os signos de amor demandam a interpretação, eles não se bastam na articulação simbólica e exigem que o sujeito lhe forneça um sentido legível. Marcados pela insatisfação, os signos de amor demandam sempre outros na tentativa de obter uma solução significante plena.

*“O amor certamente faz signo, e ele é sempre recíproco”* <sup>71</sup> e por isto se inscreve na ordem da demanda, a mercê de todos seus efeitos. A demanda de amor parte da falta inscrita no Outro, campo em que situa o signo do ser de um sujeito. Este signo o constitui e determina a relação que estabelece com os outros, inclusive no amor. As relações amorosas efetuam-se com base em signos, moedas de desejo do Outro <sup>72</sup> que podem ser reconhecidas ou anuladas para o sujeito, de acordo com o que representam a ele.

Na relação com o campo do Outro, o sujeito almeja obter o que está para além de toda satisfação possível de uma necessidade; no amor, o sujeito demanda o ser do Outro enquanto signo. Cativante como a imagem, o amor oferece a possibilidade de unidade com o semelhante, aproximando demanda e satisfação. Através do significante, sustenta com fragilidade, a possibilidade do Um, velando o impossível de estabelecer uma relação entre sujeitos. O amor é o que vem em suplência à inexistência da relação sexual <sup>73</sup>, e o que o sujeito busca nesta visada é causar desejo no outro, convidando-o à metáfora do amor. O desejo aponta para a falha, para a impossibilidade que o amor ignora. Propõe-se inicialmente como demanda de amor, e, neste registro, pede um a mais, para além do apelo à satisfação de uma necessidade.

---

<sup>71</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 12.

<sup>72</sup> Idem - *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, op. cit., p. 263.

<sup>73</sup> Idem - *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 62.

*O que se manifesta no fenômeno do desejo humano é sua subducção intrínseca, para não dizer sua subversão, pelo significante* <sup>74</sup>.

O desejo do sujeito está em relação com a cadeia significativa, vias de acesso ao campo do Outro. Esta articulação coloca um problema na relação do sujeito com o objeto: o desejo de caráter excêntrico, investido em um objeto que não satisfaz plenamente o sujeito, é efeito da relação que estabelece com o campo do Outro, a saber, sua subversão pelo significante. A relação do desejo com a linguagem inscreve a marca do não-sentido, daquilo que, pela estrutura denuncia o impossível, pois *não cessa de não se inscrever* <sup>75</sup> e caracteriza o desejo como estruturalmente irreduzível.

## **1.6. O amor é uma suplência**

Lacan afirma que apesar do amor ser uma paixão, ele é sustentado pelo desejo e por isso pede sempre mais amor <sup>76</sup>. Assim, inscreve-se no amor um para além da imagem e do significante que é sua articulação com o real, questão retomada no discurso de Erixímaco. Nesta articulação, o amor aparece como suplência à relação que não existe entre o corpo do sujeito e o do Outro.

Erixímaco apresentou Eros cindido em duas deusas: a Urânia e a Pandêmia. Para ele, o amor deveria ser exercido com moderação e o prazer precisava estar sob uma severa vigilância, pela influência que elas exerciam na vida de um sujeito. Este discurso mantém a distinção anterior e a complementa: a moderação e a vigilância são essenciais ao se falar de amor. Este entrelaçamento

---

<sup>74</sup> Idem - *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, op. cit., p. 262.

<sup>75</sup> Idem - *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 127.

<sup>76</sup> Idem, *ibidem*, op. cit., p. 12.

mítico permite-nos avançar com questões estruturais, apresentando de que forma a teoria pulsional esclarece o enunciado deste discurso.

A teoria das pulsões foi trabalhada em toda a obra de Freud, desde 1890, e só adquiriu seu estatuto definitivo com a teorização da pulsão de morte, em 1920. Freud a colocou como um conceito fundamental da psicanálise e lhe forneceu o estatuto de ficção.

Em 1905 Freud introduziu o conceito de pulsão, embora, nesta época, seu contorno ainda não estivesse bem definido e sua extensão pouco clara <sup>77</sup>. A pulsão podia ser entendida, naquele momento, como o representante psíquico de estímulos que provinham do interior do corpo. Em 1915, com outros termos, insistiu nesta definição dizendo que a pulsão apareceria como um conceito-limite entre o psíquico e o somático <sup>78</sup>. Freud marcou a existência de um *entre*, que fazia a ligação do corpo e do psiquismo.

A leitura lacaniana da obra de Freud permitiu avançar teoricamente em direção à inscrição do *entre*, presente na definição freudiana de 1914-1915. Pode-se dizer, com Lacan, que o *entre* que Freud apontou em sua definição de pulsão se tratava da inscrição do significante num organismo e de sua transformação à dignidade de corpo. O sujeito toma lugar na estrutura da linguagem pela submissão ao significante vindo do campo do Outro. Um significante (S1) dá origem ao sujeito e a partir deste, outros significantes (S2) se articularão para formar a cadeia significante. O significante que dá origem ao sujeito falante funda o desejo e permite a passagem do real do organismo à inscrição simbólico-imaginária de um corpo enlaçado ao Outro.

Em 1920, Freud se concentrou na descrição de duas pulsões que estariam no comando do ritmo da vida do organismo;

---

<sup>77</sup> FREUD, S. – *Três ensaios sobre sexualidade* [1905], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII, op. cit., p. 155.

<sup>78</sup> Idem - *Os instintos e suas vicissitudes* [1915], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV, op. cit., p. 127. “(...) a pulsão nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo”.

forças que operariam em direções opostas: uma tentando manter constante uma renovação da vida e outra em busca de restaurar o organismo a um estado inanimado.

*Se, portanto, não quisermos abandonar a hipótese dos instintos de morte, temos de supor que estão associados, desde o início, com os instintos de vida. Deve-se, porém, admitir que, nesse caso, estaremos trabalhando com uma equação de duas quantidades desconhecidas* <sup>79</sup>.

A pulsão de vida tem um caráter conservador. Ela tenta manter o funcionamento da cadeia significante dando uma representação psíquica à força pulsional. A pulsão de vida é efeito da inscrição fálica do sujeito no campo do Outro simbólico. No começo era o verbo - dizia Lacan <sup>80</sup> referindo-se a São João - o significante sem o qual é impossível a inauguração do sujeito.

Freud descreveu a pulsão como um impulso inerente à vida orgânica que tem como objetivo restaurar um estado anterior de coisas. “*O objetivo de toda vida é a morte*” <sup>81</sup>. Esta pulsão conduz o organismo para o princípio do qual se afastou para que pudesse se desenvolver, mas que por caminhos tortuosos, insiste em retornar. Esta pulsão tem por função garantir que o organismo siga seu próprio caminho para a morte, sem que fatores externos possam ameaçá-lo de atingir este objetivo. Freud apontava o paradoxo presente nesta força que, ao mesmo tempo em que se direciona para a morte, evita forças que poderiam ajudá-lo a atingir o objetivo de forma mais rápida.

Lacan articula a pulsão de morte à cadeia significante da seguinte maneira:

*Se tudo o que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é somente na medida em que há a cadeia significante. Efetivamente, é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado*

---

<sup>79</sup> Idem – *Além do princípio de prazer*, op. cit., p. 67.

<sup>80</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 8: a transferência*, op. cit., p. 12.

<sup>81</sup> FREUD, S. – *Além do princípio de prazer*, op. cit., p. 49.

*como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar* <sup>82</sup>.

A pulsão de morte, para Lacan, é definida em sua articulação com a cadeia significativa. É no psiquismo humano, onde a pulsão funciona coextensiva à rememoração, que a destruição está gravada. É preciso que haja um para além da pulsão que permita que em sua rememoração algo seja retomado a partir de uma intenção inicial. A pulsão deve estar para além da destruição, da tendência ao retorno ao inanimado. Deve estar inscrita como uma vontade de destruição direta, de recomeçar com novos custos <sup>83</sup>, na medida em que, apenas ao significante, tudo pode ser posto em causa.

Desde Freud, a definição pulsional estava marcada pela força imperiosa de exigência radical, a todo custo, por uma satisfação. Freud disse que a pulsão é uma força constante rumo ao impossível de ser obtido, pois o objeto que daria a satisfação completa à pulsão é sempre faltoso, por mais que possa ser reencontrado. É exatamente por isso, que a força pulsional é constante e insiste em encontrar uma satisfação. O sujeito oferece à pulsão diversos objetos que a satisfazem apenas parcialmente e fazem com que seu circuito pulsional se mantenha. A suposição de Freud é que a pulsão procura uma satisfação que já foi obtida um dia. Em Freud:

*O instinto [a pulsão] reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação. Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações, não bastarão para remover a tensão persistente do instinto [da pulsão] reprimido, sendo que a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas, nas palavras do poeta, 'pressiona sempre para a frente, indomado'* <sup>84</sup>.

---

<sup>82</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, op. cit., p. 259-260.

<sup>83</sup> Idem, *ibidem*, p. 259.

<sup>84</sup> FREUD, S. - *Além do princípio de prazer*, op. cit., p. 52. As alterações entre colchetes são minhas.

A persistência deste circuito só é possível por ser da estrutura pulsional sua inscrição não-toda na cadeia significante. O significante inscreve uma parte da força pulsional, inscrição parcial que tem como resultado desta operação um resto não inscrito, que exige ao sujeito uma nova tentativa de inscrição pulsional através do significante.

Pelo entrelaçamento estrutural entre a pulsão de vida e a de morte e pelos efeitos da inscrição significante, a moderação e a vigilância devem estar focadas de modo a manter o circuito do desejo vetorizado em direção a objetos que ofereçam satisfações apenas parciais ao sujeito. O objeto amoroso deve estar na cadeia de modo a permitir que o deslocamento significante não oblitere o vazio estrutural que garante o movimento do desejo em direção a outros interesses.

Agatão descreveu Eros como uma divindade que concedia muitas dádivas aos homens, e por elas era considerado o mais bem-aventurado dos deuses. Retomando Fedro, afirmou que era um deus jovem e, por uma relação especular com o outro, estaria sempre em busca de jovens moços. Além disso, foi enfatizada a brandura que lhe caracterizava ao passear macio no coração e na alma dos homens. A justiça e a temperança fizeram deste deus o responsável por dominar os prazeres e as paixões. Trabalha-se o discurso de Agatão a partir da frase sobre Eros que diz: *“Ele é que não nos deixa ficar estranhos uns para os outros, e infunde em todos o sentimento de solidariedade (...)”*<sup>85</sup>.

Freud assinalou a importância dos investimentos libidinais sexualizados e de seus efeitos na manutenção da civilização. Enlaçados com a libido inibida em sua finalidade, estes investimentos visam favorecer sempre a união de membros de uma comunidade. No cerne das relações entre os indivíduos, o cristianismo inseriu um mandamento que diz *‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo’*<sup>86</sup>. Freud

---

<sup>85</sup> PLATÃO, *O Banquete*, op. cit., p. 56.

<sup>86</sup> Esse mandamento é enunciado na bíblia: Levítico, 19, v. 18; Evangelho de São Matheus, 19, v. 19; 22, v. 39; Evangelho de São Marcos, 12, v. 31; Evangelho de São Lucas, 10, v.27, *apud*, Julien, P. - *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise* (1995) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996, p. 24.

expressou um estranhamento em relação a esta exigência, hesitando diante do preceito de amor ao próximo:

*Meu amor, para mim, é algo de valioso, que eu não devo jogar fora sem reflexão. A máxima me impõe deveres para cujo cumprimento devo estar preparado e disposto a efetuar sacrifícios. Se amo uma pessoa, ela tem de merecer meu amor de alguma maneira. (...) Ela merecerá meu amor, se for de tal modo semelhante a mim, em aspectos importantes, que eu me possa amar nela; merecê-lo-à também, se for de tal modo mais perfeita do que eu, que nela possa amar meu ideal de meu próprio eu (self) <sup>87</sup>.*

Freud se perguntou como seria possível realizar este amor por um estranho que não conseguiu atrair-lhe a atenção ou que em nada significava para sua vida emocional. Por uma questão de justiça, seria inconcebível equiparar um estranho àqueles que em sinal de preferência, recebiam o amor de alguém. O cumprimento do enunciado de amar o próximo não poderia ser recomendado como razoável, disse Freud.

*(...) os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas, e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas, pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa cota de agressividade <sup>88</sup>.*

O complexo do próximo se divide em dois vetores: o Outro é constituído, por um lado, de uma face que é a do *semelhante*, *Nebenmensch*. Neste vetor predomina a relação especular que pressupõe a comunicação, a completude e a reciprocidade. A relação especularizada com o semelhante é um suporte do sujeito na medida em que antecipa uma imagem unitária do próprio corpo. A outra face está para além do semelhante: o próximo é o Outro inominável, *das Ding*, fora do simbólico, estranho e exterior ao sujeito. No real da Coisa, o sujeito está sem referências nem garantias, vis-à-vis com o gozo do

---

<sup>87</sup> FREUD, S. – *O mal-estar na civilização* (1930[1929]), in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI, op. cit., p. 114.

<sup>88</sup> Idem, *ibidem*, p. 116.

Outro que suscita ódio pela impossibilidade de estabelecer uma relação especularizada. A agressividade coloca uma barreira na relação do sujeito com o seu próximo e constitui um dos fatores que ameaçam a desintegração da civilização.

Lacan acreditava, acompanhando Freud, que no âmago mais profundo do homem estava a maldade de seu gozo, um gozo destrutivo regido pela agressividade, “(...) *o gozo de meu próximo, seu gozo nocivo, seu gozo maligno, é ele que se propõe como o verdadeiro problema para o meu amor*”<sup>89</sup>. Afirmou que a maldade que o sujeito vê no outro o remeteria para algo interno ao próprio sujeito, extremamente íntimo e, ao mesmo tempo, estranho. Esforços imensos são necessários para fazer contenção à agressividade, e o mandamento de amor é uma tentativa de dar limite ao que escapa aos enlaces sociais.

O amor está na base das leis da cidade, e isso se justifica para Agatão pelo fato de ser a fonte de todos os princípios morais. A lei moral se encarna em certo número de mandamentos, trazendo a promessa de felicidade e a possibilidade de algum bem coletivo. Em um mundo marcado pela universalidade, as singularidades são fontes de intolerância. As leis objetivam minimizar a agressividade entre os homens e recobrir a falta, visando garantir alguma quota de satisfação. Elas são fundamentais para o funcionamento de uma sociedade, mas são insustentáveis quando se pensa em uma aplicação universal.

Ao refletir sobre a ética, Lacan o faz através da instância moral, lei pelo meio da qual o real se presentifica numa estrutura simbólica. Assim, a lei moral é, no *Banquete*, aquilo que no simbólico das leis da cidade irrompe como sem-sentido. O amor é uma tentativa de enlace social face à irrupção destemperada do real, que aparece no pensamento freudiano nomeado de pulsão de morte, e insiste agressivamente para além de toda e qualquer lei simbólica.

---

<sup>89</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, op. cit., p. 229.

*“Minha tese é de que a lei moral se articula com a visada do real como tal, do real na medida em que ele pode ser a garantia da Coisa”*<sup>90</sup>.

Aristófanes levou ao banquete um mito que ilustrava uma transformação na natureza humana desde a divisão mítica que ocasionou a criação de três tipos de sexo: o homem, a mulher e o andrógino. Com corpos em forma de bola, eram dois na mesma estrutura, o que lhes conferiam órgãos e membros duplicados além de uma força sobre-humana. O corte processado por Zeus, que na mitologia ocasionou a divisão do homem foi marcado no corpo, para que ao vissem a incisão soubessem se moderar. O amor foi a forma que encontraram de recuperar a antiga natureza humana e velar o castigo imposto por Zeus, pois deste o corte só foi possível ser homem pela metade. A busca pela metade complementar e o desejo de fundirem-se em um só ser foi a maneira pelo qual expressou a natureza do amor.

Para Lacan, o corte que o significante produz em um organismo biológico quando inscreve o sujeito no registro do Outro simbólico, inaugura dois campos, segundo a definição de pulsão freudiana: o campo psíquico e o campo somático. Neste, o corpo é o suporte do corte significante, e seus efeitos transformam o instinto em pulsão, a necessidade em demanda, o organismo em corpo falante. Desde aí, o corpo é submetido a um processo discursivo e mapeado pelos significantes originados no campo do Outro.

Lacan marcou uma distinção entre a sexualidade biológica que é orientada em direção à reprodução e a sexualidade humana marcada pela inscrição significante<sup>91</sup>. A sexualidade biológica é da ordem da necessidade e supõe a existência de um objeto que permita a sua satisfação completa. A sexualidade humana traz em seu centro a questão pulsional que é definida como um efeito da inscrição significante num organismo, o que permite a inauguração de um corpo falante referido ao significante falo - significante da diferença sexual e da falta – com todos os seus avatares.

---

<sup>90</sup> Idem, *ibidem*, p. 97.

<sup>91</sup> Idem - *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, op. cit.

A inauguração do corpo do ser falante problematiza a relação entre o sujeito, o desejo e o gozo. A rigor, o desejo tem um objeto específico e uma causa, formalizados por Lacan como *objeto a*. Existe em nosso psiquismo um vetor pulsional que se dirige a *das Ding*, a Coisa sempre inacessível, mas existem pequenas migalhas de satisfação pulsional encontradas nos *objetos pequeno a* inventados por Lacan, objetos que satisfazem apenas parcialmente o vetor pulsional, e por isso, mantém sua força.

Este objeto, por ter o caráter metonímico, é fugaz e mutável, permitindo que qualquer objeto possa ocupar-se parcialmente do vazio em torno do qual se constitui o desejo. A alienação do desejo à cadeia significante faz com que algo do desejo seja impossível de articular em consequência da inscrição do desejo comportar um para além do significante que o faz nunca plenamente articulável, o que não o impede de ser articulado. A causa coloca o desejo em uma busca constante por um algo a mais, impossível de ser encontrado nos objetos de forma satisfatória, a ponto de extinguir o movimento metonímico. A diferença entre o que se alcança e o que resta para obter a plena satisfação é o que mantém vivo o desejo e inscreve a relação completa e satisfatória proposta pelo amor, na ordem da derrisão.

## CAPÍTULO II

### O AMOR CORTÊS É UM SEMBLANTE QUE VELA A INEXISTÊNCIA DA RELAÇÃO SEXUAL

#### 2.1. As ressonâncias do amor cortês na vida amorosa atual

*O sujeito de que se trata, aquele do qual seguimos o rastro, é o sujeito do desejo e não o sujeito do amor, pela simples razão de que não se é sujeito do amor; é-se ordinariamente, normalmente, sua vítima* <sup>92</sup>.

O amor cortês surgiu na Alemanha entre o início do século XI e do século XIII como um movimento literário, um gênero poético que atingiu o sul da França, a área germânica, a Inglaterra e certos domínios espanhóis. Iniciado pelos cavaleiros da Idade Média, o movimento literário do trovar inspirou a nobreza e se tornou um modelo de comportamento repetido nas relações amorosas.

O amor cortês era um ofício poético que se desenvolveu em língua vulgar <sup>93</sup> e influenciou não só a poesia europeia, mas também orientou pelo mundo condutas que atingiram, inclusive, círculos nobres daquela sociedade. Foi um ideal que deu origem à estrutura de uma moral e balizou uma série de comportamentos. Era uma organização extremamente refinada e complexa, cujas normas

---

<sup>92</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 9: a identificação* (1961-1962) Inédito, lição de 21 de fevereiro de 1962.

<sup>93</sup> ROUGEMONT, D. - *A história do amor no Ocidente* (1906) São Paulo, Ediouro, 2003, p. 182.

regulavam as trocas entre parceiros. Segundo Lacan, sentimos as ressonâncias do amor cortês na vida amorosa atual, pois este deixou suas marcas na erótica ocidental e nas fantasias de cada sujeito.

*(...) todos os historiadores são unívocos – o amor cortês era em suma um exercício poético, uma maneira de jogar com um certo número de temas de convenção, idealizantes, que não podiam ter nenhum correspondente concreto real. Não obstante, esses ideais, em cujo primeiro plano está a Dama, se encontram em épocas ulteriores e até na nossa. Suas incidências são totalmente concretas na organização sentimental do homem contemporâneo, e aí perpetuam sua marcha* <sup>94</sup>.

O homem, aqui denominado trovador, dirigia seu amor através de poesias cantadas, estruturadas por um sistema fixo de leis codificadas, nomeadas de leis do amor <sup>95</sup>. As trovas tinham como tema o amor infeliz e eram caracterizadas pela exaltação de um objeto, a Dama idealizada e inacessível.

*O amor feliz não tem história. Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado do que a paixão de amor. E paixão significa sofrimento. Eis o fundamental* <sup>96</sup>.

Naquela época, o trovador estava destinado a ser o servo de uma mulher situada como objeto elevado a um ideal. O poeta dirigia seu lamento àquela que lhe dizia “*não*” à união dos corpos e lhe propunha o ritual de vassalagem amorosa, uma maneira de retenção e de suspensão da ordem sexual. O ritual consistia num juramento de eterna fidelidade onde este homem, conquistado pela beleza de sua Dama, lhe prestava homenagens musicais. Como garantia do amor, ela lhe oferecia um anel que marcava a união dos amantes pelas leis da cortesia.

---

<sup>94</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959 – 1960) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997, p. 184.

<sup>95</sup> ROUGEMONT, D. - *A história do amor no Ocidente*, op. cit., p. 103.

<sup>96</sup> Idem, *ibidem*, p. 24.

*O objeto, nomeadamente aqui o objeto feminino, se introduz pela porta mui singular da privação, da inacessibilidade. Qualquer que seja a posição social daquele que funciona neste registro [...], a inacessibilidade do objeto é aí colocada desde o início* <sup>97</sup>.

O amor cortês não excluía de todo a união carnal que só deveria acontecer se fosse para manter o desejo insatisfeito e dar vida à paixão. A tensão do desejo era mais importante que a realização da relação em si. Lacan articulou a vassalagem amorosa ao que Freud chamava de prazeres preliminares, apontando a valorização sexual dos estados preliminares à união dos corpos no ato do amor <sup>98</sup>, como uma característica da cortesia.

De acordo com o princípio de prazer freudiano, o ideal do aparelho psíquico é funcionar com um mínimo de tensão, com a intenção de mantê-lo em um constante equilíbrio homeostático. Um aumento de tensão é sentido pelo sujeito como desprazer, exigindo um trabalho de escoamento constante de excitações excedentes ao aparelho.

O amor cortês é paradigmático exatamente pela busca que faz por um excesso, embarreirado pela inacessibilidade da Dama, situando o amor no lugar do desejo e colhendo daí suas consequências. O universo trovadoresco permite uma associação entre o amor cortês e o além do princípio de prazer de Freud, onde a regra do mínimo de tensão está ultrapassada. Esta afirmação é possível porque os estados preliminares da vassalagem sustentavam o movimento do desejo, causando ao trovador um nível constante de tensão acumulado no aparelho psíquico.

A maneira idealizada que os poetas cantavam a Dama, não correspondia em nada à realidade social do feudalismo, pois, naquele período, a mulher era identificada simplesmente a uma função social. No amor cortês, ela foi vista de uma maneira inteiramente contrária aos costumes da época, pois, no momento

---

<sup>97</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, op. cit., p. 185.

<sup>98</sup> Idem, *ibidem*, p. 189.

histórico-social em que não tinha nenhum reconhecimento subjetivo, foi situada enquanto causa de desejo e de poesias.

*O estilo dessa história mostra-lhes simplesmente qual é a posição efetiva da mulher numa sociedade feudal. Ela é, propriamente falando, o que as estruturas elementares de parentesco indicam – nada mais do que um correlato das funções de troca social, o suporte de um certo número de bens e de sinais de potência. Ela é essencialmente identificada com uma função social que não deixa lugar algum para sua pessoa e para sua liberdade própria – salvo com respeito ao direito religioso* <sup>99</sup>.

Estudando as sociedades ditas primitivas, Claude Lévi-Strauss descreveu a posição das mulheres da seguinte forma:

*Dá-se, portanto, com as mulheres o mesmo que com a moeda de troca, cujo nome frequentemente elas recebem, e que, segundo a admirável expressão indígena, “figura o jogo de uma agulha de coser os tetos, que, estando uma vez fora e outra vez dentro, leva e traz sempre o mesmo cipó que fixa a palha”* <sup>100</sup>.

Em consonância com a cultura da época, no amor cortês a mulher foi esvaziada de toda substância real e situada numa função simbólica: ela era frequentemente chamada de *Mi Dom* <sup>101</sup>, um termo masculinizado que significava *meu senhor*. Apresentada com caracteres despersonalizados, os estudiosos marcaram que as poesias trovadorescas pareciam se dirigir a uma única e mesma pessoa.

*O caráter desumano do objeto do amor cortês efetivamente salta aos olhos. Esse amor que pôde conduzir algumas pessoas a atos que estão pertíssimo da loucura se dirigia a seres vivos, nomeados, mas que lá não estavam em sua realidade carnal e histórica – talvez já seja algo a distinguir – que lá estavam, em todos os casos, em seu ser de razão, de significante* <sup>102</sup>.

---

<sup>99</sup> Idem, ibidem, p. 183.

<sup>100</sup> LÉVI-STRAUSS, C. - *As estruturas elementares do parentesco* (1949) Petrópolis, Editora Vozes, 1982, p. 520.

<sup>101</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, op. cit., p. 185.

<sup>102</sup> Idem, ibidem, p. 262.

As trovas de Guilhem de Peitieu cantavam uma mulher destituída de toda singularidade. Em seus versos:

*Tenho uma amiga, mas quem é*

***Não sei nem ela sabe e até***

*Nem quero ver, por minha fé,  
Pouco me importa*

***Se há normando ou francês ao pé***

*Da minha porta.*

*Eu não a vi e amo a ninguém  
Que não me fez nem mal nem bem  
E nem me viu. Isso, porém,  
Tanto me faz,  
Que eu sei de outra, entre cem,  
Que vale mais.*

*Finda a canção, não sei de quem,  
Irei passá-la agora a alguém  
Que a passará ainda além  
A amigo algum,  
Que logo a passará também  
A qualquer um <sup>103</sup>.*

Quando Lacan falou de uma inacessibilidade, não havia nenhuma possibilidade de cantar a Dama sem que existisse uma barreira que a cercasse, deixando o trovador privado de algo que está essencialmente ligado à constituição da estrutura significante. A Dama foi situada no centro vazio de *das Ding*, tornando-se, imaginariamente, seu representante.

Em torno de *das Ding* giram as representações inconscientes e o processo simbólico se trama. Colocado por Lacan no âmago do mundo subjetivo, foi posicionado topologicamente no centro, excluído no interior, apartado das relações significantes e de tudo que o sujeito consegue nomear e articular. *Das Ding* se apresenta como estranho <sup>104</sup> e permanece suspenso ao que há de faltoso no desejo, fundando a orientação do sujeito em direção a um objeto: “(...) *o que se*

---

<sup>103</sup> PEITIEU, G. – *Canção*, in *Verso, Reverso, Controverso*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988, p. 29.

<sup>104</sup> FREUD, S. - *O Estranho* (1919), in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII, Rio de Janeiro, Imago, 1996, p. 238.

*trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado”* <sup>105</sup>.

Para Lacan o amor cortês é a invenção de um laço para-além da erótica, na medida em que encena o impossível da relação sexual <sup>106</sup>. Na tentativa de velar esta impossibilidade, as poesias são semblantes que fazem existir algo no lugar em que não há nada além de um vazio. As miragens são ofertadas, diz Lacan, por criadores de formas imaginárias que, através da sublimação, tocam no ponto em que o desejo do sujeito se apóia. Estes elementos têm a função de recobrir o ponto vazio de *das Ding*, tão bem realizado pelos semblantes criados no amor cortês.

Dizer com Lacan que não existe relação sexual, que ela é da ordem do impossível de ser simbolizado de maneira sustentável num discurso, é dizer que a linguagem funciona em suplência à parte do real que escapa à significantização, e ao mesmo tempo aponta uma insuficiência ao ser articulada. A consequência daquilo que não pode ser simbolizado é a inexistência de uma programação natural que enderece o sujeito a um parceiro sexual, um saber que dê acesso ao sujeito do Outro sexo.

*(...) eu defini a relação sexual como aquilo que não pára de não se escrever. Aí há uma impossibilidade. É também que nada pode dizê-la – não há, dentro do dizer, existência da relação sexual* <sup>107</sup>.

Lacan trabalhou a disjunção entre o homem e a mulher através do conceito de *amuro* <sup>108</sup>, l’amur, neologismo inventado para introduzir o objeto *a* e a palavra *muro*. Em *amuro*, **a** presentifica o objeto *a* como representante do gozo e **muro** se refere à impossibilidade

---

<sup>105</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, op. cit., p. 69.

<sup>106</sup> STEVENS, A. – *Amor e Nome-do-Pai* (2006) in *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* - n.º. 56, Minas Gerais, agosto 2006, p. 21.

<sup>107</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 198.

<sup>108</sup> Idem, *ibidem*, p. 13.

do sujeito ter acesso pleno ao Outro da linguagem. Na verdade, Lacan disse que:

*“O amuro é o que aparece em signos bizarros no corpo (...) O ser do corpo certamente que é sexuado, mas é secundário, como se diz. E como a experiência o demonstra, não é desses traços que depende o gozo do corpo, no que ele simboliza o Outro”* <sup>109</sup>.

No ponto da relação que homem e a mulher supõem fazer contato, está um furo irrepresentável para o sujeito. O amor se apresenta como uma tentativa de velar a inexistência da relação sexual, colocando no ponto da castração, uma possibilidade de encontro estruturalmente impossível. Não há uma relação proporcional e de complementaridade entre os sexos, não há um momento do significante em que homem e mulher estão juntos, um sempre ultrapassa o outro.

*Mesmo o amor, como sublinhei da última vez, se dirige ao semblante. E, se é verdadeiro que o Outro só se atinge agarrando-se, como disse da última vez, ao a, causa do desejo, é também do mesmo modo à aparência de ser que ele se dirige. Esse ser-aí não é um nada. Ele é suposto a esse objeto que é o a* <sup>110</sup>.

Antes de avançar nas demais contribuições fornecidas por Lacan em *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, introduzir o semblante como uma categoria, situando-a a partir de sua tripartição entre Real, Simbólico e Imaginário. Uma categoria, por definição, é o que permite construir uma classe e agrupar objetos de igual natureza, semelhantes em relação a uma qualidade atribuída a cada um deles. Desde o início, ele afirmava que tudo o que era da ordem do discurso não poderia mostrar-se senão como semblante, perguntando-se se haveria algum discurso que não estivesse inscrito aí <sup>111</sup>.

---

<sup>109</sup> Idem, ibidem.

<sup>110</sup> Idem, ibidem, p. 124. O grifo é meu.

<sup>111</sup> MILLER, J.-A. - *De la naturaleza de los semblantes* (2001) Buenos Aires, Paidós, 2001, p. 10.

*Daí, que se pode dizer – a partir do saber que ex-siste para nós no inconsciente, mas que só é articulado por um discurso -, que se pode dizer do real que nos chega através desse discurso?*<sup>112</sup>.

Neste ponto da dissertação, é necessário fazer um parêntese para mostrar em que ponto do ensino de Lacan se insere a categoria do semblante. Jacques-Alain Miller dividiu o ensino de Lacan em dois tempos, periodicizados de acordo com a primazia que o Imaginário, o Simbólico e o Real exerceram na experiência analítica<sup>113</sup>. Num primeiro momento, o que precedeu o primeiro ensino - datado, a rigor, a partir de 1953, com o *discurso de Roma* - foi denominado de *Antecedentes*. Trata-se de um período em que Lacan escrevia artigos no campo da psiquiatria onde se destaca a tese que defendeu em 1932 sobre a psicose paranóide e suas relações com a personalidade; bem como sua primeira teoria no campo da psicanálise, em 1936, republicada em 1949 e chamada de Estádio do Espelho.

O primeiro ensino começou de fato em 1953, com a proposta de um retorno a Freud<sup>114</sup>. Vetorizado pelo que acreditava ser a condição de possibilidade da psicanálise, Lacan levou a hipótese de que “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*” até as últimas consequências. Preocupava-se em delimitar os três registros e defini-los como conjuntos que comportavam uma quantidade de elementos pertencentes ao Imaginário, ao Simbólico e ao Real. Fez equivaler o Simbólico ao significante objetivando transformá-lo em um símbolo o mais livre possível dos efeitos do Imaginário; assim, a disjunção entre o significante e a imagem passou a se tornar evidente. De 1953 a 1963 retomou os textos e os conceitos freudianos, buscando uma verificação de seu axioma. Neste período, o simbólico foi a dimensão essencial da experiência analítica.

---

<sup>112</sup> LACAN, J. – *Televisão in Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 535.

<sup>113</sup> MILLER, J.-A. - *Percurso de Lacan: uma introdução* (1984) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, p. 15. Optou-se por seguir a distinção estabelecida nas Conferências Caraquenas.

<sup>114</sup> LACAN, J. - *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953) in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. A proposta foi articulada no famoso discurso de Roma intitulado por Lacan conforme a referência desta nota.

De 1964 a 1974, Lacan não comentava mais os textos de Freud diretamente, pois começava a manejar operadores teóricos que já vinham sendo articulados – por exemplo, objeto  $a$ ,  $A$ ,  $\$$  - com a finalidade de priorizar determinadas elaborações matemáticas que vinham sendo processadas. A partir de 1974, Lacan deu início ao seu último ensino, onde o Real se tornou a categoria essencial da clínica <sup>115</sup>. A inscrição da lógica, da matemática e da topologia, permitiu a Lacan a teorização do nó borromeano e a equivalência dos registros, causando uma reformulação que incluía uma questão em relação ao Real: ele existe.

O semblante como categoria reuniu o Simbólico e o Imaginário, em oposição ao Real que domina a estrutura. No entanto, o nó borromeano enfatiza, neste momento do ensino, a elementarização de cada um dos registros articulados à tal estrutura topológica. Miller os define:

*R é sempre aquilo da ordem do dado, que tem um certo valor bruto; que I é aquilo que é representado, a representação sendo concebida como imagem; e que S é o que é articulado e estruturado como uma linguagem* <sup>116</sup>.

Com a retificação da supremacia do simbólico e a dominância do Real, Lacan reforçou o que chamou de *hors-de-sens*, um fora-de-sentido que lhe permitiu, inclusive, a continuação da escritura lógica dos matemas. A reformulação contribuiu para que do sentido, o significante, a fala e o saber foram afetados. Havia uma articulação privilegiada dos dois outros registros com o simbólico, pelo fato de ser através dele a única possibilidade de inscrevê-los. Com a mudança do sentido da escrita na feitura do nó, foi preciso reordenar a articulação entre eles.

Lacan começou a evocar as figuras topológicas através do desenho, uma grafia desarticulada do sentido da escrita.

---

<sup>115</sup> MILLER, J.-A. – *O real é sem lei in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* - n.º. 34, São Paulo, Edições EOLIA, Outubro 2002, p. 8.

<sup>116</sup> Idem, ibidem, p. 10.

Evitando figurá-las materialmente sustentada pelo significante, inscreveu seu nó para além da fala, da escrita, da precipitação significante e do sentido, vetorizando-o para o real. O nó é o paradigma do real, um registro gráfico que teve como objetivo comportar tudo aquilo que está fora da ordem do discurso. Lacan colocou o nó como suporte de seu ensino e se serviu da apresentação simbólica desta figura para dar sentido ao real. O suporte da apresentação do nó estrutura-se através de leis do simbólico, que ordenam e logicizam os laços significantes.

*Em outras palavras, a significantização do real é por um lado a elevação do real à qualidade de significante, mas também a implicação do significante no real como estando já ali*<sup>117</sup>.

Inicialmente Lacan acreditava que haviam elementos no real destinados a servirem de significantes. Por acreditar haver significantes no real, apostava no domínio do semblante sobre este registro. Mas já ficava claro que havia discordâncias sobre este ponto, pois, desde Freud, algo do real escapava à significantização que se apresentava na clínica através das inscrições de elementos que não eram selecionados no discurso. As formações do inconsciente e o furo que a sexualidade faz no real causavam questões em relação ao domínio do semblante sobre este registro.

*O falo é o símbolo de que o semblante domina o real, contudo, já no próprio Freud há uma antecipação de que há uma falha de saber no real. E isso está no fato de que este saber não facilita de modo algum o acesso ao outro sexo. A sexualidade, então, fura o real*<sup>118</sup>.

Lacan inscreveu um fracasso universal no campo da sexualidade humana, uma falha de saber no real que impede a elaboração de um programa que permita o acesso do sujeito ao Outro sexo. A inexistência da relação sexual aponta para algo do real que

---

<sup>117</sup> Idem - *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica* (2003) Buenos Aires, Paidós, 2004, p. 27.

<sup>118</sup> TORRES, M. – *Semblante e Nome-do-Pai: Lacan 10 e meio in Scilicet dos Nomes do Pai*. AMP, Textos preparatórios para o Congresso de Roma de julho de 2006, p. 158.

escapa à significação e que determina o que dali pode ser inscrito como semblante. O imaginário e o simbólico se tornam, neste ensino, semblantes em relação ao real, ou seja, tentativas fracassadas de dominar plenamente aquilo que não se inscreve em termos significantes.

*(...) o semblante, este consiste em fazer crer que há algo ali onde não há. Por isso a fórmula não há relação sexual implica que, a nível do real, só há semblante, não há relação* <sup>119</sup>.

O sujeito ganha o estatuto de um ser falante subsumido ao registro do real que tenta lidar com o ultrapassamento do qual é efeito através dos semblantes. Há uma impossibilidade de a linguagem dar conta de um discurso sobre a relação sexual, mas o semblante minimiza o trauma do sujeito ao descobrir que, onde supôs que houvesse alguma inscrição de saber, não há nada.

Concluído este parêntese sobre o ensino de Lacan, retoma-se o amor cortês enfatizando-o como um semblante que coloca a Dama sexualmente inacessível no lugar de *das Ding*, velando de maneira idealizada o real que existe no objeto desejado. Lacan disse que o amor cortês é o paradigma do amor sublimado, pois:

*É uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência de relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo. É verdadeiramente a coisa mais formidável que jamais se tentou. Mas como denunciar seu fingimento?* <sup>120</sup>.

## **2.2. Uma modificação na estrutura de Eros**

Lacan ressaltou através da referência aos textos freudianos, uma modificação histórica na estrutura de Eros. Quando Freud mencionou a vida amorosa da Antiguidade, estava se referindo ao período em que se dava importância ao investimento pulsional em

---

<sup>119</sup> MILLER, J.-A. - *De la naturaleza de los semblantes*, op. cit., p. 18.

<sup>120</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 94.

detrimento do objeto <sup>121</sup>. A relação do trovador com a Dama a colocava numa função de causa de desejo. A Dama como objeto impossível impelia o trovador à invenção de um saber-fazer que velasse esta impossibilidade. O amor cortês aprendeu a lidar com isso através das poesias cantadas. Segundo Freud:

*A diferença mais marcante entre a vida amorosa da Antiguidade e a nossa decerto reside em que os antigos punham a ênfase na própria pulsão sexual, ao passo que nós a colocamos no objeto. Os antigos celebravam a pulsão e se dispunham a enobrecer com ela até mesmo um objeto inferior, enquanto nós menosprezamos a atividade pulsional em si e só permitimos que seja desculpada pelos méritos do objeto <sup>122</sup>.*

Na passagem à supervalorização objetual empreendida pelo amor cortês, o objeto se desloca do lugar de causa - da função de vazio que mantém vivo o desejo - para um lugar em que está suposto como completude significativa.

A valorização do objeto na vida amorosa atual anuncia a promessa de felicidade pela via do amor <sup>123</sup>. O amante projeta no objeto amoroso a ilusão de que pode receber aquilo que lhe falta, ofertando em troca, a desejada completude imaginária prometida na paixão. Os efeitos deste engano – que seja possível fazer existir a relação sexual – são que a dor e o sofrimento existentes como ferramentas no ideal cortês, são percebidos como uma incapacidade do sujeito silenciar o movimento pulsional quando o encontro com o objeto acontece.

Da mesma forma que no amor cortês, a inexistência de um objeto ideal se coloca na atualidade. Mas uma distinção entre estes períodos é de suma importância, pois cada um se relacionou de forma distinta com o objeto do desejo. As poesias foram uma forma que os trovadores escolheram para fazer existir a relação entre amantes, velando o vazio de *das Ding* com a Dama despersonalizada da própria substância. A insatisfação na cortesia impunha a inscrição de uma

---

<sup>121</sup> FREUD, S. - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* [1905], in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. VII, op. cit., p. 141.

<sup>122</sup> Idem, *ibidem*. Esta citação está situada numa nota de rodapé acrescentada em 1910.

<sup>123</sup> FERREIRA, N. P. - *Paixão e Revolução* (1997) Rio de Janeiro, EdUERJ, 1997.

nova poesia, mais ainda. Na atualidade, os objetos, por mais diversos, se tornam descartáveis quando se apresentam inadequados para a satisfação de um circuito que é instituído estruturalmente para manter-se sempre em movimento. A insatisfação impõe que o objeto seja trocado por um que lhe ofereça a possibilidade de completude <sup>124</sup>.

Em 1905 Freud mostrou que a sexualidade humana é marcada por desvios. Relatou a existência de pessoas que eram atraídas sexualmente por crianças e animais e outras que substituíam o objeto sexual por um outro completamente inapropriado para servir à finalidade pulsional. Surpreendido pelo fato de que alguns homens não escolhiam mulheres como objeto sexual, utilizou o mito para ilustrar os desvios sexuais com respeito ao objeto. Após a divisão do ser humano em duas metades, homem e mulher ansiavam unir-se novamente no amor. Na aspiração por retornar à estrutura anterior ao corte mítico, eles não só tentavam fundir-se com o sexo oposto, mas o mesmo sexo também era escolhido como objeto de amor.

Começou uma busca por respostas em relação ao comportamento dos invertidos, com a afirmação de que na inversão existia uma falta em relação à exclusividade da escolha do objeto sexual. Esta característica dos invertidos foi inicialmente investigada como decorrência de um caráter inato ou de uma degenerescência nervosa e, em suas pesquisas, concluiu que a relação entre pulsão sexual e objeto era mais frouxa que o vínculo inicialmente suposto a eles. “*É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste*” <sup>125</sup>.

Freud deixou em sua obra diversos textos que tratam do amor, colocando em cena conceitos como *narcisismo, identificação, idealização e ambivalência*, que articulados, deram um novo contorno ao entendimento do amor. “*Fase intermediária necessária entre o auto-erotismo e o amor objetal*” <sup>126</sup>, foi assim que

---

<sup>124</sup> PLATÃO - *O Banquete*. Belém, EDUFPA, 2001, p. 45.

<sup>125</sup> FREUD, S. - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, op. cit., p. 140.

<sup>126</sup> Idem - *Sobre o narcisismo: uma introdução* [1914], in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV, op. cit., p. 77.

Freud definiu o narcisismo em 1914. Neste texto - que pode ser considerado um dos trabalhos mais importantes de Freud - o eu não existe desde o início, mas sim as pulsões auto-eróticas. Com o desenvolvimento do sujeito, uma 'nova ação psíquica' foi adicionada ao auto-erotismo para o aparecimento do narcisismo. A partir daí, a energia libidinal poderá ser investida tanto no eu quanto nos objetos externos ao sujeito.

Freud construiu algumas imagens para explicar a articulação entre libido do eu e libido objetal, destaca-se aquela em que define o eu como um grande reservatório da libido <sup>127</sup>. Nesta montagem, o eu se tornou o reservatório libidinal de onde partem todos os investimentos pulsionais, imajado como uma rede de canais ligados com um líquido em seu interior. De acordo com Freud, haveria inicialmente uma catexia libidinal originada no ego que só posteriormente seria investida em objetos externos. Quanto mais um objeto fosse investido, menos libido seria armazenada.

*Assim, formamos a idéia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais (...) <sup>128</sup>.*

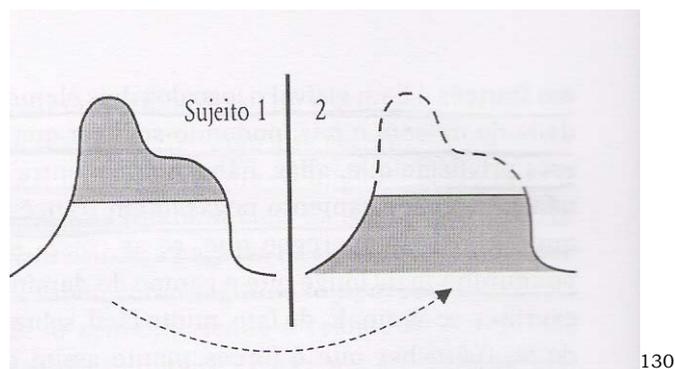
No amor, o objeto recebe a maior parte da catexia libidinal do reservatório egóico, a ponto de, em alguns casos, o eu ficar radicalmente esvaziado de libido. Quando a valorização sexual e o investimento libidinal são excessivos a ponto de torná-lo narcisicamente limitado, pode-se dizer que o objeto consumiu o próprio eu <sup>129</sup>.

---

<sup>127</sup> Idem - *O ego e o id* (1923), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX, op. cit., p. 78.

<sup>128</sup> Idem - *Sobre o narcisismo: uma introdução*, op. cit., p. 83.

<sup>129</sup> Idem - *Psicologia de grupo e a análise do ego* [1921], in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII, op. cit., p. 123.



*Trata-se do que nos fala Freud, no nível da introdução ao narcisismo, a saber, que amamos o outro pela mesma substância úmida da qual nós somos o reservatório, que se chama a libido, e é enquanto ela está aqui, em 1, que talvez ela possa estar ali, em 2, isto é, rodeando, afogando, molhando o objeto que está em frente. A referência do amor ao úmido não é minha, ela está no Banquete (...)*<sup>131</sup>.

De acordo com Freud, a escolha do objeto é feita a partir das experiências de satisfação auto-eróticas, ligadas às funções vitais que tiveram por finalidade a preservação do eu. Há uma ligação entre o objeto escolhido e os cuidadores responsáveis pela sobrevivência e proteção da criança. Freud falou sobre um clichê estereotípico <sup>132</sup> constantemente repetido, composto de precondições que influenciam a escolha do objeto amoroso e conduz o sujeito na vida erótica.

A escolha de objeto do tipo anaclítico é, a rigor, feita pelos homens e a do tipo narcísica é tipicamente feminino. Freud ressaltou que há homens que fazem as escolhas como mulheres, e vice-versa. Em ambos os casos em que um objeto de amor é escolhido, seja pela via anaclítica ou pela narcísica, as características do objeto ou as do próprio eu transferidas para o outro, são fundamentais para a realização da finalidade libidinal de forma satisfatória. Este ponto é fundamental para uma distinção mais clara em relação ao amor cortês que, diferentemente da importância dada às características do objeto de

<sup>130</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 9: a identificação*, op. cit., lição de 21 de fevereiro de 1962.

<sup>131</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>132</sup> FREUD, S. – *A dinâmica da transferência* (1912), in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XII, op. cit., p. 111.

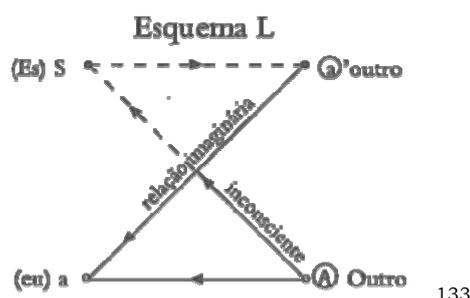
amor, cantava uma Dama despersonalizada de qualquer singularidade, porém elevada à dignidade d'a Coisa.

Observando a vida erótica, Freud estabeleceu diferenciações em relação às escolhas de objeto no homem e na mulher. O tipo de ligação anaclítico é considerado o amor objetual completo, pois neste tipo de escolha, uma parte da libido narcísica é projetada em um objeto que lhe devolve este investimento. Uma vez investido, o que se visa é um para além do objeto e daquilo que ele supostamente teria para dar. O amor é uma tentativa de capturar o ser do outro como objeto, para que, através dele, o sujeito se veja amado. Se o outro preenche a imagem do sujeito de forma satisfatória, ele se torna objeto de investimentos amorosos. Freud ressaltou que, mesmo quando a escolha de objeto se faz por apoio, ela não deixa de ser igualmente narcísica, afinal, o homem procura neste investimento o retorno do amor em si mesmo.

No tipo de escolha objetual narcisista, o sujeito ama a si mesmo como objeto de amor. Segundo Freud, é um modelo característico de pessoas que sofreram algum distúrbio no desenvolvimento libidinal. Existe uma época em que a menina não pode explicitar desejos em relação ao pai e também é proibida de amar pessoas fora do círculo familiar, passa por um período em que a sexualidade é guardada como um segredo. Até seu amadurecimento sexual, ela sofre restrições sociais que impedem ligações objetuais completas e supervalorizações objetuais que não sejam ela mesma. Como efeito de uma supervalorização do eu, pessoas com estas características desejam o amor do outro por ela, amam serem amadas. Freud acreditou, em um determinado momento, que os objetos escolhidos em acordo com as características narcísicas poderiam satisfazer o circuito pulsional, por supostamente manter o reservatório libidinal cheio.

Nas duas formas de investimento amoroso, pode-se afirmar que o amor é narcísico, pois mesmo que passe por um objeto, é em relação ao retorno do investimento feito que o sujeito se lança. Pelo

fato da imagem do sujeito ser constituída no campo do Outro, o sujeito necessita do amor para manter sua unidade narcísica no plano imaginário. Investido pelo Outro em seu ideal e em sua própria imagem, o eu é constituído de uma sucessão de identificações com os objetos amados que lhe permitem moldar sua forma. O Ideal do eu que o sujeito recolhe do campo do Outro vela a divisão constitutiva e lhe permite se ver visto de forma satisfatória, no registro do amor.



Pode-se dizer, com Lacan, que o amor está situado no eixo  $a-a'$  do esquema L da dialética intersubjetiva, campo especular onde significante e significado estão o mais próximo possíveis. Neste campo, amantes tentam fazer existir semblantes onde nada há, para dar conta do impossível de um encontro pleno. Nos momentos em que se supõe uma plenitude recíproca, faz-se uma suplência à falta constitutiva e dribla, de forma imaginária, a castração, fazendo existir a relação sexual que é da ordem do impossível.

### 2.3. Da sublimação à idealização

*Na passagem do amor cortês para o amor como sentimento da paixão produziu-se uma torção [...]. Amar o amor se deslocou para amar um objeto, fazendo com que a sublimação fosse substituída pela idealização objetual* <sup>134</sup>.

<sup>133</sup> LACAN, J. – *O seminário sobre “A carta roubada”* (1955) in *Escritos*, op. cit., p. 58. O esquema L aqui inserido foi copiado deste texto.

<sup>134</sup> Idem - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, op. cit., p. 9.

Freud utilizou o termo *Sublimierung* para designar a sublimação. Embora tenha aparecido desde 1897 em uma carta enviada a Fliess <sup>135</sup>, o conceito foi utilizado pela primeira vez no sentido psicanalítico no caso clínico de Dora <sup>136</sup>. O termo designa o emprego de uma noção com “*contornos mal definidos e com extensão pouco clara*” <sup>137</sup>, ao contrário de conceito que requer uma definição consistente que se sustente na articulação com outras peças teóricas.

Durante toda a sua obra, a sublimação foi um conceito privilegiado por Freud. Por mais que houvesse sido revisto, o autor manteve desde o início uma mesma direção que a colocava como um dos quatro destinos da pulsão. Segundo Luiz Alfredo Garcia-Roza, Freud teria escrito um texto específico sobre este assunto, que faria parte dos doze títulos que compõem a *Metapsicologia*. Datado dos anos de 1914 aproximadamente, o texto sobre a teoria da sublimação não foi publicado.

A sublimação foi um conceito revisto em momentos distintos da obra freudiana. Nestas revisões, pouca coisa mudou estruturalmente. Eram elaborações sistemáticas que serviam como base de apoio a formulações como pulsões, sexualidade, ideais, eu, civilização, entre outras. Na primeira inscrição do conceito de forma psicanalítica, sublimação foi definida como um desvio de forças pulsionais associada a traços perversos da sexualidade infantil:

*As perversões não são bestialidades nem degeneradas no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou redirecionamento para objetivos assexuais mais altos — sua “sublimação” — destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais* <sup>138</sup>.

---

<sup>135</sup> FREUD, S. - *Carta 61* (1897) in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. I, op. cit., p. 267.

<sup>136</sup> Idem, ibidem, p. 296. Esta afirmação é de James Strachey e está em uma nota de rodapé deste texto.

<sup>137</sup> GARCIA-ROZA, L. A. - *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente* (1995) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000, p. 79.

<sup>138</sup> FREUD, S. - *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905 [1901]), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII, op. cit., p. 55.

Freud definiu o homem como um ser prematuro e desamparado, equipado com um aparelho pulsional incompatível com a vida em sociedade. A sublimação sempre foi considerada um elemento fundamental da civilização, pois, através dela, estabelece-se laços sociais que viabilizam a vida em sociedade e impedem que a barbárie se instale <sup>139</sup>. O desvio da pulsão sexual para metas diferenciadas foi a condição para o desenvolvimento cultural, por permitir atividades como a ciência e a arte.

Para esclarecer um pouco mais o conceito de sublimação, é necessário focalizar alguns pontos da teoria das pulsões, mesmo que o assunto já tenha sido parcialmente explorado no item 1.6 desta dissertação. Em 1905, havia uma certa indefinição em relação ao estatuto pulsional, uma dificuldade em especificar se o conceito era psíquico ou somático <sup>140</sup>. De acordo com o autor,

*A teoria dos instintos [das pulsões] é, por assim dizer nossa mitologia. Os instintos [as pulsões] são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-los, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente <sup>141</sup>.*

A pulsão foi descrita por Freud com quatro características fundamentais: a origem (*Quelle*), a pressão (*Drang*), o objeto (*Objekt*) e a finalidade (*Ziel*). A pulsão é a representação psíquica de um processo somático que acontece no interior dos órgãos de um corpo, em zonas erógenas particularmente acentuadas. Da fonte pulsional emana uma pressão que é a força motora que impulsiona a pulsão em direção a sua finalidade, descarregar um *quantum* de excitação ou reduzi-lo ao nível mais baixo possível. A pulsão é fundamentalmente uma reivindicação permanente de satisfação, uma

---

<sup>139</sup> Idem - *O mal-estar na civilização* (1930[1929]), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI, op. cit., p. 103-104.

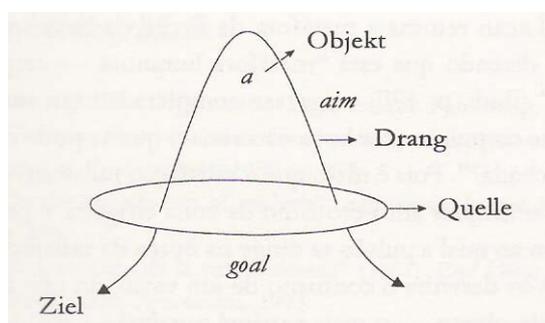
<sup>140</sup> Idem - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, op. cit., p. 158.

<sup>141</sup> Idem - *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, Conferência XXXII, Ansiedade e vida instintual* (1933[1932]), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXII, op. cit., p. 98. Os parênteses foram inserções minhas.

exigência constante de caráter imperativo. O objeto que utilizará para atingir esta finalidade é o que há de mais diverso e menos estreitamente ligado à pulsão, para surpresa de Freud.

*As relações de um instinto [pulsão] com a sua finalidade e com o seu objeto também são passíveis de modificações; ambos podem ser trocados por outros embora sua relação com seu objeto seja, não obstante, a que cede mais facilmente* <sup>142</sup>.

Por essa razão, Lacan classifica a pulsão com relação ao vazio encarnado pelos orifícios do corpo da seguinte maneira:



Circuito pulsional <sup>143</sup>.

A pulsão pode ser considerada como um estímulo para o psiquismo, pois aquilo que vem do interior do corpo, requer do aparelho uma exigência de trabalho responsável pela tarefa de lidar com as excitações, evitando que um excesso quantitativo provoque efeitos patogênicos e impeça a manutenção da homeostase energética. Estando fora do psiquismo, a pulsão não está submetida ao regime do princípio do prazer que captura e transforma o que é da ordem do caos em uma representação inscrita numa cadeia articulada.

*(...) o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam ou reduzi-los ao nível mais*

<sup>142</sup> Idem, ibidem, p. 99. O parêntese foi inserção minha.

<sup>143</sup> RIBEIRO, M. A. – *A pulsão e seus destinos*, in Os destinos da pulsão. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1997, p. 55.

*baixo possível; ou que, caso isso fosse viável, se manteria numa condição inteiramente não estimulada* <sup>144</sup>.

O princípio do prazer governa a busca por um objeto e preserva, ao mesmo tempo, certa distância em relação a este encontro, uma distância íntima chamada por Lacan de *proximidade* <sup>145</sup>. A proximidade é efeito do sujeito ser um corpo que toma sentido no campo do discurso, um ser de linguagem que sofre da inexistência de um objeto que feche o circuito da pulsão que a inscrição do significante abriu. É por esta razão que Lacan escreve o objeto *a* esclarecendo que, independente do que se apresente ao circuito pulsional, será sempre inadequado para a obtenção da satisfação plena. Ao se dirigir a um objeto da satisfação, a pulsão encontra o vazio do objeto *a* que a impele a retornar ao início do circuito, na tentativa de em algum momento cessar de não se escrever. Pelo fato do sujeito ser um corpo falante, é preciso dar à pulsão, marcada pela impossibilidade de plenitude, um destino.

Em 1915 Freud escreveu sobre quatro destinos pulsionais: a transformação no seu contrário, o retorno sobre a própria pessoa, o recalque e a sublimação <sup>146</sup>. A transformação em seu contrário se divide em dois processos essencialmente distintos: o redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade e a inversão do conteúdo. O primeiro é percebido quando acontece uma mudança da meta pulsional no par de opostos sadismo-masochismo; e o segundo se faz perceber na transformação do amor em ódio, frequentemente presente na clínica.

O retorno sobre a própria pessoa acontece quando, no redirecionamento pulsional, o próprio eu é tomado como objeto sobre o qual se reverte o investimento do sujeito. Exemplificando com o par de opostos voyeur - exibicionista, na exibição o sujeito contempla o próprio

---

<sup>144</sup> FREUD, S. - *Os instintos e suas vicissitudes* [1915], in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV, op. cit., p. 125.

<sup>145</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, op. cit., p. 97.

<sup>146</sup> FREUD, S. - *Os instintos e suas vicissitudes*, op. cit., p. 132.

corpo através do olhar do outro sobre ele. Neste caso, afirma Freud, há uma troca de objeto, sem alteração da meta.

Freud afirma que “a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”<sup>147</sup>. O recalque tem, desde o início da obra freudiana, um lugar privilegiado. Foi um fenômeno que surgiu na clínica e permitiu ao autor o abandono da técnica de hipnose, utilizada nos primórdios da invenção psicanalítica.

Freud distinguiu três fases no processo de recalçamento: o recalçamento originário, o recalçamento propriamente dito e o retorno do recalçado<sup>148</sup>. A primeira fase é a condição necessária a todo recalçamento, e acontece quando é negada a entrada na consciência de algum representante ideativo da pulsão, causando uma fixação pulsional. Esta inscrição funciona como um ponto atrator do recalque propriamente dito, uma força constante que exige do aparelho um contínuo dispêndio de energia para repelir e manter afastadas idéias incompatíveis, que insistem em se inscrever no consciente. O recalçado deriva suas representações do representante recalçado ou acabam estabelecendo com ele ligações associativas que, por este motivo, sofrem o mesmo destino. O retorno do recalçado – terceira fase – é a entrada de representantes recalçados que sofreram distorções por parte da censura e puderam ter acesso liberado à consciência.

*O destino de uma pulsão que acaba de brotar pode ser encontrar, ao longo de seu percurso, resistências que queiram impedir sua ação (...). Claro que se, em vez de uma pulsão, se tratasse da ação de um estímulo externo, a fuga teria sido a medida mais apropriada para escapar de seu raio de ação, mas, no caso de uma pulsão, tal fuga não tem serventia, pois o Eu não pode fugir de si mesmo*<sup>149</sup>.

---

<sup>147</sup> Idem - *História do movimento psicanalítico* [1914], in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV, op. cit., p. 26.

<sup>148</sup> Idem – *Repressão* [1915], in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV, op. cit., p. 153.

<sup>149</sup> Idem – *O recalque* [1915], in Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago Ed., 2004, p. 177.

O recalque estabelece uma relação intrínseca com a sexualidade e a faz um objeto privilegiado à vicissitude pulsional. As pulsões derivadas de zonas erógenas despertam no sujeito sentimentos desagradáveis e impulsos reativos, frente aos quais o sujeito está impedido de fugir. Para evitar o desprazer causado pela exclusão de uma representação incompatível do campo da consciência que promove um acúmulo de energia sem nenhuma via de escoamento, a sublimação se torna uma alternativa que permite à pulsão um alvo substitutivo, abstendo-se da satisfação diretamente sexual.

*O recalque lida com a satisfação sexual no nível do proibido, ao passo que, no caso da sublimação, o sujeito abandona a referência à satisfação sexual direta e lida com ela em sua dimensão de impossível. Assim, o impossível da satisfação, em jogo na pulsão, encontra na sublimação sua possibilidade de manifestação plena, pois a sublimação revela a estrutura do desejo humano enquanto tal, ao revelar que, para além de todo e qualquer objeto sexual, se esconde o vazio da Coisa, do objeto enquanto radicalmente perdido* <sup>150</sup>.

Freud afirmou que a pulsão só se satisfaz em suas vicissitudes, pois mesmo quando existe um objeto, este se mostra inadequado à realização pulsional. Ele descreveu a sublimação como a vicissitude mais bem sucedida que uma pulsão poderia experimentar <sup>151</sup>. As vicissitudes são outras possibilidades de satisfação quando, por algum motivo, não podem ser satisfeitas *diretamente* de modo sexual. Tanto o objeto quanto o objetivo são modificados, e a pulsão que é originalmente da ordem do sexual encontra sua expressão em algo aparentemente não sexual, mas de valoração social ou ética superior.

*A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de o instinto se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação*

---

<sup>150</sup> Idem - *Sobre o narcisismo: uma introdução*, op. cit., p. 154.

<sup>151</sup> Idem - *Dois verbetes de enciclopédia* (1923 [1922]), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII, op.cit., p. 272.

*sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade* <sup>152</sup>.

Mesmo inibida em seu alvo, a sublimação é um modo de satisfação pulsional. Freud ressaltou que nem toda pulsão é passível desta vicissitude, pois a libido exige sempre certa dose de satisfação direta nos objetos. É uma modalidade distinta e paradoxal, pois a categoria do impossível está inscrita na inexistência de um objeto de satisfação capaz de encerrar o circuito pulsional. O objeto absoluto do desejo se apresenta como impossível, mas, migalhas de satisfação podem ser acessadas. A sublimação se torna especial para esta discussão na medida em que extrai do vazio a possibilidade de invenção que impulsiona o sujeito para a simbolização.

*Entre o objeto, tal como é estruturado pela relação narcísica, e das Ding há uma diferença, e é justamente na vertente dessa diferença que se situa, para nós, o problema da sublimação* <sup>153</sup>.

Lacan se referiu às poesias trovadorescas como um exemplo de sublimação, por situar o objeto feminino no lugar de *das Ding*. Ao mesmo tempo em que era articulada a uma cadeia tornando-se acessível ao simbólico, a Dama era mantida como um objeto sem representação que escapava ao significante. Enquanto objeto idealizado elevado à dignidade de *das Ding* <sup>154</sup>, exigia que o trovador tentasse acessar a parte que não é passível de inscrição, sublimando-a em versos de amor.

Lacan chamou a atenção para o papel fundamental da estrutura da linguagem, pois é no registro dos significantes que a satisfação perdida será procurada. Ele fez um paralelo entre termos, afirmando que a sublimação faz equivalência ao engendramento do simbólico na medida em que se estrutura a partir de um vazio.

---

<sup>152</sup> Idem - *Sobre o narcisismo: uma introdução*, op. cit., p. 101.

<sup>153</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, op. cit., p. 124.

<sup>154</sup> Idem, *ibidem*, p. 141.

A inscrição parcializada da Dama condiz com a estrutura do registro do simbólico marcado pelo real indizível. Da mesma forma que a mulher no amor cortês, o registro do real subsiste, enquanto um limite, à insistência simbolizante. Ele ex-siste à simbolização plena e pressupõe a presença do sujeito desejante.

Quando se problematiza a sublimação, a plasticidade pulsional deve estar em discussão, pois esse destino concerne à libido de objeto. Dizer que pulsões podem ser desviadas de seus objetivos originais, reafirma a capacidade de transformação que a inscreve em parceria com o registro do real. Na sublimação a mudança de objeto ilustra o caráter secundário do objeto para o circuito pulsional.

A noção de sublimação foi ilustrada por Lacan através das obras de arte, definidas como valores partilhados socialmente e reconhecidos como bens culturais. O movimento literário do período cortês foi um exemplo dos valores que se tornaram referências de conduta humana. De acordo com John Rajchman, o sujeito investe em objetos sublimatórios e deles extrai uma satisfação que nada demanda do sujeito. O autor afirmou que “(...) *idealizamos o objeto de arte exatamente da mesma maneira que o trovador idealizava sua dama*”<sup>155</sup>.

Na Antiguidade segundo Freud, o amor estava situado no campo do desejo, e os investimentos da ordem da sublimação eram dirigidos a um objeto posicionado de forma a não obliterar o vazio do sujeito, e sim causá-lo. Na erótica cortês, o amor pelo desejo foi deslocado para a idealização de um objeto personificado que preencheria as condições para a realização da promessa de plenitude que, no entanto, não poderia se realizar.

A idealização acontece tanto no campo do eu quanto na esfera dos objetos. Segundo Freud, o objeto enaltecido e supervalorizado psiquicamente submete a crítica e o juízo do sujeito em relação às suas capacidades e perfeições<sup>156</sup>. Os objetos idealizados são

---

<sup>155</sup> RAJCHMAN, J. - *Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética* (1991) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993, p. 85.

<sup>156</sup> FREUD, S. - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, op. cit., p. 142.

peças fundamentais das instâncias ideais propostas por Freud, pois têm a função de medir o eu de um sujeito em relação a ideais que erige, na relação com o Outro, em si mesmo.

Através da analogia ao esquema óptico de Bouasse, Lacan fez paralelos entre a física e estruturas intra-subjetivas <sup>157</sup>. O experimento do vaso invertido consiste em fazer aparecer um buquê de flores dentro de um vaso que está escondido sob um aparato, inacessível aos olhos do sujeito localizado num lugar ideal. O esquema óptico descreve um sujeito,  $\$$ , posicionado em um lugar entre o espelho côncavo e o objeto, de onde não pode ver o vaso real,  $i(a)$ , escondido sob o aparato. Aos seus olhos, só são acessíveis as flores reais, postadas em cima de onde se esconde o vaso. A ilusão do experimento é fornecida ao observador através de um espelho plano, A, representado pelo Outro que rege a experiência, e que lhe reflete a imagem do vaso com as flores em unidade. A imagem real do vaso com as flores se apresenta ao sujeito como uma imagem virtual, e  $a'(a)$ , por ser um reflexo do que ele vê no espelho plano que reflete o Outro.

*O que sustenta o desejo é, na verdade, o  $i(a)$ , valorizado como suporte de  $a$  – o qual, repito, nunca é diretamente visível. Seus únicos referenciais têm que ser captados pelo sujeito no espelho A: é aí que ele vê  $i'(a)$ , a imagem especular, que só o fascina enquanto marcada por uma falta; é no lugar do Outro e em relação a essa imagem que se orienta o desejo, como relacionado com uma ausência, com uma presença em outro lugar <sup>158</sup>.*

O Outro, A, é o campo em que o sujeito se vê e ajusta a própria imagem. Lacan descreveu  $i(a)$  como o eu imaginário, a imagem narcísica do sujeito representado pela imagem real do objeto oculto. A imagem virtual da imagem real do sujeito depende da maneira ideal que ele se coloca no campo do Outro, uma referência que possibilita a constituição do eu ideal. Só a partir da inscrição simbólica do sujeito que ele pode se reconhecer na imagem virtual da imagem real,  $i'(a)$ , o

---

<sup>157</sup> LACAN, J. – *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”* (1960) in *Escritos*, op. cit., p. 674.

<sup>158</sup> CONTE, C. – *O real e o sexual: de Freud a Lacan* (1992) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p. 16.

que destaca a importância do Outro como uma referência simbólica suporte fundamental da imagem narcísica e alienada -  $i'(a)$  - do sujeito.

Pelo fato de a imagem do sujeito ser constituída no campo do Outro, o sujeito necessita do amor para manter sua unidade narcísica no plano imaginário. O eu é constituído de uma sucessão de identificações com objetos que lhe permitem moldar sua própria imagem, velando sua divisão constitutiva e lhe permitindo se ver visto pelo Outro de forma satisfatória, no registro do amor. “*Por sua referência àquele que deve amá-lo, ele tenta induzir o Outro numa relação de miragem na qual o convence de ser amável*”<sup>159</sup>.

O sujeito idealiza seu objeto de amor com a intenção de fazer suplência ao que lhe falta, expresso pelo matema da castração,  $-\phi$ . A falta nunca é preenchida, e o “Um” de Eros não pode ser sustentado. O desejo de completude se mostra frágil e ameaça aquele que supõe se manter imune à castração, iludindo-se. Esta é a problemática do amor contemporâneo que, distinto do movimento cortês, ama um objeto idealizado na suposição de que através deste amor seja possível fazer existir a relação, transformando o contingente em necessário e apostando na plenitude que só é possível quando a castração for completamente velada.

#### **2.4. Um exemplo clínico do amor cortês**

Freud, em suas anotações sobre o início do tratamento do *Homem dos ratos*, o descreveu da seguinte forma:

*Um jovem senhor de formação universitária apresentou-se a mim com a asserção de que ele sempre havia sofrido de obsessões, desde a infância, mas com intensidade especial nos últimos quatro anos. Os aspectos principais de seu distúrbio eram*

---

<sup>159</sup> LACAN, J. -, *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, op. cit., p. 253.

*medos de que algo pudesse acontecer a duas pessoas de quem ele gostava muito: seu pai e uma dama a quem admirava* <sup>160</sup>.

O paciente apresentava impulsos compulsivos e suicidas, pensamentos e medos obsessivos, havia criado proibições e pequenas ordens como medidas de proteção para que suas fantasias contra o pai e a dama a quem admirava não fossem realizadas. Disse a Freud que pensamentos obsessivos a respeito da morte do pai lhe ocuparam a mente desde a infância e obrigavam-no a fazer todo o tipo de coisas para evitá-los. Uma forma de expressão é a construção de frases obsessivas que agrupavam a oposição entre o desejo sexual e a interdição paterna. Desde estas associações, uma das mais antigas e preferidas obsessões do Homem dos Ratos tinha como tema algum tipo de infortúnio causado ao pai. “*Era uma neurose obsessiva completa, não faltando elemento essencial algum*” <sup>161</sup>.

Freud inventou uma nosografia para tentar contornar minimamente o que chamou de *Zwangsneurose*. Para diagnosticar uma neurose obsessiva, era necessário que o paciente apresentasse pensamentos e atos compulsivos. Estes sintomas seriam, de acordo com a leitura freudiana, eram efeito de excitações sexuais vividas precocemente como um trauma, apesar da atividade e do prazer serem suas principais características. Os afetos decorridos do trauma, carregados de autocensura, por serem incompatíveis com o eu, desligam-se de suas verdadeiras representações para ligarem-se, por deslocamento, a conteúdos ideativos falsos. Para Freud, as causas

---

<sup>160</sup> FREUD, S. - *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* [1909], in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. X, op. cit., p. 143. Em 1909 Freud escreveu *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, texto que relata o tratamento analítico do Homem dos Ratos iniciado em 1º de outubro de 1907, com duração de aproximadamente um ano. O texto de Freud é dividido em duas partes: em ‘*Extratos do caso clínico*’ fornece fragmentos da história do paciente e em ‘*Considerações teóricas*’ teoriza sobre a gênese e os mecanismos psicológicos envolvidos na neurose obsessiva.

<sup>161</sup> Idem, *ibidem*, p. 146.

precipitadoras da neurose obsessiva são retidas na memória apesar de destituídas da catexia afetiva, permanecendo na consciência como uma idéia sem importância para o sujeito. Desta forma Freud explicou o mecanismo através do qual as soluções de compromisso do obsessivo, como as medidas protetoras do Homem dos Ratos, são constituídas.

*Nesse distúrbio, conforme já expliquei, a repressão não se efetua por meio da amnésia, mas sim mediante a ruptura de conexões causais devidas a uma retirada de afeto. Essas conexões reprimidas parecem persistir em algum tipo de configuração muito vaga, sendo, por um processo de projeção, assim transferidas para o mundo externo, onde dão testemunho daquilo que foi apagado da consciência* <sup>162</sup>.

O Homem dos Ratos contou a Freud que sua vida sexual começou muito cedo, em torno dos quatro ou cinco anos de idade. Nesta época, marcada pelo paciente como o início de sua doença, associava o desejo de ver moças despidas ao sentimento de que, se pensasse nestas coisas, algo de ruim aconteceria a alguém que amava. O conflito entre o desejo de ver e os pensamentos obsessivos estava referido, naquele momento, ao pai: *“Se tenho esse desejo de ver uma mulher despida, meu pai deverá fatalmente morrer”* <sup>163</sup>. Este conflito foi reatualizado quando experimentou, pela primeira vez, a sensação do orgasmo: *“Por uma coisa assim alguém é até capaz de matar o pai”* <sup>164</sup>.

O Homem dos Ratos tinha a necessidade de manter o pai vivo mesmo após sua morte, nove anos antes de chegar ao consultório de Freud. Mantendo a figura interditora viva, se protegia contra seu próprio desejo. O obsessivo tem a constante tarefa de restaurar o Outro para colocá-lo como um expectador invisível e lhe demandar permissão. *“Por isso ele faz de seu desejo um desejo imaginariamente sustentado pela proibição do Outro, para ter a quem pedir licença”* <sup>165</sup>. O desejo do obsessivo, por se articular à demanda através de significantes, estipula

---

<sup>162</sup> Idem, ibidem, p. 201.

<sup>163</sup> Idem, ibidem, p. 147.

<sup>164</sup> Idem, ibidem, p. 176.

<sup>165</sup> TEIXEIRA, A. – *O casamento do obsessivo com a histórica* (2006) in *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* - nº. 56, Bahia, 2006, p. 34.

uma dependência ao campo do Outro. Ao mesmo tempo em que constitui o Outro como suporte no qual apóia seu desejo, almeja sua anulação, tornando-o um empecilho à conquista do desejo absoluto.

O motivo que o levou a visitar Freud foi ocasionado durante as manobras militares, quando um capitão que gostava de crueldades contou a ele um castigo corporal aplicado no Leste: o suplício dos ratos. Num misto de horror e prazer, teve a idéia de que este castigo poderia acontecer a seu pai e também à dama interdita, portadora do perigo inerente a toda transgressão possível <sup>166</sup>. Ao mesmo tempo em que lhe ocorreu esta idéia, uma sanção o obrigou a adotar uma medida defensiva <sup>167</sup> para protegê-los de impulsos hostis e violentos.

O Homem dos Ratos adoeceu em torno dos vinte anos de idade, durante o conflito entre casar-se com uma jovem dama sem recursos a quem amava há muito tempo ou com uma outra, rica e linda, que tinha sido predestinada a ele por seus pais. O paciente contou a Freud que seu pai quando ainda solteiro, cortejava uma jovem desprovida financeiramente e, ao casar-se com sua mãe, adquiriu um status social e econômico confortável. Manter-se obediente ao desejo do pai equivalia abandonar a dama a quem amava.

O objeto era marcado de um lado pelo excesso, e de outro pela carência – inscritos neste caso no campo do dinheiro - apresentando a dificuldade em se ter a justa medida do objeto ideal que o impediria manter-se protelando uma escolha amorosa. Adoeceu incapacitando-se para o trabalho, o que lhe permitiu adiar a conclusão de seus estudos, postergando assim, os planos de casamento. Aquilo que escapou à medida ideal que o faria se certificar de sua escolha, foi utilizado como uma solução sintomática para que o Homem dos Ratos escamoteasse a inexistência estrutural de algo que o conduziria de forma adequada à parceira sexual. Quando protela, se impede e

---

<sup>166</sup> REY-FLAUD, H. - *La névrose courtoise* (1983) Navarin Éditeur, 1983, p. 123.

<sup>167</sup> FREUD, S. - *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, op. cit., p. 147.

posterga, assim o Homem dos Ratos adia o engajamento com seu verdadeiro desejo.

“No que concerne à dama, [...] era verdade que a amara muito mas jamais sentira realmente desejos sensuais por ela [...]”<sup>168</sup>. No amor do Homem dos Ratos, o desejo sexual estava velado pelas idéias obsessivas ligadas à dama que se apresentavam, inicialmente, como pequenas ordens sem sentido: sentia impulsos vingativos em relação ela, ao mesmo tempo em que formulava uma obsessão de protegê-la para evitar o sentimento de culpa se algo acontecesse.

*Esta escrutação da mulher, torturante e interdita, inscreve-se na história de Lehrs desde a infância até à idade adulta. Ela é a cifra de sua relação infeliz, quebrada, impossível ao Outro sexo, cifra de sua neurose como do amor cortês*<sup>169</sup>.

Ao ser colocada como a Dama do amor cortês - caracterizada pela inacessibilidade e idealização - ela herdava a interdição que pesava sobre a figura da mãe, a quem o Homem dos Ratos desejava de uma forma sublimada em seu amor puro de toda sensualidade. A necessidade de manter o pai vivo mesmo após a morte tem a função, na neurose obsessiva de O Homem dos Ratos, de construir um *Senhor* e o manter erguido todo o tempo para condenar as fantasias incestuosas nas quais estava preso.

Quando Freud descreveu os tipos de escolha de objeto observou que, para o homem, existe uma série de “*condições necessárias ao amor*”<sup>170</sup>. Uma das condições essenciais para que ele escolha uma mulher é designado de “*amor à prostituta*”<sup>171</sup>. Para um

---

<sup>168</sup> Idem, ibidem, p. 161.

<sup>169</sup> REY-FLAUD, H. – *La névrose courtoise*, op. cit., p. 148. No Original: “Cette scrutation de la femme, torturante et interdite, s’inscrit dans l’histoire de Lehrs depuis l’enfance jusqu’à l’âge adulte. Elle est le chiffre de sa relation malheureuse, brisée, impossible à l’Autre sexe, chiffre de sa névrose comme de l’amour courtois”.

<sup>170</sup> FREUD, S. – *Um tipo especial de escolha do objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)* (1910), in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XI, op. cit., p. 171.

<sup>171</sup> Idem, ibidem, p. 172.

homem conseguir deseja-la, é necessário que a dívida em mãe e prostituta, pois a escolha de objeto deriva de fixações infantis que trazem em seu protótipo características materna reconhecíveis. A semelhança com uma prostituta apresenta a tentativa de velar o que há de similar ao campo materno.

O Homem dos Ratos fazia bascular a dama entre a veneração e a indiferença, mantendo-a como um objeto impossível e sexualmente inacessível. Ela havia recusado seus sentimentos dez anos antes e, durante todo este tempo, ele alternava momentos em que acreditava que a amava demais e outros de total indiferença. Toda vez que se aproximava de uma decisão de casamento, tinha a convicção de que ela não era tão importante. Sentia pela dama um misto de ternura e hostilidade: ao mesmo tempo em que a tornou intocável, apresentava fantasias em relação aos seus méritos. O conflito levava o paciente à dúvida a respeito de suas medidas protetoras, não acreditando que, pela repetição, conseguiria expulsar a incerteza em relação à decisão sobre a escolha do objeto de seu amor.

*Ele sempre buscava fazer uma rigorosa distinção entre relações que consistiam somente na cópula e tudo aquilo que era denominado de amor; e a idéia de que ela tinha sido amada tão profundamente fê-la, aos olhos dele, um objeto inadequado para a sua sensualidade* <sup>172</sup>.

O desdobramento da vida amorosa do Homem dos Ratos lhe trazia conflitos e ativava suas obsessões. Ele tentava através das medidas protetoras, das pequenas ordens sem sentido, da necessidade em protegê-la, e das frases obsessivas, alcançar certa mestria do gozo obsceno que desmanchava suas defesas <sup>173</sup>.

O conflito entre amor e ódio revelava-se na elaboração de preces que se converteram em expressão contra as

---

<sup>172</sup> Idem - *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, op. cit., p. 228.

<sup>173</sup> GAZZOLA, L. R. - *Estratégias na neurose obsessiva* (2002) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, p. 142.

fantasias inconscientes: “*Que Deus a proteja*”<sup>174</sup> era perturbado por um hostil *não* inserido na frase, transformando-a numa praga. As preces foram substituídas por uma pequena fórmula constituída de sílabas e letras iniciais de diversas preces que recitava com rapidez para que nada se intrometesse enquanto a realizava. Criou uma fórmula defensiva - *Gleijsamen*<sup>175</sup> - que era, segundo Freud:

(...) *um anagrama do nome de sua dama. Seu nome continha um ‘s’, e ele pôs este por último, isto é, imediatamente antes do amém, no final. Portanto, podemos dizer que mediante esse processo ele pusera o seu ‘Samen’ [‘sêmen’] em contato com a mulher que amava*<sup>176</sup>.

O Homem dos Ratos colocava o sêmen em contato com a mulher amada através de sua fórmula defensiva, unindo-se sexualmente a ela de uma maneira sublimada. Os poetas trovadores usavam pseudônimos ocultando o nome da Dama nas mensagens poéticas<sup>177</sup> - tal como em *Gleijsamen* - onde o nome de Gisela aparece de forma oculta. Lacan nos disse que o tema do segredo é uma das características essenciais do amor cortês, e o uso do *Senhal* é uma forma de apresentação indireta da Dama<sup>178</sup>. Lacan nos remeteu aos versos de Guilhem de Peitieu que utilizou a expressão *Bom Vizinho* como um pseudônimo para ocultar o nome da mulher amada: “*Não receio que estranha linguagem me afaste de meu Bom Vizinho, pois bem sei o efeito das palavras que se espalham num breve discurso (...)*”<sup>179</sup>.

Em outubro de 1906 o Homem dos Ratos contou a Freud um sonho em que a dama estava num certo tipo de cárcere e que ele a libertava com duas espadas japonesas, as quais, em sua interpretação, significavam ‘casamento’ e ‘cópula’<sup>180</sup>. O tema das espadas japonesas retornou novamente e, neste novo sonho, o

---

<sup>174</sup> FREUD, S. - *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, op. cit., p. 209.

<sup>175</sup> Idem, *ibidem*, p. 226.

<sup>176</sup> Idem, *ibidem*, p. 196.

<sup>177</sup> SPINA, S. - *A lírica trovadoresca*, op. cit., p. 25. Os trovadores chamavam a ocultação do nome da Dama no amor cortês de uso do *Senhal*.

<sup>178</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, op. cit., p. 188.

<sup>179</sup> PEITIEU, G. *apud* SPINA, S. - *A lírica trovadoresca*, op. cit., p. 108.

<sup>180</sup> FREUD, S. - *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, op. cit., p. 232.

significado delas consistia em *não se casar e nem ter relações sexuais com a dama* <sup>181</sup>. No sonho das espadas japonesas, Gisela apresentava ao Homem dos Ratos sua própria imagem de desejante, e os conflitos imaginarizados pelas espadas expressavam a luta entre o desejo e o interdito paterno. O sonho revelava que a dama era suscetível de seduzir e de ser seduzida, o que lhe parecia absurdo e conflituoso. Ele não compreendia o conflito entre casar-se ou não com Gisela, não se permitindo, pelo interdito paterno, poder desejar a mulher que amava. “*A mulher amada, excluída do campo de todo desejo possível, esta é a estrutura fundamental do amor cortês de Ernest Lehrs*” <sup>182</sup>.

O Homem dos Ratos excluía a dama venerada do campo de seu desejo. Ela era suporte do amor idealizado sobre o qual a morte colocava a marca do sagrado, reservada à mãe. Lacan disse que o obsessivo é um ator que desempenha seu papel nas cenas de sua vida, como se estivesse morto <sup>183</sup>. Mortificando antecipadamente seu próprio desejo, chega o mais perto que pode da morte ao mesmo tempo em que protegido dela.

O amor cortês, neste caso, é um exemplo da morte em relação ao objeto. Isto se dá quando ele coloca a dama no lugar inacessível a seu desejo, alienando-se em suas idéias obsessivas que a velavam enquanto causa. Na constituição de seu desejo, o neurótico obsessivo reduz o parceiro sexual à condição de objeto, eliminando o que o constitui singularmente no campo do Outro.

*Em sua estratégia para enganar a morte, dissemos que o obsessivo se finge de morto. A alienação de seu desejo e a incapacidade de agir que o caracterizam nesse estado correspondem a uma verdadeira petrificação do corpo numa certa imortalidade. Este corpo fixado não se gasta, na intenção de continuar preservado, fica intacto, à espera do julgamento*

---

<sup>181</sup> Idem, ibidem, p. 235.

<sup>182</sup> REY-FLAUD, H. – *La névrose courtoise*, op. cit., p. 125. No original: “La femme aimée, comme exclue du champ de tout désir possible, telle est donc la structure fondamentale de l’amour courtois d’Ernest Lehrs”.

<sup>183</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-1957) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p. 26.

*final – mas ao fazer isto, ele torna paradoxalmente um corpo já morto, esvaziado de todo desejo – uma múmia* <sup>184</sup>.

O Homem dos Ratos se utilizou das medidas de proteção e dos pensamentos obsessivos para se relacionar com o desejo, expresso através da relação conflituosa e adoecida estabelecida com a dama. Na tentativa de mortificar o desejo, ele se fingia de morto-vivo para afastar a possibilidade de se deparar com o vazio e a inconsistência do Outro. O amor cortês do Homem dos Ratos é uma tentativa de velar a existência do impossível de uma relação, através da sublimação.

---

<sup>184</sup> GAZZOLA, L. R. – *Estratégias na neurose obsessiva*, op. cit., p. 155.

## CAPÍTULO III

### A MULHER ARREBATADA E SEU GOZO

*Estamos todos de acordo em que o amor é uma forma de suicídio* <sup>185</sup>.

#### 3.1. A Lol literária na escrita de Marguerite Duras

*E aquilo recomeça: as janelas fechadas, lacradas, o baile murado em sua luz noturna os teria contido, todos os três, e apenas eles* <sup>186</sup>.

Lola Valérie Stein tinha 19 anos quando conheceu Michael Richardson. Ela, filha de um professor da universidade de S. Tahla passava as férias escolares em T. Beach quando encontrou Richardson na quadra de tênis. Ele, 25 anos, filho de fazendeiro das redondezas, era um rapaz culto e com temperamento triste. Desde que o viu, Lol se apaixonou. Em pouco tempo ficaram noivos e quando os rumores se espalharam pela cidade, só se acreditou parcialmente no

---

<sup>185</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-54)* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., 1986, p. 175.

<sup>186</sup> DURAS, M. – *O Deslumbramento (Le ravissement de Lol V. Stein)* (1964) Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 34.

que ouviam: algo dos sentimentos de Lol era diferente de outras pessoas.

Durante este verão aconteceu um baile no Cassino Municipal. Lol e Richardson estavam saindo da pista de dança quando duas mulheres entraram no Cassino de T. Beach. Uma delas, elegante e esguia, vestia um vestido bastante decotado, com saias duplas de tule preto; chamava-se Anne-Marie Stretter e caminhava em direção aos dois. Michael Richardson a convidou para dançar.

Tatiana se aproximou de Lol que se dirigiu para trás das plantas verdes do bar, no fundo do salão. Após a segunda dança, o casal não se deixou mais, dançaram até a aurora e saíram juntos do baile. A noite havia acabado. Esse foi o sentido dado por Lol à presença da mãe que apareceu para levá-la para casa. Lol acompanhou a saída do casal com os olhos e, quando não mais os viu, caiu desmaiada.

Ela foi levada para casa e permaneceu algumas semanas fechada em seu quarto. *“Pagava agora, mais cedo ou mais tarde aquilo que devia acontecer, a estranha omissão de sua dor durante o baile”*<sup>187</sup>. Uma noite saiu de casa sozinha e sem avisar. Do portão avistou Jean Bedford que passava em frente a sua casa, não se conheciam. Ela o seguiu até a casa dele, pois não tinha uma direção determinada a caminhar. Falaram-se, ele beijou-lhe a mão, beijaram-se. Jean Bedford avisou a mãe de Lol onde ela estava e, pela segunda vez, a Sra. Stein foi buscar a filha. Dias depois, Bedford pediu Lol em casamento sem voltar a vê-la. Casaram-se, mudaram de S. Tahla para U. Bridge a pedido da mãe de Lol, tiveram três filhas e viveram muitos anos em uma aparente felicidade burguesa.

Ela se ocupava da organização da casa estipulando horários rígidos e uma arrumação impecável. Os cômodos estavam arrumados como vitrines de lojas e o jardim era como todos os daquela cidade. Lol imitava o que via, repetindo *“todos os outros, o maior número possível de outras pessoas”*<sup>188</sup>. Quando a mãe morreu, dez anos após a

---

<sup>187</sup> Idem, *ibidem*, p. 17.

<sup>188</sup> Idem, *ibidem*, p. 24.

partida do casal, decidiram que voltariam a S. Tahla e, a pedido de Lol, moraram na casa de seus pais.

Numa tarde cinzenta, Lol olhou um casal passando na frente de sua casa. Assim que os viu, se escondeu atrás da cerca viva do jardim de maneira que não a enxergassem. Os dois trocaram algumas palavras, mas Lol escutou apenas uma frase dita pela mulher: “*Talvez tenha morrido*”<sup>189</sup>. Teria sido uma alucinação? É o que cabe indagar, no momento, nesta dissertação. Após passarem pelo jardim, o homem tomou a mulher nos braços e a beijou. Lol não teve certeza de ter reconhecido a mulher, mas aquele beijo lhe trouxe vagas lembranças. Pouco tempo depois de ter visto esta cena, inventou passeios pelas ruas da cidade e por seus arredores.

*Neste preciso momento começa o trabalho de construção da fantasia, do gesto do homem tirando o vestido da mulher. Esse beijo recorda confusamente algo a Lol, que acredita reconhecer a mulher. Uma vaga recordação emerge, sem mais, porém a conduz a seguir ao homem que será o homem da situação, enquanto que a mulher beijada resulta ser a amiga de infância, Tatiana, cuja presença ao lado de Lol no baile havia sido esquecida*<sup>190</sup>.

Tatiana acreditava que os passeios sem pretexto eram momentos em que Lol pensava no baile, em que retornava àquela noite tentando reordená-la. Fechava-se em seus pensamentos, penetrava no baile do Cassino de T. Beach e dirigia-se até o momento em que foi separada do casal para sempre. Momento inominável onde a palavra lhe faltou e ela se calou.

*Ela se vê, e aí está seu pensamento verdadeiro, no mesmo lugar, nesse fim, sempre no centro de uma triangulação em que a aurora e eles dois são os termos eternos: ela acaba de perceber essa aurora enquanto eles ainda não a notaram. Ela sabe, eles*

---

<sup>189</sup> Idem, ibidem, p. 28.

<sup>190</sup> MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso* (1999-2000) Buenos Aires, Paidós, 2004, p. 489. No original: “En ese preciso momento comienza el trabajo de construcción del fantasma, del gesto del hombre quitándole el vestido a la mujer. Ese beso recuerda confusamente algo a Lol, quien cree reconocer a la mujer. Un vago recuerdo emerge, sin más, pero la conduce a seguir al hombre, quien será el hombre de la situación, mientras que la mujer besada resulta ser la amiga de la infancia, Tatiana, cuya presencia cerca de Lol en el baile había sido olvidada”.

*ainda não. Falta-lhe o poder de impedir que saibam. E aquilo recomeça* <sup>191</sup>.

Lol se prendeu a uma fantasia que nunca conseguiu concluir: após o baile, Michael Richardson teria despido Anne-Marie com lentidão. Os seios do corpo branco e esguio daquela mulher iam aparecendo aos poucos, enquanto Lol, ao mesmo tempo, ia sendo substituída e apagada para ele. Ela acreditou que aquele gesto não poderia nunca ter acontecido na sua ausência.

Durante as andanças diárias pelas ruas de S. Tahla, Lol encontrou o homem que vira beijando uma mulher na frente de sua casa. Ele estava só. Acompanhou com os olhos uma mulher que passava por ele. Ela reconheceu, naquele jeito de olhar, a mesma maneira que Richardson a olhava antes do baile. Resolveu segui-lo sem que a visse, o que a levou a encontrar Tatiana Karl, a amiga de infância que esteve a seu lado quando o noivo lhe foi roubado.

Lol os seguiu espreitando com atenção a relação entre o casal. Eram silenciosos e indiferentes, acreditava que não se amavam. Lol começou a fabricar aqueles amantes em sua fantasia, com o intuito de tomar um lugar que ela não ocupara na noite do baile, há dez anos. Trata-se, portanto, da reedição de uma cena. Chegou ao Hotel des Bois, local conhecido na sua juventude, quando o noivo fez-lhe juras de amor capazes de levá-la a T. Beach. Quando chegou, os amantes já haviam subido, Lol os esperou deitada no campo de centeio que ficava atrás do hotel. A noite desceu e uma luz em um dos quartos se acendeu permitindo-lhe ver, no fundo da janela iluminada, Tatiana nua sob seus cabelos negros.

*Logo, através de sua fantasia, faz consistir como mancha, sob o gesto de um homem, sob o olhar do mundo, a mulher. (...) E Lol resulta por sua vez arrebatada e encantada. Seu corpo desaparece, ela termina substituída pela outra. Faz existir, atada a ela, a beleza, puro olhar do corpo da mulher* <sup>192</sup>.

---

<sup>191</sup> DURAS, M. – *O Deslumbramento*, op. cit., p. 34.

<sup>192</sup> MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso*, op. cit., p. 492. No original: “Luego, a través de su fantasma, hace consistir como mancha, bajo el gesto de un hombre, bajo la mirada del mundo, la mujer. (...) Y Lol

Após este encontro, Lol procurou o endereço de Tatiana e soube que ela se casara há oito anos com o médico Pierre Beugner e morava no sul de S. Tahla. Lol rodeou a casa de Tatiana, até que decidiu visitá-la. Nesta visita foi apresentada a Jacques Hold, médico de S. Tahla que trabalhava com o marido de Tatiana. Foi a primeira vez que Hold viu Lol, apesar desta tê-lo visto através da janela.

Naquela noite, ambas falaram sobre a vida, a casa, os filhos e o marido. Por mais que Lol falasse com nitidez sobre seu estado atual, Tatiana ainda se inquietava em relação à loucura e ao luto que a amiga viveu. Tatiana não acreditava que o baile fosse a razão da doença de Lol, achava que desde a época da escola já lhe faltava algo, ela era “*estranhamente incompleta*”<sup>193</sup>.

Lol V. Stein escolheu Tatiana e Jacques Hold e fabricou as condições necessárias para o êxito de sua fantasia, onde enfim encontraria um lugar para si, perdido há dez anos, no baile do Cassino.

*No momento em que minhas mãos tocam Lol, volta-me a lembrança de um morto desconhecido: vai servir o eterno Richardson, o homem de T. Beach, nos misturaremos a ele, em confusão, tudo isso vai fazer apenas um, não vamos mais reconhecer quem é quem, nem antes, nem depois, nem durante, vamos perder-nos de vista, de nome, vamos morrer assim por ter esquecido, pedaço por pedaço, tempo por tempo, nome por nome, a morte*<sup>194</sup>.

Tatiana e Hold encontraram-se novamente no hotel, dias depois. Da janela do quarto em que ele esperava a amante, olhava a paisagem quando percebeu uma mulher deitada no campo de centeio, uma forma cinzenta que não lhe deixou dúvidas de que se tratava de Lol. Um misto de horror e alegria tomou conta de seu ser até imaginar que ela também devia estar lhe olhando. Quando Tatiana chegou ao

---

resulta a la vez arrebatada y encantada. Su cuerpo desaparece, ella resulta reemplazada en la otra. Hace existir, anudada a ella, la belleza, pura mirada del cuerpo de la mujer”.

<sup>193</sup> DURAS, M. – *O Deslumbramento*, op. cit., p. 60.

<sup>194</sup> Idem, *ibidem*, p. 85.

quarto, Hold levou-a à janela para mostrá-la a Lol, incógnita, misturada à paisagem. E desta forma, estavam lá todos os três: Lol os via aparecer através da moldura da janela enquanto seu ser era eliminado.

Lol construía com obstinação uma fantasia na qual os três estavam inscritos. Ela amava o homem que amava Tatiana e certificou-se do quanto a amante lhe era imprescindível. Lol objetivava uma substituição da cena original na qual o casal Anne-Marie e Michael se foi ao final do baile. Na reedição da cena, Hold e Tatiana substituiriam os parceiros anteriores diante do olhar de Lol que, de fora do hotel os acompanhava.

Os encontros entre os três se tornaram mais frequentes. Esta aproximação permitiu que Lol convidasse Hold a ir para T. Beach numa viagem que há dez anos a impediam de fazer. Encontraram-se na plataforma da estação; sem ele, não valeria a pena voltar lá. Em T. Beach caminharam em direção ao Cassino Municipal. No salão do baile, Lol tentou rever o que não se podia mais. Segundo Marguerite Duras:

*Lol espia cada saída e ri, como que encantada por esse jogo de rever. Esse riso me contagia. Ela ri porque procura algo que acreditava encontrar aqui, que portanto ela deveria encontrar, e que não encontra. Ela vem, volta, levanta uma cortina, espia, diz que não é aquilo, que não há o que dizer, não é aquilo. Ela me toma como testemunha de seu insucesso cada vez que a cortina cai, olha-me e ri. No escuro do corredor seus olhos brilham, vivos, claros* <sup>195</sup>.

Lol entrou em crise no momento em que ficou a sós com Hold. Ela dizia que a polícia estava embaixo, batendo em pessoas na escada. Naquele momento, não reconheceu Hold. Acalmou-se quando provavelmente lembrou que o homem com quem estava era o amante de Tatiana. Lol não sabia quem era. Perguntou a ele sobre si: ele lhe disse que era Tatiana Karl. Os dois nomes agora eram a sua designação.

---

<sup>195</sup> Idem, *ibidem*, p. 135.

De volta a S. Tahla, ela lembrou a Hold o horário do encontro com Tatiana no Hotel des Bois. Quando chegaram ao local Lol já estava adormecida, deitada no campo de centeio.

### **3.2. A psicose de Lol V. Stein**

Com a proposta de realizar uma leitura psicanalítica do romance de Marguerite Duras *O Deslumbramento, Le ravisement de Lol V. Stein*, foi necessário a localização da personagem principal em uma das estruturas clínicas delimitadas teoricamente por Freud. Situa-la estruturalmente é construir balizas de trabalho que ratifiquem afirmações que serão feitas a partir de uma leitura, e não da escuta desta personagem que foi colocada como o vetor principal do presente capítulo.

Ao teorizar sobre o narcisismo, Freud precisou rever a concepção deste conceito na tentativa de incluir a psicose <sup>196</sup>. Estes pacientes, segundo o autor, apresentam um desvio de interesses em relação às pessoas e as coisas do mundo externo, fator que impossibilitava a psicanálise de lhes oferecer um tratamento que viabilizasse o sucesso terapêutico. Para Freud, o psicótico é dissociado em relação à percepção do mundo externo, seja porque ele não é percebido ou porque esta percepção perdeu a significação. O distúrbio entre o ego e o mundo externo é consequência da frustração externa de um desejo de infância enraizado, intolerável para o sujeito. Ele gera uma fenda entre as partes que necessita ser recoberta pelo delírio, definido pelo autor como uma tentativa de cura ou de reconstrução desta hiância. O processo de construção do delírio era uma tentativa do sujeito reinvestir nas coisas do mundo e restabelecer a realidade.

Portanto, é justificável dizer que o eu rechaçou a representação incompatível através de uma fuga para a psicose. (...) O eu rompe com a representação incompatível; esta, porém, fica inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade, de modo que, à medida que o eu obtém esse resultado, também ele

---

<sup>196</sup> FREUD, S. – *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), in *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996, vol. XIV, p. 81.

se desliga, total e parcialmente, da realidade. Em minha opinião, este último evento é a condição sob a qual as representações do sujeito recebem a vividez das alucinações; assim, quando a defesa consegue ser levada a termo, ele se encontra num estado de confusão alucinatória <sup>197</sup>.

Esta percepção da psicose o levou a postular um desenvolvimento do eu desde as pulsões auto-eróticas até a constituição do narcisismo, que distribui o investimento original do eu a diversos objetos. A libido retirada do exterior não permanece ligada aos objetos nem à fantasia, ela se volta, na psicose, para o eu. Comparou a psicose com a neurose - fio condutor das investigações freudianas - equivalendo-as no sentido de serem ambas um fracasso no funcionamento do eu, que tem a função de conciliar as diversas exigências feitas a ele. Freud em 1923 construiu uma fórmula generalista para distinguir a neurose e a psicose:

(...) a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo <sup>198</sup>.

Restava-lhe descobrir um mecanismo equivalente ao recalque na neurose, pelo qual o eu do psicótico se desliga do mundo externo. Acreditou que deveria haver um mecanismo especial de recalque <sup>199</sup> peculiar à psicose e, partindo do pressuposto de que haveria pensamentos inconscientes e lembranças recalçadas, deveria vencer as resistências do paciente para trazê-las à consciência.

Segundo Freud, a estrutura clínica da psicose é dividida em dois tipos clínicos independentes - a esquizofrenia e a paranóia - apesar de seus fenômenos acharem-se combinados em alguns casos. Um desligamento da libido investida no mundo externo e uma regressão desta para o eu é o mecanismo comum a ambas.

---

<sup>197</sup> Idem – *As neuropsicoses de defesa* (1894), in Edição Standard Brasileira das Obras Completas, op. cit., vol. III, p. 65.

<sup>198</sup> Idem – *Neurose e psicose* (1924[1923]), in Edição Standard Brasileira das Obras Completas, op. cit., vol. XIX, p. 167.

<sup>199</sup> Idem – *Observações adicionais sobre a neuropsicose de defesa* (1896), in Edição Standard Brasileira das Obras Completas, op. cit., vol. III, p. 174.

Para Freud, a paranóia fazia uso da projeção como o mecanismo de formação dos sintomas; percepções suprimidas sofrem deformações e tornam-se permitidas à consciência por parecerem vir do exterior. Avançou com a idéia de que, na realidade, “*aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora*”<sup>200</sup>. A libido retirada dos objetos vincula-se ao eu, gerando uma regressão até a fase do desenvolvimento narcísico, onde o sujeito toma a si mesmo como objeto de amor. O esquizofrênico emprega um mecanismo alucinatorio, através do qual luta pelo restabelecimento do interesse libidinal no mundo externo. Apesar de ser confundido com a própria doença, o delírio retira o sujeito do retorno radical ao auto-erotismo infantil, direcionando-o novamente ao amor objetual.

*A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução*<sup>201</sup>.

Lacan, seguindo Freud, mantinha a esquizofrenia e a paranóia diferenciadas, apresentando algumas distinções estruturais entre elas. Pontuando as principais características que as definem, se torna possível localizar o tipo clínico da psicose de Lol V. Stein.

*(...) o que quer dizer paranóia? O que quer dizer esquizofrenia? Paranóia, diferentemente de esquizofrenia, é sempre correlata à alienação imaginária do eu*<sup>202</sup>.

Na década de 50, Lacan retomou a psicose teorizada por Freud, mantendo-a em oposição à neurose. Procurava encontrar um mecanismo operatório que pudesse ser equivalente ao recalque neurótico. Através da abordagem estrutural, Lacan centrou suas formulações sobre a psicose em torno da forclusão do significante Nome-do-Pai, Outro da lei inscrito no campo simbólico. Este conceito foi

---

<sup>200</sup> Idem – *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)* (1911), in *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*, op. cit., vol. XII, p. 78.

<sup>201</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>202</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-55) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor S.A., 1985, p. 311.

introduzido a partir do seminário sobre as psicoses <sup>203</sup>, quando fez uma nova leitura da *Verwerfung* - mecanismo chave da psicose freudiana - nomeando-a de foraclusão <sup>204</sup>. Já que seu ensino era orientado pela consideração de que o registro simbólico tinha primazia sobre os outros, propunha que o Nome-do-Pai representasse o significante *princeps* do reservatório do Outro, encadeando os seguintes.

Em 1953, o Nome-do-Pai foi pluralizado e se tornou um nome entre muitos. Lacan propôs dedicar um seminário para falar dos Nomes-do-Pai, mas foi impedido de realizá-lo. “Quando, em 1960, Lacan enuncia que não há Outro do Outro, ele põe em primeiro plano *S(A)*, significante de uma falta no Outro, e abre-se espaço para a questão do que, em todos os casos, vem fazer suplência a essa falta” <sup>205</sup>. Com estes elementos Miller avançou com proposta de uma clínica irônica, “fundada sobre a inexistência do Outro como defesa contra o real (...)” <sup>206</sup>. Para este autor, há uma psicose de base, uma foraclusão generalizada com a qual as estruturas devem aprender a fazer suplência, pois nelas há um furo que impele cada sujeito a jogar com a diversidade dos nomes, em busca do véu dos semblantes com o qual pretende fazer suplência ao Real. Com a nova proposta, a clínica da psicose se tornou um paradigma da experiência analítica.

A partir do segundo ensino, com a foraclusão generalizada, o Nome-do-Pai passou a ser uma suplência dentre muitas outras. A relação entre este significante e a significação fálica ganhou novas conformações, e a neurose se tornou apenas uma das soluções estabilizadoras. A psicose não foi mais concebida desde a neurose, deixando de ser um déficit significante em relação a ela <sup>207</sup>. A partir desta modificação teórica foi possível falar em uma psicose fora do desencadeamento, um modo de enlaçamento para fazer suplência à

---

<sup>203</sup> Idem – *O Seminário, livro 3: as psicoses* (1955-56) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

<sup>204</sup> MILLER, J.-A. – *O real é sem lei in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* - n.º. 34, São Paulo, Edições EOLIA, Outubro 2002, p. 8. *Verwerfung* significa recusa.

<sup>205</sup> ALVARENGA, E. – *Psicoses freudianas e lacanianas in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* - n.º. 28, op. cit., julho 2000, p. 40.

<sup>206</sup> MILLER, J.-A. - *Clínica Irônica in Matemas I* (1987) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996, p. 191.

<sup>207</sup> ALVARENGA, E. – *Psicoses freudianas e lacanianas*, op. cit, p. 40-41.

elisão generalizada de balizas fálicas, uma amarração dos registros responsável por fazer um ponto de basta no movimento metonímico sem controle, vivenciado por alguns psicóticos.

*No que eu chamo de clínica universal do delírio, o esquizofrênico ocupa um lugar que se poderia dizer de exclusão interna. Com efeito, se o esquizofrênico é esse sujeito para quem todo o simbólico é real, é certamente a partir de sua posição subjetiva que pode parecer que, para os outros sujeitos, o simbólico é apenas semblante* <sup>208</sup>.

Utilizando os registros lacanianos, a psicose pôde então ser situada no Imaginário, no Simbólico e no Real, possibilitando um entendimento em relação aos efeitos das modalidades de gozo para cada sujeito <sup>209</sup>.

No nível imaginário, a fragmentação e o despedaçamento da imagem corporal do esquizofrênico são gerados pela regressão ao auto-erotismo, fase anterior à formação gestáltica da imagem no Estádio do Espelho. Como efeito, o corpo passa a ser habitado por um Outro não marcado pela castração, que goza do sujeito a ponto de impossibilitar a existência de um corpo delimitado <sup>210</sup>. O paranóico regride ao narcisismo, necessitando da imagem do outro para se identificar <sup>211</sup>.

No registro simbólico, o Outro excluído do psicótico se opõe ao Outro consistente e receptor do gozo do paranóico. A fragmentação vivenciada pelo psicótico não lhe permite a inscrição em nenhum discurso estabelecido que venha em socorro a este despedaçamento. Alguns sujeitos constroem uma metáfora delirante na tentativa de dar um mínimo contorno ao real, e lhe permita, ao menos enquanto semblante, se situar em um dos campos da sexuação e transitar pelo social. Esta distinção permite que o paranóico se

---

<sup>208</sup> MILLER, J.-A. – *Clínica Irônica*, op. cit., p. 192.

<sup>209</sup> ZENONI, A. – *A psicose fora do desencadeamento in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* - nº. 28, op. cit., julho 2000, p. 38.

<sup>210</sup> QUINET, A. – *As quatro As da esquizofrenia in Psicose e laço social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006, p. 65.

<sup>211</sup> FREUD, S. – *Sobre o narcisismo: uma introdução*, op. cit., vol. XIV.

aventure nas tentativas de um discurso que o possibilite estabelecer laços sociais <sup>212</sup>.

No real, o gozo está disperso e invade de forma descontrolada os diversos âmbitos do corpo do esquizofrênico. Em contrapartida, o paranóico localiza o gozo num Outro necessariamente encarnado, através de um delírio <sup>213</sup>.

*Pode parecer-lhes que recorrer a uma teoria medieval do amor para introduzir a questão da psicose seja um curioso e singular desvio. Entretanto, é impossível conceber, sem isso, a natureza da loucura <sup>214</sup>.*

Nos séculos XII e XIII, a escolástica se dividia em duas correntes, de acordo com o posicionamento em relação à seguinte pergunta: “*Será que o homem ama naturalmente a Deus mais do que a si mesmo?*” <sup>215</sup>. A concepção física e a extática do amor eram as duas formas de relação com Deus, considerado um ser real representante de todo Bem.

A teoria física do amor está baseada em Aristóteles e São Tomás de Aquino. Para esta concepção, se o homem busca por natureza seu próprio bem, ama necessariamente aquilo que é a condição de sua existência. Concluem que o homem se ama com o amor que sente por Deus e é capaz de sacrificar seu próprio corpo para proteger o amor a Ele. A unidade com Deus e a universalidade deste amor fazem com que homem e Deus estejam numa relação de continuidade. O significante *física* é da família de *Physis*, radical grego que significa Natureza. A teoria física acredita que o amar a Deus acima de qualquer coisa, inclusive de si mesmo está intrínseco, faz parte da natureza do homem.

Ao contrário da sistematização lógica e doutrinária da teoria física, a segunda teoria tinha uma concepção lírica do amor

---

<sup>212</sup> QUINET, A. – *As quatro As da esquizofrenia*, op. cit., p. 65.

<sup>213</sup> Idem, *ibidem*, p. 122.

<sup>214</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 3: as psicoses*, op. cit., p. 288.

<sup>215</sup> QUINET, A. – *Teoria e clínica da psicose* (1988) Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2006, p. 78.

extático. O amor a si mesmo não é uma continuação do amor a Deus, ao contrário, quando se trata de amor, nesta concepção, a dualidade e a heterogeneidade são obrigatórias. Na etimologia da palavra *extática*, o termo *êxtase* significa a possibilidade do homem se transportar para fora de si mesmo. Ruptura, irracionalidade e desordem são significantes que representam este amor.

*Neste último, o amor é essencialmente mortificante, mas a morte que o amor proporciona é preciosa e suas feridas são desejáveis – daí ser ele antinatural e aniquilador* <sup>216</sup>.

A teoria do amor extático foi retomada por Lacan em 1972, quando introduziu o gozo dos místicos <sup>217</sup>. Nesta teoria, a relação do sujeito com o Outro absoluto está em questão. Como na psicose, a teoria extática prega uma relação amorosa em que o sujeito está radicalmente abolido pela heterogeneidade do Outro. O aniquilamento do sujeito é efeito da posição estrutural como objeto de gozo do Outro. Lacan deu o estatuto de morto ao amor na psicose, por exibir uma mortificação subjetiva em seu fundamento.

Na leitura que Lacan realizou do livro de Marguerite Duras, ele não teve a preocupação de fornecer a Lol um diagnóstico clínico, a não ser indiretamente, ao trabalhar a questão do enlouquecimento da personagem apresentado pela autora no fim do romance. A importância de situá-la na estrutura da psicose se faz fundamental neste trabalho, pois é a via de entrada para a questão do amor morto e da mortificação subjetiva presentes nas relações do sujeito psicótico.

*A que se deve a diferença entre alguém que é psicótico e alguém que não o é? Ela se deve ao fato de que para o psicótico uma relação de amor é possível abolindo-o como sujeito, na medida em que ela admite uma heterogeneidade radical do Outro. Mas esse amor é um amor morto* <sup>218</sup>.

---

<sup>216</sup> Idem, ibidem, p. 81.

<sup>217</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 101.

<sup>218</sup> Idem – *O Seminário, livro 3: as psicoses*, op. cit., p. 287.

### 3.3. O arrebatamento de uma mulher

*Arrebatadora é também a imagem que nos será imposta por essa figura de ferida, exilada das coisas, em quem não se ousa tocar, mas que faz de nós sua presa* <sup>219</sup>.

Quando Anne-Marie entrou no Cassino, Michael se inquietou, foi tomado por uma preocupação que imediatamente o empalideceu. Naquele momento ele se tornou diferente, seus olhos se iluminaram. Era o início de uma nova história. Lol assistiu a esta transformação sem expressar nenhum sofrimento. Fascinada, acompanhou o movimento de seu noivo em direção a esta mulher que não recusou o convite para uma dança. Caminharam para o centro do salão seguidos pelo olhar de Lol, recolhida atrás das plantas verdes do bar.

*A cena de que o romance inteiro não passa de uma lembrança é, propriamente, o arrebatamento de dois numa dança que os solda, sob o olhar de Lol, terceira, com todo o baile, sofrendo aí o rapto de seu noivo por aquela que só precisou aparecer subitamente* <sup>220</sup>.

Quando a segunda dança terminou e seu noivo não se separou mais de Anne-Marie, Lol se tornou o centro dos olhares. Parada no mesmo lugar, olhava os dois dançarem enquanto todos do baile a olhavam olhá-los. “Nessa cena, olhada olhando, Lol se transmuta em puro olhar, despida do vestido-amante. Ela é um olhar nu” <sup>221</sup>. Este acontecimento possibilitou que Lol encontrasse um lugar para si situando-se, no momento em que se uniu ao casal em sua dança, como

---

<sup>219</sup> Idem – *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein* (1965) in *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 198.

<sup>220</sup> Idem, *ibidem*, p. 199.

<sup>221</sup> QUINET, A. – *Um olhar a mais: ver e ser visto na Psicanálise* (2002) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, p. 135.

terceira. “*Não é o acontecimento, mas um nó que se reata aí. E o que é atado por este nó é propriamente o que arrebatata (...)*” <sup>222</sup>.

Recolhido e trabalhado por Lacan, arrebatamento foi o significante em torno do qual girou a história de Duras. Arrebatamento é um termo datado do século XIII, que designa uma experiência mística em que se é tomado pelo êxtase sem poder resistir. A partir do século XV, momento em que se torna parte da linguagem comum, arrebatamento se torna sinônimo de fascínio, admiração, e enamoramento. O autor localizou o arrebatamento de Lol V. Stein.

*Este deve ser captado na primeira cena, na qual Lol é propriamente desinvestida de seu amante, ou seja, deve ser seguido no tema do vestido, que sustenta aqui a fantasia a que Lol se prende posteriormente, a de um além para o qual não soube encontrar a palavra certa, essa palavra que, fechando as portas aos três, a teria conjugado no momento em que seu amante tivesse levantado o vestido, o vestido preto da mulher, e revelado sua nudez* <sup>223</sup>.

Lacan fez do arrebatamento uma operação lógica que permite o sujeito se situar. Ao mesmo tempo em que Lol foi expulsa de seu corpo, assistiu afetada a isto que a enviou para fora de si mesma <sup>224</sup>. Silenciou, houve um dano no registro simbólico, algo no campo do Outro se inscreveu mais-além das palavras e Lol atravessou certo limite, tocando um ponto marcado por um abismo. Frente à falta radical de significante capaz de simbolizar o acontecido, Lol se deparou com o Real.

*(...) se Lol está silenciosa na vida é porque acreditou, no espaço de um relâmpago, que essa palavra podia existir. Na falta de sua existência, ela se cala. Teria sido uma palavra-ausência, uma palavra-buraco, escavada em seu centro para um buraco, para esse buraco onde todas as outras palavras teriam sido enterradas. Não seria possível pronunciá-la, mas seria possível fazê-la ressoar* <sup>225</sup>.

---

<sup>222</sup> LACAN, J. – *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*, op. cit., p. 199.

<sup>223</sup> Idem, *ibidem*, p. 201.

<sup>224</sup> MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso*, op. cit., p. 398.

<sup>225</sup> DURAS, M. – *O Deslumbramento*, op. cit., p. 13.

Na neurose, por uma identificação especular à mulher que lhe roubou o noivo, o sujeito teria como resposta a rivalidade e o ciúme especular. Como se trata de um caso de psicose, o ser-a-três foi a maneira que Lol inventou para localizar-se, construindo uma metáfora para seu corpo. O ser-a-três será explicado adiante, associado ao sofisma dos três prisioneiros <sup>226</sup>.

O arrebatamento se interrompeu com a partida do casal no fim do baile; no momento em que a estrutura se desfez, ela desmaiou. Queria vê-los novamente, pois quando se foram, não estava mais em seu lugar, eles a levaram <sup>227</sup>. O fim do arrebatamento causou em Lol uma experiência de despersonalização, ela foi expulsa para fora da cena e perdeu seu ser, não se reconhecendo na própria imagem especular. A despersonalização é correlata a uma passagem ao ato no sentido que lhe foi atribuído por Lacan: da mesma forma como se trabalha com a fórmula da fantasia -  $\$ \diamond a$  - a despersonalização e a passagem ao ato são experiências que afetam o campo do sujeito, na medida em que ele aparece “*apagado ao máximo pela barra*” <sup>228</sup>.

*(...) dos múltiplos aspectos do baile de T Beach, é o fim que retém Lol. É o instante preciso de seu fim, quando a aurora chega com uma brutalidade espantosa e a separa do casal que formavam Michael Richardson e Anne-Marie Stretter, para sempre, sempre. Lol progride todos os dias na reconstituição desse instante* <sup>229</sup>.

As imagens que recobriam e davam corpo a Lol - i(a)- tinham valor de real, o que a forçava a se identificar com um número grande de pessoas, fazendo de sua casa e do modo de vestir uma réplica de vitrines e jardins que via pela cidade. Estas imagens, disse Miller, a vestiam como um traje:

---

<sup>226</sup> LACAN, J. - *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* in Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

<sup>227</sup> DURAS, M. – *O Deslumbramento*, op. cit., p. 103.

<sup>228</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005, p. 129.

<sup>229</sup> DURAS, M. – *O Deslumbramento*, op. cit., p. 34.

*(...) a identificação narcísica não se cumpriu em Lol V. Stein, que para encontrar seu corpo, e inclusive até a imagem de si, necessita passar pelo Outro* <sup>230</sup>.

Por uma falha na metáfora paterna, o registro imaginário que vela o objeto *a* do campo da realidade, não exerce sua função. Na psicose, *i(a)* coincide com o objeto *a*, dejetivo fundamental, deixando sem véu o vazio do sujeito. Quando o desejo de seu noivo se dirigiu a Anne-Marie, a imagem de Lol que era apensa ao campo do Outro se esvaiu, aparecendo uma vacuidade sem barra. O objeto *a* que deveria estar recalcado apareceu na cena, tornando impossível velar a falta-a-ser constitutiva de Lol.

*Dito de outro modo, a figura própria que se apresenta em Lol, é aquela segundo a qual *i(a)* resulta equivalente a a e por debaixo apresenta um vazio* <sup>231</sup>.

Só se tem acesso a Lol pela fala de outros personagens do livro, ela é constituída pelo discurso do semelhante, exterior a si mesma. Jacques Hold, narrador da história, se tornou responsável por lhe dar uma consciência que se sustentava fora dela, em Tatiana. Ele funcionou como um eu suplente, como uma prótese para a falta-a-ser.

Com dificuldades em relação a um discurso que poderia lhe dar suporte, é possível entender este *algo* que faltava a Lol desde a escola, explicitada na fala de Tatiana. Miller acredita que, nesta passagem, Marguerite Duras descreveu Lol à espera de uma metáfora para seu corpo. Na psicose, pela falta de um discurso estabelecido com base na castração, é preciso inventar um que sustente o sujeito e lhe dê recurso para se relacionar com o próprio corpo. Desde Freud o corpo está em relação com a linguagem e sua desestruturação é acompanhada, na psicose, de uma desorganização na representação

---

<sup>230</sup> MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso*, op. cit., p. 420. No original: “(...) la identificación narcisista no se cumplió en Lol V. Stein, quien para encontrar su cuerpo, e incluso hasta la imagen de sí, necesita pasar por el Otro”.

<sup>231</sup> O grifo é meu. Idem, ibidem, p. 502. No original: “Dicho de otro modo, la figura propia que se presenta en Lol, es aquella según la cual *i(a)* resulta equivalente a *a* y por debajo presenta un vacío”.

corporal. Recortado pelo simbólico, o corporal pode ser situado, para Lacan, no enlaçamento borromeano que enoda o que há de real na pulsão, na constituição significante e na consistência imaginária.

A fantasia do vestido foi a invenção de Lol frente à perda que viveu quando Anne-Marie e Michael se foram do baile. Lol foi separada do desejo do Outro que fazia suplência àquilo que lhe faltava narcisicamente. A falta de um suporte significante para dar conta do acontecido foi velada pela fantasia, que tinha a função de vestir a nudez, expressão de uma falta mais radical experimentada por Lol. O vestido de Lol era seu corpo nu porque ela não o tinha a não ser através da inscrição no campo do Outro. De acordo com Eric Laurent:

*Esse texto é precisamente o enunciado de uma fantasia onde o vestido funciona à maneira de um suporte, se se quer, como suporte do cálculo do lugar do sujeito* <sup>232</sup>.

A fantasia do vestido era construída através de *actings* e consistia em olhar, enquanto terceira, o momento em que o corpo de uma mulher iria aparecer, atentando-se ao gesto do homem lhe tirando o vestido. Foi o que inventou para fazer suplência ao depois do fim do baile, que aconteceu em sua ausência. *Acting-out* foi um termo que apareceu no texto de Freud <sup>233</sup> em 1914. Naquele momento, o termo significou a dificuldade que o analista enfrentava em manter as recordações do paciente no discurso, algo da ordem do recalado inscrevia-se fora da fala e apresentava-se como ação. O *acting-out* é um ato realizado para mostrar algo da cena inacessível ao saber do sujeito, no momento em que a palavra falta.

O termo *fantasia*, privilegiado na clínica da neurose, aparece no caso Lol de forma pertinente. É possível falar da fantasia na psicose, deixando claro que se está em um estatuto diferente da neurose. No matema da fantasia,  $\$ \diamond a$ , as operações lógicas permitidas

---

<sup>232</sup> Idem, ibidem, p. 401. No original: “Ese texto es precisamente el enunciado de un fantasma donde el vestido funciona a la manera de un soporte, si se quiere, como soporte del cálculo del lugar del sujeto”.

<sup>233</sup> FREUD, S. – *Recordar, repetir e elaborar (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise II)* (1914), in Edição Standard Brasileira das Obras Completas, op. cit., vol. XII.

pela punção – inserida no matema pelo código  $\diamond$  - o sujeito estabelece com o objeto *a* várias relações possíveis. Este objeto do desejo do Outro que causa o desejo do sujeito, é a expressão da castração por inscrever um sujeito apenas parcialmente no campo simbólico. A falta de um significante que o represente, o equivale à falta inscrita no campo do Outro. O sujeito, efeito do objeto que lhe causa, é suportado em sua divisão pelos objetos pulsionais, dentre os quais está inscrito o olhar. O olhar como objeto *a* é um modo de apagamento do sujeito frente ao objeto que o causa.

Na psicose, por não se tratar de uma fantasia recalçada, ela se apresenta de forma invasiva e estranha. Falar da fantasia do vestido como uma invenção psicótica se faz importante na medida em que a invenção designa a criação de algo que não existe, a partir de materiais existentes <sup>234</sup>. Quando Lacan falou da psicose, foi em direção ao corpo que ele dirigiu a atenção, pois para esta estrutura, é preciso inventar recursos para se ligar e fazer laços com partes do próprio corpo. A substituição que Lol fez de seu corpo pelo de uma outra mulher era uma maneira de reintegrar-se, pois era através de um corpo fora do seu que Lol permanecia ligada a si mesma.

Após o baile, Michael teria despido Anne-Marie de seu vestido. Na fantasia de Lol, ele realizava esta tarefa com lentidão. No lugar em que deveria estar, pouco a pouco, aparecia o corpo nu de uma mulher. Elegante e esguio, o corpo de Anne-Marie substituíu o de Lol, apagando-a. Apartada da cena em que assistiria o corpo de uma mulher sendo desvestido por um homem, ficou em déficit do desejo do Outro que lhe dava um corpo. Lol ficou nua enquanto sujeito, em contato com o vazio que a impeliu à errância, em busca de um corpo.

*Isto é o que não se cumpriu. Assistir à aparição do corpo desvestido do outro, e desnudado pelo homem. E por essa*

---

<sup>234</sup> MILLER, J.-A. – *A invenção psicótica* (1999) in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise nº 36, op. cit., 2003, p. 6.

*mesma razão, ela está em déficit desse corpo (...), se trata do corpo que havia dado corpo a ela, um corpo de desejo* <sup>235</sup>.

Disse a Hold que deixou de amar o noivo assim que a mulher entrou no baile. Marguerite Duras o escolheu para dar voz ao arrebatamento como uma substituição <sup>236</sup>. A ausência súbita de amor que sentiu foi causada pelo desinvestimento libidinal do seu objeto de amor e o deslocamento da libido para o casal que o noivo formou com a mulher. Quando Anne-Marie foi colocada no lugar de Michael, ocorreu uma metáfora do amor que recobria uma outra, mesmo que seja uma metáfora delirante, onde uma mulher aparecia no lugar do corpo de Lol. A aparição do corpo nu de Anne-Marie, na fantasia do vestido, substituiu o corpo de Lol gerando uma suplência e uma tentativa de metaforizarão do corpo. Foi precisamente a mesma substituição que Lol fez, no segundo ternário, em relação ao corpo de Tatiana.

#### **3.4. O olhar e a mancha**

*“Nua, nua sob seus cabelos negros” – essas palavras, vindas da boca de Lol, engendram a passagem da beleza de Tatiana à função de mancha intolerável pertinente a esse objeto* <sup>237</sup>.

Quando Freud se referiu à primeira experiência de satisfação, sublinhou que era de ordem mítica e marcaria o sujeito a ponto de impeli-lo na tentativa de reconstruí-la. O objeto desta experiência não poderia jamais ser alcançado, pois correspondia à *Coisa*. Ele a localizou no campo escópico e se referiu diversas vezes à imagem do objeto, estivesse ele no registro da realidade ou no campo da alucinação. De qualquer forma, este não poderia ser jamais atingido, mas se teria acesso a ele através de coordenadas simbólicas e traços significantes.

---

<sup>235</sup> Idem – *Los usos del lapso*, op. cit., p. 418. No original: “Esto es lo que no se cumplió. Asistir a la aparición del cuerpo desvestido del otro, y desnudado por el hombre. Y por esa misma razón, ella está en déficit de ese cuerpo (...), se trata del cuerpo que le hubiera dado cuerpo a ella, un cuerpo de deseo”.

<sup>236</sup> DURAS, M. – *O Deslumbramento*, op. cit., p. 103.

<sup>237</sup> LACAN, J. – *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*, op. cit., p. 203.

*A Coisa escópica encontra-se, portanto, no fundamento da experiência de desejo do sujeito que é afetado por ela em seu real do gozo. Ela é também o verdadeiro segredo da experiência visual da percepção do sujeito, despertando o interesse, a curiosidade e o desejo no mundo visível do qual ela está elidida*

<sup>238</sup>.

Lol ficou dez anos fora de S. Tahla, numa vida balizada por referenciais burgueses. Depois que retornou à cidade natal e assistiu ao beijo de Hold e Tatiana, passou a sair sem pretexto, passeando a pé todos os dias pela cidade. Numa espécie de errância, Lol tentava recuperar o olhar perdido na noite do baile, reivindicando-o a todos os passantes. Na multidão, distinguiu Hold saindo do cinema, o viu acompanhando uma mulher com olhos de desejo. Ela o escolheu e o fez de instrumento para a realização da cena que restou irrealizada. O seguiu pela cidade até o hotel em que se encontraria com a amante. Naquele momento, Lol deu início à construção da fantasia do vestido.

*Tudo se deteve antes que ela assistisse à epifania, ao desdobramento do esplendor suposto do corpo da outra mulher, que havia causado o desejo do homem* <sup>239</sup>.

O segundo ternário foi estruturado no momento em que Lol começou a acompanhar, enquanto terceira, o encontro destes amantes. Lacan enfatizou que quando ela o escolheu para encenar a cena irrealizada do fim do baile, ela o fez dando-lhe um estatuto diferente de uma simples repetição. Não é o acontecimento que Lol quer retomar, afirma o autor, e sim um nó que ali se fecha.

Deitada em um campo de centeio, imperceptível, ela os via na janela do quarto, num retângulo iluminado do Hotel des Bois. Lol olhava a relação de Tatiana com Hold com uma fascinação que a impedia de deslocar o olhar do corpo desta mulher revestida de todo um esplendor. A felicidade se tornou imensurável no momento em que viu

---

<sup>238</sup> QUINET, A. – *Um olhar a mais: ver e ser visto na Psicanálise*, op. cit., p. 55.

<sup>239</sup> MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso*, op. cit., p. 417. No original: “Todo de detuvo antes que ella asista a la epifanía, al despliegue del esplendor supuesto del cuerpo de la otra mujer, que había causado el deseo del hombre”.

que ele a localizou no campo ao mesmo tempo em que se ocupava com Tatiana. Olhava, situada na posição de terceira, este homem tirando o vestido da amante. O corpo de Tatiana ia vagarosamente aparecendo, enquanto Lol, arrebatada, repetia a frase “*nua sob os cabelos negros*”.

*Aquí, esta mulher se satisfaz profundamente vendo o homem gozar de outra mulher que ignora sua presença ali. E é necessário verdadeiramente que permaneça nesta posição, de outro modo se desencadeia a loucura* <sup>240</sup>.

Em referência ao olhar, Lacan posicionou os três personagens <sup>241</sup>. Nesta leitura, Hold ganhou uma outra especificidade além da de um simples narrador. A voz da narrativa é a angústia deste homem que “*não é um simples apresentador da máquina, mas, antes, uma de suas engrenagens, e não sabe tudo sobre o que o prende a ela*” <sup>242</sup>. A angústia é, por excelência, o afeto do sujeito dividido e faz aparecer a relação essencial entre o sujeito e o desejo do Outro.

*Na medida em que o desejo do Outro coloca o sujeito em posição de espera em relação com o ponto de onde esse desejo, sem reconhecê-lo, o implica, se suscita a angústia no sujeito* <sup>243</sup>.

Hold da janela do hotel percebeu Lol deitada no campo. Ela se postava na direção da janela em que estava. Neste momento foi tomado pela angústia, por não saber o que ela olhava e qual era a sua própria imagem nos olhos dela. A imagem de Hold se tornou enigmática e insituável a si mesmo, impedindo-o de situar algo de seu desejo. Tomado pelo pânico, disse a si mesmo que ela certamente o via:

---

<sup>240</sup> Idem, ibidem, p. 415. No original: “Aquí, esta mujer se satisface profundamente viendo al hombre gozar de otra mujer que ignora su presencia allí. Y es necesario verdaderamente que permanezca en esta posición, de otro modo se desata la locura”.

<sup>241</sup> LACAN, J. – *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*, op. cit.

<sup>242</sup> Idem, ibidem, p. 199.

<sup>243</sup> MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso*, op. cit., p. 433. No original: “En la medida en que el deseo del Otro ubica al sujeto en posición de espera en relación con el punto donde ese deseo, sin reconocerlo, lo implica, se suscita la angustia en el sujeto”.

*Quando cheguei à janela do quarto do Hotel des Bois onde eu esperava Tatiana Karl, terça-feira, na hora marcada, era o fim do dia, e acreditei ver à meia-distância entre o sopé da colina e o hotel uma forma cinzenta, uma mulher, cuja lourice cendrada através das hastes do centeio não podia enganar-me; experimentei, embora esperasse por tudo, uma emoção bastante violenta cuja verdadeira natureza não soube logo, entre a dúvida e o espanto, o horror e a alegria, a tentação de gritar cuidado, de socorrer, de repelir para sempre ou de prender-me para sempre, por toda Lol V. Stein, de amor. Abafei um grito, desejei a ajuda de Deus, saí correndo, refiz o caminho, rodeei o quarto, só demais para amar ou para não mais amar, sofrendo, sofrendo da insuficiência deplorável de meu ser em conhecer esse acontecimento. Depois a emoção aplacou-se um pouco, recolheu-se sobre si mesma, pude contê-la. Esse momento coincidiu com aquele em que descobri que ela também devia ver-me* <sup>244</sup>.

A presença de Lol deitada na direção da janela do quarto dos amantes era uma mancha no campo de centeio. Ela se tornou mancha na cena em que olhava Hold ocupar-se de Tatiana nua sob os cabelos negros. “*Não é Lol quem olha, nem que seja pelo fato de que ela não vê nada. Ela não é o voyeur. O que acontece a realiza*” <sup>245</sup>.

O olhar que lhe restituía um lugar de gozo na fantasia angustiava Hold, por revelar a presença do objeto a desprotegido da imagem que, no campo teórico, o encobre. Enquanto olhar, a presença deste objeto-dejeto rompe com a beleza, barreira que funciona como um anteparo ao horror, inundando a cena com o gozo escópico. Lacan apontou a beleza como uma última barreira antes do encontro do sujeito com *das Ding*, como um véu, o defende do encontro com aquilo que a beleza esconde.

Freud instituiu três tempos da pulsão escópica: o auto-erotismo, o voyeurismo e o exibicionismo <sup>246</sup>. Inicialmente, a atividade da pulsão de olhar é auto-erótica, pois o objeto ao qual ela se dirige está situado no próprio corpo. Só num tempo posterior, voyeurista, este objeto está trocado por um análogo, situado no corpo de um outro. A introdução do parceiro é fundamental para que o sujeito

---

<sup>244</sup> DURAS, M. – *O Deslumbramento*, op. cit., p. 90.

<sup>245</sup> LACAN, J. – *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*, op. cit., p. 202.

<sup>246</sup> FREUD, S. - *Os instintos e suas vicissitudes* [1915], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas, op. cit., vol. XIV., p. 134.

estabeleça uma passagem lógica constitutiva da pulsão. Só num terceiro tempo, o sujeito se exhibe para ser olhado como um objeto por aquele que o vê. Ao final deste circuito, o sujeito desaparece e fica reduzido ao objeto olhar. Neste sentido, pode-se dizer que Lol não olha como voyeur, mas sim em busca do objeto *a* da pulsão escópica, o olhar que a coloca como objeto de gozo do Outro. Quando recebe o retorno, o olhar que endereçou se realiza naquilo que existe de mais verdadeiro.

O olhar tem relação fundamental com o Outro na teorização de Lacan. Enquanto objeto perdido do campo do Outro, torna-se causa de desejo e se inscreve como um *a-mais* nos objetos. Contendo em si o objeto *a* que engendra uma satisfação no sujeito, pode-se tornar uma via de simbolização do vazio do desejo. A fantasia através da qual o sujeito se situa, depende do olhar enquanto objeto, pois ele representa o caráter de esplendor e fascinação do objeto causa de desejo. Nesta perspectiva, pode-se escrever o objeto *a* desfalecendo Lol que, fixada em seu gozo, não consegue deixar de olhar aquilo que a fascina <sup>247</sup>.

### **3.5. O ser-a-três e o sofisma dos três prisioneiros**

*Dito de outro modo, a mancha é o objeto a incógnito, divisor e fascinante. Esta é a razão pela qual entre os três prisioneiros, na medida em que cada um é o menos-um em relação aos outros dois, é aquele que por si mesmo faz mancha e inclusive mancha cega, como se diz, já que não percebe suas próprias costas em seu campo visual* <sup>248</sup>.

A relação entre Lol, Tatiana e Jacques Hold é de uma estrutura ternária, uma variante do sofisma dos três prisioneiros

---

<sup>247</sup> “Chama olhar isso que fascina e não ao fascinado, e por isso pode fazer reconhecer a origem do olhar na mancha, no que faz mancha no espetáculo do mundo”. MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso*, op. cit., p. 424. No original: “Llama mirada a eso que fascina y no al fascinado, y por eso puede hacer reconocer el origen de la mirada en la mancha, en lo que hace mancha en el espectáculo del mundo”.

<sup>248</sup> Idem, ibidem, p. 425. No original: “Dicho de otro modo, la mancha es el objeto a incógnito, divisor y fascinante. Esta es la razón por la cual entre los tres prisioneros, en la medida en que cada uno es el menos-uno respecto de los otros dos, es aquel que por sí mismo hace mancha e incluso mancha ciega, como se dice, ya que no tiene su propia espalda en su campo visual”. O grifo é do autor.

trabalhado por Lacan <sup>249</sup>. Éric Laurent <sup>250</sup> relacionou o ternário de Duras com o sofisma lacaniano - um homem e duas mulheres - construindo o ser-a-três desde a fórmula da fantasia, \$ ◇ a.

Lacan relatou o sofisma através da seguinte história. Um diretor de presídio reuniu três prisioneiros e lhes estipulou uma prova. Apresentou-lhes cinco discos, dentre eles, três brancos e dois pretos. Prendeu um disco nas costas de cada um, de forma que não vissem a cor que caberia a si, mas que tivessem acesso permitido à cor dos discos dos outros dois prisioneiros. Cada prisioneiro, por não saber a cor do próprio disco, era para si mesmo uma incógnita. O objetivo da prova era descobrir a cor do próprio disco, a partir da observação dos outros dois. Quem pudesse explicar, de forma lógica, o que fez com que acertasse a cor do disco pregado em si mesmo, seria libertado. A possibilidade de cada um não excluía que todos, ao mesmo tempo, pudessem alcançar a liberdade.

No sofisma dos prisioneiros, os três queriam ser beneficiados com uma mesma coisa, ansiavam pela liberdade. Éric Laurent metaforizou com o sofisma a prisão em que se encontrava Lol. A fantasia de Lol capturou Tatiana e Hold, permitindo-lhe olhar o desejo de um homem por uma mulher e realizar seu lugar de terceira, puro olhar na relação.

Os personagens de Marguerite Duras podem ser situados através de três momentos de evidência estabelecidos por Lacan: o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir. No primeiro tempo, o sujeito se situa em relação aos demais. O segundo supõe um tempo de meditação que o prepara para a certeza que o impele a agir; é o tempo da dúvida de que tenha captado subjetivamente o bastante para se avançar de forma correta para o momento de concluir. Com fronteiras frágeis, o instante de ver pode incluir todo o tempo de compreender, que também pode estar reduzido ao primeiro tempo, o instante de ver. No momento de concluir, o sujeito

---

<sup>249</sup> LACAN, J. - *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*, op. cit.

<sup>250</sup> Cf. o desenvolvimento teórico processado pelo autor no seminário *Los usos del lapso*, in MILLER, J.-A., op. cit, p. 413.

finaliza os momentos lógicos na decisão de um juízo, encerrando, em última instância, o tempo para compreender.

*Mostrar que a instância do tempo se apresenta de um modo diferente em cada um desses momentos é preservar-lhes a hierarquia, revelando neles uma descontinuidade tonal, essencial para seu valor* <sup>251</sup>.

Lacan enfatizou que a conclusão de um movimento lógico depende de uma asserção subjetiva, ou seja, o juízo que finaliza o sofisma depende exclusivamente do sujeito do conhecimento, *je*, daquele que formula uma “*asserção conclusiva*” em relação de reciprocidade com o outro <sup>252</sup>. Isto quer dizer que “(...) o sujeito, em sua asserção, atinge uma verdade que será submetida à prova da dúvida, mas que ele não poderia verificar se não a atingisse, primeiramente, na certeza” <sup>253</sup>.

Tomando o sofisma dos prisioneiros como referência para a leitura dos personagens de Duras, é possível afirmar que o enlouquecimento de Lol foi deflagrado quando Hold a situou nesta relação, supondo que ela desejasse estar no mesmo lugar que ocupava Tatiana. A certeza que lhe permitiu concluir foi retirada de sua própria angústia, numa tentativa de transferi-la no ato de encerramento <sup>254</sup>. Já que a angústia é causa de dúvida e demanda esforços para velá-la através de semblantes, a certeza assustadora de que a angústia é “*aquilo que não engana*” impeliu Hold a finalizar o tempo para compreender. Numa antecipação lógica rompeu com o ser-a-três que funcionava como uma metáfora delirante, deixando-a desprotegida de semblantes que mantinham sua psicose fora do desencadeamento. Sem a imagem do corpo de uma mulher para velar o real de seu gozo, Lol se tornou puro dejetivo-olhar.

---

<sup>251</sup> LACAN, J. - *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*, op. cit., p. 204.

<sup>252</sup> Idem, *ibidem*, p. 208.

<sup>253</sup> Idem, *ibidem*, p. 206.

<sup>254</sup> Idem – *O Seminário, livro 10: a angústia*, op. cit., p. 88.

*O que constitui a singularidade do ato de concluir, na asserção subjetiva demonstrada pelo sofisma, é que ele se antecipa à sua certeza, em razão de tensão temporal de que é subjetivamente carregado, e que, sob a condição dessa mesma antecipação, sua certeza se confirma numa precipitação lógica que determina a descarga dessa tensão, para que enfim a conclusão fundamente-se em não mais do que instâncias temporais totalmente objetivadas, e que a asserção se des-subjete no mais baixo grau* <sup>255</sup>.

### **3.6. Os impasses na subjetivação e o desencadeamento da loucura**

Depois de ter sido levada do baile, Lol ficou alguns dias em casa, pagava por aquilo que lhe foi impossível viver quando seu noivo lhe foi arrancado por uma mulher de vestido com saia de tule preto. Uma noite decidiu sair pela rua e, no portão de casa, se deparou com aquele que seria em poucos dias seu marido. Lol se poupou de ter que passar pela violência de fazer uma escolha. Após ter se casado, viveu anos em uma vida organizadamente burguesa. Identificada de forma imaginária a um modelo retirado do maior número possível de pessoas, construiu um frágil ponto de ancoragem para tentar dar conta do que foi foracluído no registro simbólico e a impediu a configuração de um discurso capaz de fazer suplência ao furo irreduzível de sua estrutura. *“Aplanar o terreno, escavá-lo, abrir sepulturas onde Lol se finge de morta, parece-me mais justo, já que se faz necessário inventar os elos que me faltam na história de Lol V. Stein (...)”* <sup>256</sup>.

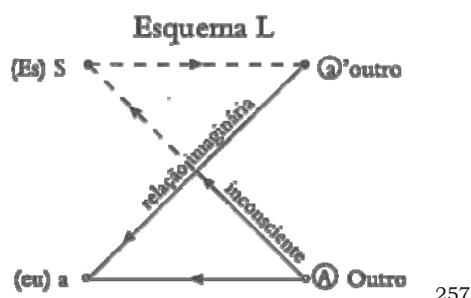
Através das diversificações dos esquemas lógicos de Lacan, é possível situar Lol e os fenômenos de sua psicose. Inicialmente, o trabalho com o esquema L da dialética intersubjetiva se faz necessário por ser utilizado como um vetor para as coordenadas do sujeito nas estruturas. Este esquema é formado pelo eixo imaginário, constituído a partir da relação especular,  $a' \rightarrow a$ , e pelo eixo simbólico,  $A \rightarrow S$ , que fornece a estrutura do discurso inconsciente definido como discurso do Outro. Lacan se serviu desse esquema para matemizar a

---

<sup>255</sup> Idem – *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*, op.cit., p. 209.

<sup>256</sup> DURAS, M. – *O Deslumbramento*, op. cit., p. 27.

imagem do outro, sobre a qual o eu começa a se constituir, evidenciando, ao mesmo tempo, a alienação ao campo do Outro.



O eixo imaginário é o plano cuja organização simétrica é formada pelo **a**, lugar onde a criança se vê como desejada; e pelo semelhante, o outro especular **a'**. A especularidade desta relação estrutura para um sujeito a unidade do eu com o primeiro objeto de identificação. No eixo simbólico, o endereçamento do campo do Outro ao lugar do sujeito, por reflexão, atinge o eixo imaginário fazendo com que a especularidade só possa existir intermediada pelo espelho do Outro.

A entrada do sujeito e a inscrição da cadeia significante no inconsciente dependem - segundo toda orientação fornecida ao longo do primeiro ensino de Lacan - da inclusão do significante Nome-do-Pai, pois tudo o que acontece com o **\$**, depende do que se coloca, enquanto significante, no campo do Outro. Na neurose, a inscrição do Nome-do-Pai gera a emergência da significação fálica, um ponto de basta que permite as significações do sujeito. O neurótico precisa aprender a lidar com o campo do Outro inconsistente, fruto da castração que inscreve a falta significante que o possibilita interpretar as da existência, do sexo, da morte, da paternidade e outras.

No entanto, a forclusão do Nome-do-Pai gera, na psicose, efeitos no imaginário causando a zerificação do gozo fálico, **φo**, devido ao significante inexistente no campo do Outro, **Po**. De acordo

<sup>257</sup> LACAN, J. – *O seminário sobre “A carta roubada”* (1955) in *Escritos*, op. cit., p. 58. O esquema L aqui inserido foi copiado deste texto.

com Lacan, o desencadeamento da psicose propicia um recobrimento do simbólico pelo imaginário acarretando uma forma particular de regressão ao Estádio do Espelho e inúmeros fenômenos imaginários no nível das representações do sujeito. Com este recobrimento o sujeito fica abolido e reduzido a objeto do gozo do Outro, revelando a relação imaginária do psicótico com este campo. A forclusão não permite ao psicótico a constituição de um ideal do eu e nem de uma identificação sexual face a partilha entre os sexos, por consequência.

Lol sofria impasses na identificação narcísica que a fazia recorrer à amiga Tatiana para reconhecer-se na própria imagem. A primazia do registro imaginário possibilita o fenômeno do duplo. A escolha do outro que representa o ideal e se inscreve como suplência permite que o psicótico faça uma tentativa de reconstituir-se.

Na psicose é possível localizar os momentos de coincidência entre o objeto e a imagem fundamental do sujeito, ligação muitas vezes sentida como mortífera. Pelo fato da psicose não está amarrada pela significantização fálica e pelos semblantes do outro, a imagem do sujeito e suas representações não estarão recobertas pelo brilho fálico, o que a torna mais suscetível à invasão do real.

Durante a escola, a amiga Tatiana serviu de bengala imaginária. Na verdade, ela significava um ponto de enganchamento que permitia Lol apreender-se no plano imaginário. O desejo de Michael e o noivado lhe vestiram do brilho fálico que só lhe era acessível através de um semelhante. Na noite do baile, ao ser desvestida da suplência imaginária, passou a inventar o ser-a-três que deveria sustentá-la, mas só fez conduzi-la ao *fading*.

Por trás da cerca viva do jardim, Lol acompanhou um casal despontando no início da rua. O homem olhou a casa que acabara de ser pintada e o movimento dos jardineiros trabalhando. A mulher acompanhou o olhar dele com a indiferença de quem se dirige a algo conhecido. O casal trocou algumas palavras que, apesar do silêncio

da rua, Lol não escutou, a não ser a frase “*Talvez tenha morrido*”<sup>258</sup>, proferida pela mulher.

Na neurose, os objetos pulsionais - oral, anal, voz e olhar - são marcados pela castração,  $-\phi$ , o que lhes dá o estatuto de objeto perdido. O simbólico barra o objeto  $a$  e o imaginário o vela em  $i(a)$ , extraíndo-o do campo da realidade devido à inscrição do Nome-do-Pai. O neurótico só tem acesso ao objeto quando ele estiver marcado pelo vazio da castração, esvaziado de toda substancialidade ( $a/-\phi$ ) a ponto de ser apenas resto, dejetado desprendido do corpo.

Entretanto, na psicose, o Outro não está barrado pelo significante da Lei, gerando efeitos em todo o sistema significante e, conseqüentemente, acarretando distúrbios de linguagem. Por ser um Outro consistente que inclui em seu campo o objeto  $a$ , o que foi foracluído no simbólico retorna no real sob a forma de delírio. A voz como objeto  $a$ , rejeitada no real, aparece no campo da realidade como alucinação. Por isso, a alucinação verbal permite, em determinados casos, uma vetorização do psicótico em relação à construção de seu delírio. Após as palavras “*Talvez tenha morrido*”, Lol inventou sair às ruas e caminhar sem destino; era o início da retomada da fantasia do vestido.

A loucura se fez presente desde o início do romance pela fala de Tatiana, que percebia desde o colégio uma falta de presença na amiga. Mas o desencadeamento do delírio de Lol, Marguerite Duras reservou ao leitor no final do romance. Lol e Hold num quarto de hotel em T. Beach, ela sonhava com um tempo que, por inúmeras vezes, a tomou em sua fantasia: o desejo de Michael, o fim do baile, a fantasia do vestido. Hold foi o relator:

*Sou obrigado a despi-la. Ela não o fará por si mesma. Está nua. Quem está lá na cama? Quem, pensa ela? Estirada, não se mexe. Está inquieta. Está imóvel, fica onde a coloquei. Acompanha-me com os olhos, como um desconhecido, pelo quarto quando, por minha vez, tiro a roupa. Quem é? A crise*

---

<sup>258</sup> DURAS, M. – *O Deslumbramento*, op. cit., p. 28.

*está aí. Foi nossa situação neste momento, neste quarto em que estamos sós, ela e eu, que a desencadeou* <sup>259</sup>.

A forclusão desencadeia a psicose quando, no ponto em que o sujeito precisa convocar o Nome-do-Pai, há um puro buraco, **Po**, conforme já foi anunciado acima. A construção da metáfora delirante tem o objetivo de remediar estas consequências, restituindo um saber que delimite o gozo mortífero. A sustentação de um semblante se torna instável, motivo pelo qual o delírio representa um recurso na tentativa de conquistar uma amarração que o leve à estabilização da realidade.

*A psicose é assim considerada como a modalidade clínica que mais revela a natureza de semblante das relações humanas. Mostra, radicalmente, como o parceiro pode ser tomado em sua heterogeneidade mais absoluta. Desvela o quanto o amor se liga ao saber mortífero do outro sobre o ser do sujeito. Desnuda o sexo de todos os seus véus imaginários, mostrando a ligação última do prazer com a morte* <sup>260</sup>.

O desencadeamento do delírio aconteceu quando lhe foi oferecida a oportunidade de vivenciar o gozo da mulher a partir de seu próprio corpo. A impossibilidade de sustentar um corpo de mulher a levou ao impasse subjetivo que demonstrou ser inviável subjetivar este gozo deslocado para o corpo de um outro. No momento em que o ser-a-três deixou de funcionar, houve o desencadeamento da psicose e a crise se abriu.

*O termo francês déclenchement, desencadeamento, já assinalado por Lacan em sua tese de 1931, reunia, para este autor, uma causa acidental (encontro de Um-pai) à dissolução de elemento estabilizador (uma identificação) e essa dupla era associada a uma causa específica (forclusão do significante paterno). Em nossa tradição clínica, ele designa o início de uma psicose* <sup>261</sup>.

---

<sup>259</sup> Idem, ibidem, p. 142.

<sup>260</sup> MUÑOZ, N.M. – *Inventar o amor: um desafio na clínica das psicoses* (2005) Rio de Janeiro, UFRJ/IP, 2005, inédito, p. 170.

<sup>261</sup> GARCIA, C. – *A lei e a norma in Curinga - Escola Brasileira de Psicanálise* – nº 17, Minas Gerais, 2001, p. 15.

Lol estava em busca de significantes capazes de livrá-la da falta-a-ser, mas não como na histeria. Na neurose, a mulher que dirige o saber a uma outra que ela supõe desejada, ela o faz sempre a partir do não saber, um segredo que se sabe apenas no inconsciente e se manifesta em busca de uma interpretação. No caso de Lol, o que a dirigia a Tatiana estava dito, não tinha o estatuto de um segredo, “*o fantasma está aqui como realizado – ou mais exatamente passou ao real*”<sup>262</sup>.

Catherine Lazarus-Matet afirmou que o ser-a-três foi a maneira que Lol encontrou de fazer existir *A Mulher*, fazendo do arrebatamento uma experiência extrema da feminilidade<sup>263</sup>. Por não ter acesso ao significante que gera efeitos de significação, Lol não se situou na partilha dos sexos. O ser-a-três era uma construção que permitia Lol situar-se em sua existência. Elaborou uma cena para dar conta do que a reduziu a puro olhar e contribuiu para posicioná-la como dejetivo, um resto aniquilado, questão com a qual a psicose não sabe articular tal como faz a neurose. A fragilidade de Lol apareceu quando Hold, ao invés de se ocupar de Tatiana como objeto de seu gozo e se dar a ver a Lol, ao contrário, passou a se ocupar da própria Lol.

*As fórmulas de sexuação de Lacan ilustram seu famoso aforismo Não há relação sexual, ou seja, não há relação, em termos matemáticos, que possa ser escrita entre o homem e a mulher. Em primeiro lugar porque não existe A Mulher e porque o homem ao lidar eroticamente com uma mulher a reduz a um objeto e a mulher ao lidar assim com um homem o reduz a um significante*<sup>264</sup>.

### **3.7. Uma possibilidade de fazer existir *A Mulher***

De 1924 a 1932, Freud se deteve sobre a feminilidade. Acreditava que esta era uma conquista da menina em resposta à castração e descreveu três possibilidades de resolução: a

---

<sup>262</sup> MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso*, op. cit., p. 500. No original: “(...) el fantasma está aquí como realizado – o más exactamente pasó a lo real”.

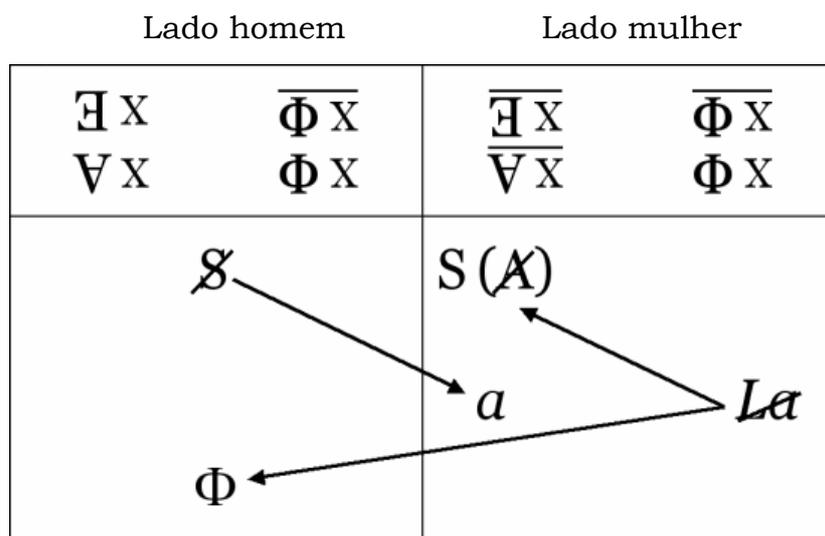
<sup>263</sup> Idem, *ibidem*, p. 493.

<sup>264</sup> QUINET, A. – *Teoria e clínica da psicose*, op. cit., p. 87.

neurose, a homossexualidade e a maternidade. Acreditou na maternidade como a saída mais sadia que uma mulher poderia escolher, pois indica que a *inveja do pênis*, o *penis-neid*, transformado no desejo de ter um filho, implica na aceitação do homem mediador entre ela e o falo. O feminino é marcado pelo impossível de se dizer e, não sendo passível de definição, permaneceu para Freud como um enigma.

Lacan retomou o enigma deixado na *Obra* de Freud e, em busca de uma resposta que definisse a mulher, trabalhou a articulação entre o amor e gozo. Esta questão foi desenvolvida por Lacan de forma especial em 1972, quando trabalhou as fórmulas quânticas de sexuação, explicitadas no quadro abaixo <sup>265</sup>. Diferenciou a parte masculina e a feminina do ser falante e introduziu a correspondência entre o gozo fálico e o gozo do corpo. Este último, o gozo suplementar.

As fórmulas de sexuação são a escritura lógica da inexistência da relação sexual e da impossibilidade de complementaridade entre os sexos. Lacan expressou em matemas o ser sexuado e as diferenças entre a sexualidade feminina e a masculina, ressaltando que elas não dependem do sexo biológico, e sim da maneira como cada um se inscreve na função fálica.



<sup>265</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 105.

Lacan escreveu quatro fórmulas proposicionais, duas do lado esquerdo e duas do lado direito do quadro. À direita está colocada a inscrição da parte mulher dos seres falantes que se define, ao nível da estrutura, por uma submissão não-toda à lei significante. Isto equivale a dizer que o feminino é não-todo marcado pelo gozo fálico e, conseqüentemente, não-todo determinado pelo inconsciente. No lado esquerdo se situa a parte dos seres falantes inscritos na função fálica, onde estão incluídos o Um, a universalidade e a possibilidade de se fazer conjunto.

No lado homem existe um quantificador universal que afirma que todos os seres falantes estão submetidos à castração, pois é pela função fálica que o homem toma lugar na linguagem apartado de um gozo todo:  $\forall x\Phi x$ . Para que esta fórmula seja verdadeira enquanto regra universal, é necessária a existência de uma proposição que a negue e afirme que existe uma exceção:  $\exists x\overline{\Phi x}$ . Apresenta o Pai do mito de *Totem e Tabu* que gozava de todas as mulheres só para ele, proibindo o gozo fálico a seus filhos. “*O todo repousa portanto, aqui, na exceção colocada, como termo, sobre aquilo que, esse  $\Phi x$ , o nega integralmente*”<sup>266</sup>.

As fórmulas proposicionais do lado direito das fórmulas quânticas de sexuação dizem que não existe nenhuma mulher que não esteja em relação com a função fálica, escrita na proposição  $\overline{\exists x\Phi x}$ . Ao mesmo tempo em que estão todas inscritas na função fálica, algo escapa a esta situação.  $\overline{\forall x\Phi x}$  indica que as mulheres estão, na partilha dos sexos, na ordem do não-todo, o que as inscreve com a falta de um significante que as represente e que lhes dê um modelo de identificação. É por não haver uma exceção no lado mulher das fórmulas quânticas que se torna impossível fazer o conjunto das mulheres e afirmar um universal. É pela inexistência de inscrição do significante mulher no inconsciente que lhes resta apelar para os

---

<sup>266</sup> Idem, ibidem, p. 107.

semblantes e fazer com que eles permitam a criação de uma imagem para cada uma delas, uma a uma.

Abaixo das fórmulas proposicionais, em escrita matemática, Lacan posicionou alguns símbolos e os articulou entre si. Do lado macho,  $\$$  e  $\Phi$ . Do lado feminino, o objeto  $a$ , o significante da falta do Outro codificado por  $S(\bar{A})$  e o significante da mulher barrada codificado por  $La$ .

O sujeito do inconsciente,  $\$$ , está vetorizado para o campo do Outro sexo em busca do objeto  $a$  localizado numa parte do corpo de uma mulher,  $\$ \rightarrow a$ . Nas fórmulas quânticas de sexuação, o homem só tem acesso à mulher reduzindo-a a um objeto erótico; daí só se é possível atingir a parceira através de  $a$ . Ao passo que a mulher se funda na inexistência e na negação do Universal, o que não a exclui de estar inscrita na função fálica, sempre não-toda. Assim, o desdobramento da mulher se faz da seguinte forma: de um lado aquilo que ela é enquanto  $\$$  e, de outro, o que ela é enquanto não-toda representada pelo significante.

O gozo fálico escreve uma mulher alinhada no lado masculino das fórmulas de sexuação,  $\forall x\Phi x$ , onde todos estão submetidos à lei da castração. A existência do gozo fálico faz existir um para além, um gozo suplementar das mulheres sobre o qual elas nada sabem e sobre ele, elas falam o que podem. Sendo assim, apenas uma parte do gozo feminino pode ser inscrita na ordem simbólica, a outra, resta sob o significante *enigma* que Freud associou à feminilidade.

O gozo do Outro é da ordem do real e, portanto, não se faz passível à subjetivação. Quando se dirige a  $S(\bar{A})$ , ela lida com o vazio. Lacan colocou neste matema a impossibilidade de o inconsciente ser de-todo inscrito, consequência da articulação que mantém com a metáfora do falo onde o Outro é barrado. Segundo Serge André, “ $S(\bar{A})$  é o significante para o qual todos os outros significantes representam o sujeito”<sup>267</sup>. A demanda de amor feminina é uma tentativa de inscrever a parte não-toda, onde o significante ex-siste ao simbólico. Ela parte da

---

<sup>267</sup> SERGE, A. – *O que quer uma mulher?* (1986) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 249.

inexistência do Outro sexuado, uma falha que marca o registro do gozo com uma divisão. Visa capturar o ser do Outro, mas nunca o atinge senão como um semblante para o qual tenta dar consistência de ser ao sujeito.

*Pois o que quer uma mulher, em última instância, é receber um suplemento de inconsciente – este suplemento que lhe permitiria existir como sujeito lá onde ela é apenas um corpo que goza* <sup>268</sup>.

O semblante tem a função de velar o nada tão comum às mulheres. Por mais que saibam da inadequação com que se apresenta ao Outro, vestidas de semblantes elas tentam dar conta da falta de identidade, da inconsistência corporal e da percepção do indizível. Em síntese, uma mulher demanda uma possibilidade de representação daquilo que, no próprio corpo, é da ordem do indizível.

Para Miller, os homens utilizam melhor um *savoir-faire* com os semblantes, pois através de suas construções culturais protegem aquilo que supõem existir no registro do ter <sup>269</sup>. Para o autor, as mulheres estão mais próximas do real e acreditam menos que seja possível inscrever este registro completamente na ordem simbólica por saberem que, atrás do véu, permanece um buraco.

Pelo fato da função fálica estar ausente na psicose, não é possível o sujeito utilizar o recurso dos semblantes para se situar na repartição entre os sexos. Há uma impossibilidade lógica de que ele se situe, no que diz respeito ao sexual, do lado universal dos homens. A foraclusão significa também que apenas os quantificadores que negam a função fálica podem estar presentes, impelindo o psicótico a se posicionar, enquanto exceção, nas fórmulas proposicionais. Nelas, quer seja do lado homem ou do lado mulher das fórmulas de sexuação que negam a função fálica, o psicótico está sempre posicionado no lugar do que falta ao Outro, tentando fazer existir a relação sexual que não existe e, conseqüentemente A Mulher.

---

<sup>268</sup> Idem, *ibidem*, p. 248.

<sup>269</sup> MILLER, J.-A. – *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós, 2001.

*Então, que lugar pode vir a ter o amor na psicose, uma vez que há, no sujeito psicótico, a certeza de ser possível fazer consistir a relação sexual, a certeza de poder vir a ser a mulher que falta aos homens?*<sup>270</sup>.

A primeira fórmula proposicional -  $\exists x\overline{\Phi x}$  - se refere à Mulher que não existe, porque não há uma exceção que permita uma regra para defini-las reunidas. Desta forma, como não se constitui o conjunto das mulheres, elas só podem ser faladas uma a uma.

*Lol, no tempo inaugural do baile, faz existir a feminilidade na mulher fatal, fora dela, figura onde se conjugam a beleza, o desejo e a morte. É uma figura inquietante em seu vestido negro, segura de seu corpo, segura de ser desejada*<sup>271</sup>.

A segunda fórmula proposicional -  $\exists x\overline{\Phi x}$  - matemiza o Um da exceção que, em sua irrupção, força o sujeito para o lado mulher das fórmulas de sexuação. O efeito do encontro com este Pai é o empuxo-à-Mulher, específico da psicose. Já que não existe nenhum ser falante que não esteja em relação com a função fálica, a tendência do psicótico é se situar no lado mulher na partilha dos sexos. Será possível dizer que o arrebatamento de Lol é um exemplo de empuxo-à-Mulher?

*Se a outra mulher encarna, para a histérica, uma pergunta – como ser mulher? -, para Lol, Tatiana encarna o corpo que goza. Lol não tem uma pergunta, mas uma solução para a ausência da relação sexual: ela a faz existir através d’A mulher que substitui o vazio do seu corpo. Não teríamos, aí, uma figura do empuxo-à-mulher?*<sup>272</sup>.

---

<sup>270</sup> REYMUNDO, O. – *El amor en la psicosis in Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* - nº 56, Bahia, 2006, p. 131.

<sup>271</sup> MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso*, op. cit., p. 492. No original: “Lol, en el tiempo inaugural del baile, hace existir la feminidad en la mujer fatal, fuera de ella, figura donde se conjugan la belleza, el deseo y la muerte. Es una figura inquietante en su vestido negro, segura de su cuerpo, segura de ser deseada”.

<sup>272</sup> ALVARENGA, E. – *O paradigma Lol V. Stein in Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental* (Revista do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais), ano 5, nº 8, novembro de 2002, p. 62.

A partir do trabalho com as fórmulas de sexuação, Lacan afirmou que “*A relação sexual não existe*”<sup>273</sup>. Tal inexistência refere-se à falta de uma justa medida que estabeleceria uma simetria entre homem e mulher. Portanto, o amor vem em suplência à impossibilidade de escrever uma relação que não há. No neurótico o amor está relacionado à significação fálica que o situa em um discurso capaz de vinculá-lo ao parceiro em uma relação amorosa. Mas, “*(...) a psicose é uma espécie de fracasso no que concerne ao cumprimento daquilo que é chamado ‘amor’*”<sup>274</sup>, por isso o amor nesta estrutura vai da erotomania à idealização delirante do objeto.

Se o amor é uma suplência à inexistência da relação sexual e o psicótico faz consistir esta relação, qual seria a função do amor nesta estrutura? Além do caráter desencadeante, o amor pode ser uma possibilidade de nomeação para o psicótico. Com o Nome-do-Pai pluralizado, a construção de um amor se tornou uma das saídas possíveis na psicose, capaz de fazer barreira ao gozo do Outro e de inscrever uma distância mínima entre o sujeito e o objeto *a* que o psicótico carrega consigo, por não ter sido extraído de sua relação com o campo da realidade. Na tentativa de evitar a relação mortífera e dessubjetivante que experimenta, a invenção de um amor permite ao psicótico relacionar-se de forma distinta com a alteridade.

O amor de Lol se configura na invenção do ser-a-três que lhe permitiu realizar uma metáfora de corpo. Ao efetuar a conjunção imagem-objeto, permaneceu aí ligada por um laço imaginariamente indissolúvel. Era a forma de Lol fazer existir *A Mulher*: deslumbrada, arrebatada, ser-a-três, objeto olhar, mancha, corpo mortificado. Retornando à definição lacaniana do amor, nas psicoses, trata-se sempre de um amor morto<sup>275</sup>.

---

<sup>273</sup> LACAN, J. – *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, op. cit., p. 62.

<sup>274</sup> Idem – *Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines* (1975) in *Scilicet 67*, Paris, Seuil, p. 35.

<sup>275</sup> Idem – *O Seminário, livro 3: as psicoses*, op. cit., p. 287.

## CONCLUSÃO

Só após ter encerrado a escrita desta dissertação, foi possível perceber que alguns pontos se apresentaram comuns aos três amores abordados. Para concluirmos, avançamos na afirmação destes elementos tal como foram explicitados por Lacan numa experiência analítica. Cada um deles com características particulares, descrevem questões consideradas relevantes para o entendimento do amor de uma forma mais ampla.

Em primeiro lugar, entendemos que a relação amorosa é marcada por uma dessimetria de lugares, ela é sempre constituída de um sujeito e de um objeto. No capítulo 1 foram apresentados o amante, *érastès*, e o amado, *érôménos*, dois termos que marcam a disparidade lógica. O amante é o sujeito do desejo, deseja aquele que supõe possuir o objeto precioso capaz de velar imaginariamente sua falta constitutiva - efeito de sua inscrição no campo simbólico. Aquilo que estruturalmente lhe falta, acredita que vai encontrar no outro através do amor, ignorando o fato que todo sujeito possui uma falta no lugar do objeto de seu desejo. O amado é o objeto amoroso desejado, aquele que supostamente tem em posse alguma coisa oculta e enigmática que atrai a atenção do outro para si.

No amor cortês, a Dama era situada como objeto elevado a um ideal. Esvaziada de toda substância real e situada numa função simbólica de causa de desejo, ela impelia o poeta à invenção de um saber-fazer para velar a impossibilidade de inscrevê-la completamente a partir da linguagem. O trovador, sujeito do desejo, lhe ofertava amor através de poesias cantadas e aceitava submeter-se ao ritual de vassalagem amorosa que mantinha constante o movimento do desejo. O amor cortês é paradigmático por situar o amor no lugar do desejo, colhendo daí suas consequências.

No terceiro capítulo, a disparidade entre o sujeito e objeto se apresenta de forma distinta. Por se tratar de uma psicose, Lol aparece dessubjetivada e submetida como objeto de gozo de uma alteridade mortífera. De acordo com Lacan, o desencadeamento da psicose propicia um recobrimento do simbólico pelo imaginário, acarretando uma forma particular de regressão ao Estádio do Espelho e inúmeros fenômenos imaginários no nível das representações do sujeito. Com este recobrimento, o sujeito fica abolido e reduzido a objeto do gozo do Outro, revelando a relação imaginarizada do psicótico com este campo. Apostamos que a construção de um amor seja uma possibilidade de fazer barreira ao gozo do Outro e de inscrever uma distância mínima entre o psicótico e o objeto *a* que carrega consigo, relacionando-se de forma distinta com a alteridade.

Em segundo lugar, algumas conclusões sobre o aforismo de Lacan *amar é dar o que não se tem*. É a partir da relação díspar estabelecida no par amoroso que Lacan afirma não haver sintonia no amor: o que falta a um não é o que o outro tem para dar. O primeiro capítulo apresentou o agalma como um objeto precioso, algo inapreensível sobre o qual se tem acesso apenas parcialmente em um semi-saber. Alcibíades supunha que Sócrates possuía aquilo que o tornaria um homem melhor porque via nele uma beleza de outra qualidade, um brilho que diferia dos demais e lhe propôs uma troca entre o viço de sua jovialidade pelo poder agalmático do saber de Sócrates. Sócrates sabia que o agalma suposto nele por Alcibíades

era falso, porque no lugar em que devia existir um objeto capaz de velar a falta do amante, só havia um vazio.

No capítulo 2, podemos citar a despersonalização real da mulher e sua posição enquanto uma função simbólica como elementos que compõe de forma exemplar este aforismo, na cortesia. Não havia nenhuma possibilidade de cantar a Dama sem que existisse uma barreira que a cercasse, deixando o trovador privado de algo que estava essencialmente ligado à constituição da estrutura significante. Por este motivo, ele encarnava a impossibilidade de oferecer a Dama um significante que a inscrevesse enquanto sujeito, no amor.

No terceiro capítulo trabalhamos sobre a metáfora do corpo de Lol. Por uma falha na metáfora paterna, o registro imaginário que vela o objeto  $a$  do campo da realidade, não exerce sua função,  $i(a)$  coincide com o objeto  $a$ , deixando sem véu o vazio do sujeito. Apartada da cena em que assistiria uma mulher sendo desvestido por um homem, ficou em déficit do desejo do Outro que lhe dava um corpo. A aparição do corpo nu de Anne-Marie, na fantasia do vestido, substituía o corpo de Lol gerando uma suplência e uma tentativa de metaforizarão do corpo. Foi precisamente a mesma substituição que Lol fez, no segundo ternário, em relação ao corpo de Tatiana. A presença de Lol deitada na direção da janela do quarto dos amantes era uma mancha no campo de centeio. Ela se tornou mancha na cena em que olhava Hold ocupar-se de Tatiana. “*Não é Lol quem olha, nem que seja pelo fato de que ela não vê nada. Ela não é o voyeur. O que acontece a realiza*”<sup>276</sup>. A substituição que Lol fez de seu corpo pelo de uma outra mulher era uma maneira de reintegrar-se, pois somente através de um corpo fora do seu que Lol permanecia ligada a si mesma.

Em terceiro lugar, a condição fundamental na conclusão desta dissertação, refere-se à afirmação de que entre sujeito e objeto existe uma impossibilidade de fazer existir a relação sexual, pois

---

<sup>276</sup> LACAN, J. – *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein* (1965) in *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 202.

o laço amoroso está invariavelmente inscrito numa estrutura de linguagem.

Alcibíades supôs que através do amor de Sócrates se tornaria um homem mais nobre, pois absorveria todo saber que acreditava haver no amado. Sócrates sabia que aquela crença era da ordem do engano, pois ali existia um vazio que toca o ponto de real onde não há possibilidade de inscrição significante. Podemos avançar utilizando o mito de Aristófanes, acrescido de uma leitura com a teoria de Lacan, dizendo que o tempo de completude humana foi finalizado com o corte mítico que inscreveu o homem no campo da linguagem e lhe instituiu a falta. Desde o corte, não há mais nenhuma possibilidade de se voltar àquele tempo, pois homens e mulheres não se encontram plenamente no campo do Outro.

Para Lacan o amor cortês é a invenção de um laço para-além da erótica, na medida em que encena o impossível da relação sexual <sup>277</sup>. Dizer com Lacan que não há relação sexual, que ela é da ordem do impossível de ser simbolizado de maneira sustentável num discurso, é dizer que a linguagem funciona em suplência à parte do real que escapa a significantização, e ao mesmo tempo aponta uma insuficiência ao ser articulada. Na tentativa de velar esta impossibilidade, as poesias são semblantes que pretendem fazer existir algo no lugar em que não existe nada além de um vazio. O amor cortês é um semblante que coloca a Dama sexualmente inacessível no lugar de *das Ding*, velando de maneira idealizada o real que existe no objeto desejado.

No capítulo III pudemos dizer que, pelo fato da função fálica estar ausente na psicose, não é possível ao sujeito utilizar o recurso dos semblantes para se situar na repartição entre os sexos. Os quantificadores que negam a função fálica nas fórmulas proposicionais podem estar presentes, impelindo o psicótico a se posicionar como exceção, no lugar do que falta ao Outro. Por este motivo, o psicótico

---

<sup>277</sup> STEVENS, A. – *Amor e Nome-do-Pai* (2006), in *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* - n.º. 56, Minas Gerais, agosto 2006, p. 21.

tenta fazer existir a relação sexual que não existe e, conseqüentemente A Mulher. Se o amor é uma suplência à inexistência da relação sexual e o psicótico faz consistir esta relação, qual seria a função do amor nesta estrutura?

Diversos outros pontos poderiam ter servido para equivalermos elementos dos amores apresentados na dissertação. Esta seleção foi orientada por algumas máximas lacanianas que nos causaram trabalho. A articulação pormenorizada destes elementos fica como projeto para um trabalho futuro de doutoramento.

No entanto, cabe ainda registrar uma indagação. Ou talvez lançar a pergunta que poderá servir de bússola para um futuro trabalho. Lol seria uma psicose paranóide? Será que o conceito de empuxo-à-Mulher - tal como inventado por Lacan quando de referiu à paranóia de Daniel Paul Schreber - se aplica da mesma forma à psicose de Lol Valérie Stein?

Seguindo a orientação laciana recentemente promovida por Jacques-Alain Miller em “*A psicose ordinária*”<sup>278</sup> entendemos que se trata de reconceitualizar a clínica das psicoses em termos de analisar os casos frequentes, corriqueiros que acontecem sob o título de “psicoses ordinárias”. Trata-se de casuísticas onde o desencadeamento não ocorre da mesma forma que as psicoses psiquiatrizadas, surtadas, medicadas. A partir do que vem sendo nomeado por Miller como a segunda clínica de Lacan, trata-se agora de partir da psicose *sinthomatizada*, ou seja, a que toma como ponto de partida o *sinthoma*, o modo particular com o que cada sujeito sustenta sua modalidade de gozo.

Esta nova forma de lidar com a clínica das psicoses têm por objetivo compreender melhor os casos inclassificáveis da clínica psicanalítica e retirar determinados sujeitos da nomenclatura de *borderline*. Marguerite Duras sugere, ao final do livro, que houve uma despersonalização quando Lol, fechada em um quarto com Hold, julga que a polícia está chegando e que ela é Tatiana Karl. Mas nada faz crer,

---

<sup>278</sup> MILLER, J.-A. et al – *La psicosis ordinaria: la convención de Antibes*. Buenos Aires, Paidós, 2005.

ou melhor, a autora não prossegue na descrição do que poderia ser interpretado como desencadeamento da psicose propriamente dita. Resta a dúvida.

Ao final do trabalho, sempre restam dúvidas. O resto permanece sempre. É neste sentido que pretendemos pensar um aprofundamento sobre a questão da psicose deixando claro que permanecerá como metas de trabalho as referências de Lacan que define o amor como um inclassificável <sup>279</sup>.

---

<sup>279</sup> LACAN, J. – *O seminário, livro 8: a transferência* (1960-1961) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p. 108, 112-113 e 154.

## BIBLIOGRAFIA

- (01) ALVARENGA, E. – *O Paradigma Lol V. Stein in Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental*, Minas Gerais, nº. 8, ano 5, Novembro de 2002.
- (02) CALDAS, H. – *Aristófanés: o saber e a comédia*, in MOTTA, M. e JIMENEZ, S. (Org.), O desejo é o diabo: as formações do inconsciente em Freud e Lacan, Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1999.
- (03) CAMPOS, A. - Verso, reverso, controverso. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988.
- (04) \_\_\_\_\_ - Mais Provençais. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- (05) CASTANET, H. – *Sublimação e Nome-do-pai in Scilicet dos Nomes do Pai*. AMP, Textos preparatórios para o Congresso de Roma de julho de 2006.
- (06) CONTE, C. – O Real e o Sexual: de Freud a Lacan (1992), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- (07) DURAS, M. – O Deslumbramento (Le ravissement de Lol V. Stein) (1964), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- (08) FERREIRA, N. P. “et al.” - Psicanálise e Nosso tempo. Rio de Janeiro: Editora Agora da Ilha, 2002.
- (09) \_\_\_\_\_ - Paixão e revolução (1997), Rio de Janeiro, EdUERJ, 1997.
- (10) FINK, B. “et. al.” - Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- (11) FREUD, S. – *Carta 61 (1897) in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago vol. I, 1996.
- (12) \_\_\_\_\_ - *Estudos sobre a histeria (1893-1895), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, vol. II, 1996.
- (13) \_\_\_\_\_ - *As neuropsicoses de defesa (1894), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, vol. III, 1996.

- (14) \_\_\_\_\_ - *Observações adicionais sobre a neuropsicose de defesa* (1896), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, vol. III, 1996.
- (15) \_\_\_\_\_ - *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905 [1901]) in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, vol. VII, 1996.
- (16) \_\_\_\_\_ - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* [1905], in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, vol. VII, 1996.
- (17) \_\_\_\_\_ - *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, vol. X, 1996.
- (18) \_\_\_\_\_ - *Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)* [1910], in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, vol. XI, 1996.
- (19) \_\_\_\_\_ - *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)* (1911), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, vol. XII, 1996.
- (20) \_\_\_\_\_ - *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* [1912], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XI, 1996.
- (21) \_\_\_\_\_ - *A dinâmica da transferência* (1912), in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XII, 1996.
- (22) \_\_\_\_\_ - *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912), in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XII, 1996.
- (23) \_\_\_\_\_ - *Sobre a Psicanálise* (1913 [1911]) in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XII, 1996.
- (24) \_\_\_\_\_ - *Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)* (1913), in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XII, 1996.
- (25) \_\_\_\_\_ - *Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise II)* (1914), in Edição Standard Brasileira

das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XII, 1996.

(26) \_\_\_\_\_ - *Observações Sobre o Amor Transferencial (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise)* [1915[1914]], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XII, 1996.

(27) \_\_\_\_\_ - *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* [1914], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XIV, 1996.

(28) \_\_\_\_\_ - *À Guiza de Introdução ao Narcisismo* [1914], in Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente, Rio de Janeiro, Imago Ed., 2004.

(29) \_\_\_\_\_ - *História do Movimento Psicanalítico* [1914], in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XIV, 1996.

(30) \_\_\_\_\_ - *Os Instintos e Suas Vicissitudes* [1915], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XIV, 1996.

(31) \_\_\_\_\_ - *O Recalque* [1915], in Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente, Rio de Janeiro, Imago Ed., 2004.

(32) \_\_\_\_\_ - *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1916-1917 [1915-1917])*, in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XV, 1996.

(33) \_\_\_\_\_ - *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise* [1917], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XVII, 1996.

(34) \_\_\_\_\_ - *O Estranho* [1917 – 1919], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XVII, 1996.

(35) \_\_\_\_\_ - *Além do Princípio de Prazer* [1920], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XVIII, 1996.

(36) \_\_\_\_\_ - *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* [1921], in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XVIII, 1996.

- (37) \_\_\_\_\_ - *Dois Verbetes de Enciclopédia* (1923 [1922]) in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XVIII, 1996.
- (38) \_\_\_\_\_ - *Neurose e psicose* (1924[1923]), in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XIX, 1996.
- (39) \_\_\_\_\_ - *O Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, vol. XXI, 1996.
- (40) \_\_\_\_\_ - *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise* (1933[1932]) in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, vol. XXII, 1996.
- (41) GARCIA, C. – *A Lei e a Norma in Curinga - Escola Brasileira de Psicanálise*, Minas Gerais, n°. 17, 2001.
- (42) GARCIA-ROZA, L. A. – *Artigos de Metapsicologia, 1914-1917: Narcisismo, Pulsão, Recalque, Inconsciente* (1995) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
- (43) GAZZOLA, L. R. - Estratégias na neurose obsessiva. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- (44) GUYOMARD, P. – O Gozo do Trágico: Antigona, Lacan e o desejo do analista. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.
- (45) JORGE, M.A.C. – Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v. 1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- (46) JULIEN, P. - O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise (1995), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.
- (47) KRUGER, F. – *Transferência 1, in Scilicet dos Nomes do Pai*. AMP, Textos preparatórios para o Congresso de Roma de julho de 2006.
- (48) LACAN, J. - O Seminário, livro 1, Os Escritos técnicos de Freud [1953-1954], Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.
- (49) \_\_\_\_\_ - O Seminário, livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-55), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- (50) \_\_\_\_\_ - O Seminário, livro 3, As Psicoses (1955-56), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

- (51) \_\_\_\_\_ - O Seminário, livro 4, A relação de objeto (1956-1957), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- (52) \_\_\_\_\_ - O Seminário, Livro 5, As formações do Inconsciente [1957 – 1958], Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- (53) \_\_\_\_\_ - O Seminário, livro 7, A ética da Psicanálise [1959-1960], Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- (54) \_\_\_\_\_ - O Seminário, livro 8, A Transferência [1960-1961], Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- (55) \_\_\_\_\_ - O Seminário, livro 9, A Identificação (1961-1962), inédito.
- (56) \_\_\_\_\_ - O Seminário, livro 10, A Angústia [1962-1963], Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- (57) \_\_\_\_\_ - O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964], Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- (58) \_\_\_\_\_ - O Seminário, livro 20, Mais, Ainda (1972-73), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- (59) \_\_\_\_\_ - O Seminário, livro 22, RSI [1974 – 1975], inédito.
- (60) \_\_\_\_\_ - *O Tempo Lógico e a Asserção de certeza antecipada* (1945) in Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- (61) \_\_\_\_\_ - *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu* (1949) in Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- (62) \_\_\_\_\_ - *Intervenção sobre a transferência* (1951), in Escritos [1966], Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- (63) \_\_\_\_\_ - *Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines* (1975) in Scilicet 67, Paris, Seuil.
- (64) \_\_\_\_\_ - *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein* (1965) in Outros Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- (65) \_\_\_\_\_ - *Televisão* in Outros Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- (66) LE BRUN, J. - El Amor Puro, de Platón a Lacan (2002), Buenos Aires, Literales Ediciones, 2004.

- (67) LÉVI-STRAUSS, C. - As estruturas elementares do parentesco (1949), Petrópolis, Editora Vozes, 1982.
- (68) MANZETTI, R. E. - *Transferência 2*, in Scilicet dos Nomes do Pai. AMP, Textos preparatórios para o Congresso de Roma de julho de 2006.
- (69) MILLER, J.A. - *A transferência de Freud a Lacan* (1979), in Percurso de Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- (70) \_\_\_\_\_ - *Clínica irônica* in Matemas I (1987), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.
- (71) \_\_\_\_\_ - *O real é sem lei* in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - São Paulo, Eolia Editora, n.º. 34, outubro/2002.
- (72) \_\_\_\_\_ - *O último ensino de Lacan* in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, Eolia Editora, n.º. 35, 2003.
- (73) \_\_\_\_\_ - *A invenção psicótica* (1999) in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, Eolia Editora, n.º. 36, Maio/2003.
- (74) \_\_\_\_\_ - De la naturaleza de los semblantes (2001), Buenos Aires, Paidós, 2001.
- (75) \_\_\_\_\_ - La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- (76) \_\_\_\_\_ - Los usos del lapso (1999-2000), Buenos Aires, Paidós, 2004.
- (77) MUÑOZ, N.M. - Inventar o Amor: um Desafio na Clínica das Psicoses (2005), Rio de Janeiro, UFRJ/IP, 2005, inédito.
- (78) PEITIEU, G. - Verso, Reverso, Controverso. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988.
- (79) PLATÃO - O Banquete. Belém, EDUFPA, 2001.
- (80) QUINET, A. - Teoria e Clínica da Psicose (1988), Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2006.
- (81) \_\_\_\_\_ - *As Formas de Amor na Partilha dos Sexos*, in JIMENEZ, S. (Org.), A mulher: na psicanálise e na arte. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1995.

- (82) \_\_\_\_\_ - Um Olhar a Mais: Ver e Ser Visto na Psicanálise (2002), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.
- (83) \_\_\_\_\_ - Psicose e Laço Social (2006), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.
- (84) RAJCHMAN, J. - Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- (85) REY-FLAUD, H. - La névrose courtoise. Navarin Éditeur, 1983.
- (86) REYMUNDO, O. - *El Amor en la Psicosis in* Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Bahia, nº. 56, 2006.
- (87) REYNAUD, E. - Teresa de Ávila ou o divino prazer. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- (88) RIBEIRO, M. A. - *A pulsão e seus destinos, in* MOTTA, M.B. e RIBEIRO, M.A. (Orgs.), Os destinos da pulsão. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1997.
- (89) RINALDI, D. - A ética da diferença. Rio de Janeiro, EdUERJ, Jorge Zahar Editor, 1996.
- (90) ROUGEMONT, D. - A história do amor no ocidente. São Paulo, Ediouro, 2003.
- (91) RUBIÃO, L. - *Variantes do amor cômico, in* Curinga - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, Minas Gerais, Contra Capa Editora, nº. 23, novembro de 2006.
- (92) SERGE, A. - *O Que Quer uma Mulher?* (1986), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- (93) SPINA, S. - A lírica trovadoresca. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- (94) TABOAS, C. G. - *Cristianismo, in* Scilicet dos Nomes do Pai. AMP, Textos preparatórios para o Congresso de Roma de julho de 2006.
- (95) TEIXEIRA, A. - *O Casamento do Obsessivo com a Histórica* (2006), *in* Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - nº. 56, Minas Gerais, agosto 2006.
- (96) TORRES, M. - *Semblante e Nome-do-Pai: Lacan 10 e Meio in* Scilicet dos Nomes do Pai. AMP, Textos preparatórios para o Congresso de Roma de julho de 2006.

(97) TRIONE, M. G. – *Más Allá... El Amor*, Linda Katz (Org.), in Enlaces, Buenos Aires, EOL, 2000.

(98) VIGANÒ, C. – *A Clínica Psicanalítica na Prática Institucional in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, Eolia Editora, n.º. 38, dezembro/2003, p. 73-83.

(99) ZENONI, A. – *Igreja*, in Scilicet dos Nomes do Pai. AMP, Textos preparatórios para o Congresso de Roma de julho de 2006.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)